



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

JOAQUIM KAYK BRENO CONRADO

**DISCUTE-SE FUTEBOL, SIM: FUTEBOL, POLÍTICA E TORCIDAS (1970-
1980)**

TERESINA-PI

2020

JOAQUIM KAYK BRENO CONRADO

**DISCUTE-SE FUTEBOL, SIM: FUTEBOL, POLÍTICA E TORCIDAS (1970-
1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Claudia Cristina da Silva Fontineles.
Linha de pesquisa: História, Cidade, Memória e Trabalho

**TERESINA – PI
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

C754d Conrado, Joaquim Kayk Breno
Discute-se futebol, sim: futebol, política e torcidas (1970 – 1980)
/ Joaquim Kayk Breno Conrado. – 2021.
119 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós- Graduação
em História do Brasil, Teresina, 2021.

“Orientação: Prof.^a Dr.^a Claudia Cristina da Silva Fontineles.”

1. Futebol. 2. Política. 3. Torcedores. 4. História. I.
Fontineles, Claudia Cristina da Silva. II. Título.

CDD 796.334

JOAQUIM KAYK BRENO CONRADO

**DISCUTE-SE FUTEBOL, SIM: FUTEBOL, POLÍTICA E TORCIDAS (1970-
1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Claudia Cristina da Silva Fontineles.
Linha de pesquisa: História, Cidade, Memória e Trabalho

Teresina, 28 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Claudia Cristina da Silva Fontineles
Orientadora – PPGHB – UFPI

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento
Examinador Interno – PPGHB – UFPI

Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho
Examinador Interno – PPGHB – UFPI

Prof.^a Dr.^a Paula Maria Guerra Tavares
Examinadora Externa – UNIPORTO

2020

Aos meus avós.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são inicialmente para os meus pais, Joaquim Alves de Sousa Filho e Alessandra Rodrigues Bezerra. Homem e mulher trabalhadores que sonharam para seus filhos um futuro melhor através dos estudos. Sem eles, eu nada seria.

Gostaria de agradecer também minha orientadora, a professora Dra. Claudia Cristina da Silva Fontineles. Desde a graduação ela apostou e lutou para que eu desse prosseguimento as minhas pesquisas. Entre palavras duras e outras reconfortantes, tenho nela um exemplo de pessoa, professora e pesquisadora.

Também devo agradecer, e muito, minha companheira Sara. Além de se preocupar com a escrita de sua própria dissertação de mestrado, ainda conseguia tempo para ler o meu. Entramos juntos no mestrado, eu no de História do Brasil e ela no de Políticas Públicas, entre angustias, noites mal dormidas e muita correria, nunca faltou companheirismo para dividir as pequenas conquistas. Com ela aprendi que “dois igual a um é soma”.

Não poderia deixar de citar a professora Dra. Sabrina Steinke. Tenho uma dívida especial com ela por ter me disponibilizado o Núcleo de História Oral, foi lá que obtive um espaço confortável e um ambiente intelectual propício para o desenvolvimento da pesquisa. Mais importante que toda a estrutura, foi lá que fiz uma grande amiga. Chefinha, muito obrigado!

Ao professor Dr. Alcides do Nascimento, agradeço a disponibilidade e atenção por ter me ajudado desde o início da pesquisa. Aprendi muito na disciplina de seminário de linha, mas talvez tenha aprendido ainda mais nas conversas informais pelo Núcleo de História Oral e também nos bate-papos sobre futebol acompanhados de um bom café.

Agradeço ao professor Dr. Pedro Pio, por ter aceitado participar desde a qualificação do trabalho, a partir dele consegui contribuições valiosas para o prosseguimento da pesquisa. Também à professora Paula Maria Guerra Tavares, que mesmo no fim dessa jornada aceitou partilhar o seu conhecimento comigo.

Quero também deixar registrado meu agradecimento a senhora Maria de Fátima, ou simplesmente “Fatinha”, como gosto de chamá-la. A Tia Fátima, como é mais conhecida pelos corredores do Centro de Ciências Humanas e Letras, possui uma pequena barraca com produtos diversos. Ao longo dos 8 anos que estive na UFPI, sempre dividi

sorrisos e segredos com essa mulher batalhadora. Ela nunca me deixou faltar café e nem carinho.

Agradeço muito o pesquisador e amigo Deusdete Barros, um grande conhecedor do futebol local. Foi ele quem me disponibilizou algumas fontes que deram folego para a conclusão dessa pesquisa. À Mayra Moura, minha gratidão por sempre ser tão solícita e também por ter dado reconhecimento a minha pesquisa, disponibilizando-a para alguns jovens pesquisadores de futebol da Universidade Estadual do Piauí.

Meu muito obrigado ao professor Dr. Túlio Henrique. Aprendi muito na disciplina de História e Memória, um grande professor que acabou se tornando também um amigo.

Não poderia deixar também de reconhecer a importância da amizade do Sthenio, mesmo antes de eu ingressar no mestrado, nós já dividíamos aprendizados e também boas risadas. Mesmo não pesquisando a mesma temática, sempre me ajudou bastante a pensar os problemas da pesquisa.

Ao Diego, Chico e Josias, obrigado pela parceria, por terem acreditado e me apoiado nos momentos mais difíceis. Divido com vocês minhas alegrias de vida!

Aos companheiros de mestrado, Júlio César, Júlio Eduardo, Simoni, Kézia, Vivian, Thiago, Lincoln, Miura e tantos outros, obrigado por terem tornado essa caminhada mais leve.

Pelo incentivo, agradeço minhas amigas Samia, Gigi, Lara, Layne, Danielle, Candida, Helaine e também os queridos Kaio, Jorge, Arthur, John, Stalone e Luan. Também agradeço minhas primas/irmãs Camila e Vitória, que mesmo de longe, sempre demonstraram preocupação com o andamento da pesquisa.

Por fim, não posso deixar de agradecer meu irmão Phillip e minha cunhada Alda, que me deram uma sobrinha, esse pedacinho de gente chamado Laura, me fez ressignificar o sentido da palavra amor.

Aquele moleque, que sobrevive como manda o dia-a-dia

Tá na correria, como vive a maioria

Preto desde nascença, escuro de sol

Eu tô pra vê ali igual, no futebol

(Racionais MC's)

RESUMO

Este trabalho analisa as relações desenvolvidas entre o futebol, a política e os torcedores, no contexto local e nacional durante as décadas de 1970 e 1980. Os anos de 1970 marcam uma maior aproximação do regime ditatorial com o esporte mais popular do Brasil, utilizando-o como mecanismo de promoção governamental. Teresina, nesse mesmo período, também se inseriu nesse contexto, contudo, mantendo algumas particularidades locais. Nesse sentido, procurou-se investigar as maneiras que sujeitos se inseriram ou se mantiveram na política local através do uso dos times de futebol, como o Flamengo, River e o Tiradentes. Ao mesmo tempo procurou-se verificar a formação e a atuação dos grupos de torcedores dentro dessas complexas relações, estabelecendo também uma relação entre os cenários local e nacional. Tomou-se como base uma perspectiva teórica na qual a História do Esporte compõe um campo de investigação próprio da história. A História Oral ao dialogar com conceitos de memória e identidade estabelecidos por autores como Maurice Halbwachs e Stuart Hall, se tornou um método de compreensão das múltiplas relações estabelecidas no período estudado. O trabalho mostra que as disputas dentro da política local refletiram nos embates travados entre os clubes dentro e fora de campo, onde muitas vezes as alianças políticas se sobrepuseram aos resultados conquistados nos gramados. Os torcedores, longe de serem meros espectadores desse período conturbado, se mostraram como agentes com interesses próprios, adentrando, dessa forma na conturbada relação entre futebol e política no período.

Palavras-chave: Futebol. Política. Torcedores. História.

ABSTRACT

This work analyzes the relations developed between soccer, a politics and the fans, without local and national context during the 1970s and 1980s. The 1970s marked a closer relationship between the dictatorial regime and the most popular sport in Brazil, using the governmental promotion mechanism. Teresina, in that same period, also inserted itself in this context, however, maintaining some local peculiarities. In this sense, we sought to investigate the ways that subjects were inserted or maintained in local politics through the use of soccer teams, such as Flamengo, River and Tiradentes. At the same time, we sought to verify the formation and performance of groups of fans within these complex relationships, also establishing a relationship between the local and national scenarios. A theoretical perspective was taken as a basis in which the History of Sport makes up a field of investigation specific to history. Oral History dialoguing with concepts of memory and identity established by authors such as Maurice Halbwachs and Stuart Hall, became a method of understanding the multiple relationships established in the studied period. The work shows that disputes within local politics reflected in the clashes between clubs on and off the field, where political alliances often overlapped the results achieved on the pitch. The fans, far from being mere spectators of this troubled period, showed themselves as agents with their own interests, thus entering the troubled relationship between football and politics in the period.

Keywords: Football. Policy. Supporters. Story.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Campeonato Brasileiro 1973	89
---	----

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Vista aérea da construção do Maracanã	40
Imagem 2 – Manchete do jornal Correio da Manhã	41
Imagem 3 – Mundo esportivo após a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950	43
Imagem 4 – Médici levanta a taça da Copa de 1970	48
Imagem 5 – Dicas de resultados na Revista Placar	51
Imagem 6 – Lista de estádios construídos ou reformados durante o regime militar	52
Imagem 7 – Vista aérea da construção do estádio Albertão	53
Imagem 8 – Campanha publicitária sobre a construção do Albertão	57
Imagem 9 – Jogadores do Tiradentes em 1973	68
Imagem 10 – Torcedores com as faixas de campeão piauiense de 1973	75
Imagem 11 – Membros da diretoria exibem a faixa de campeão piauiense de 1973	79
Imagem 12 – Membros da torcida “EMBRIAGALO” exibem faixa no Albertão	91
Imagem 13 – Primeira sede social do Flamengo Esporte Clube	96
Imagem 14 – Espaços da sede social do Esporte Clube Flamengo no bairro Bela Vista	97
Imagem 15 – Diretoria do River e convidados em frente a nova sede social do clube	98
Imagem 16 – Protesto feito por integrantes da torcida corinthiana em 1979	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. PENSAR O FUTEBOL: A “FUTEBOLOGIA”	20
1.1 Preleção: algumas palavras de aquecimento.	20
1.2 Autoritarismo e populismo: a consolidação do esporte das multidões	35
2. DUPLA DE ATAQUE: FUTEBOL E POLÍTICA	45
2.1 O Brasil veste a camisa: o futebol dentro do projeto de integração nacional	45
2.2 Dos clubes aos palanques: o uso político do futebol em Teresina	57
2.3 Um nó tático: a Sociedade Esportiva Tiradentes no jogo da política.	65
3. TERRITÓRIOS DO TORCER	72
3.1 “Crer, torcer, distorcer”: um breve histórico sobre as categorias de torcedores	72
3.2 As torcidas e os clubes na cidade	84
3.3 “Esse jogo não é um a um”: as torcidas no jogo da política	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho trata das relações entre futebol, política e torcidas no Brasil e em Teresina entre as décadas de 1970 e 1980, esse período corresponde a dois momentos distintos do governo ditatorial que se instaurou no Brasil em 1964, sendo eles o de maior repressão e o de distensão política, respectivamente. Para falar sobre essa relação, escolhemos inicialmente refletir um pouco sobre o espaço que o futebol ocupa na sociedade brasileira e também na vida pessoal desse aprendiz de historiador.

Acredito que o fascínio pela história é em primeiro lugar o fascínio pelo particular, ao escolher a temática do futebol relembro as tardes de domingo de boa parte da minha infância, meu avô sempre me levava aos jogos do seu time de coração, o Piauí¹. Não consegui herdar a sua paixão por um time local, porém o amor pelo futebol permaneceu, seja jogando ou torcendo. Quando criança sempre sonhei em ser jogador de futebol, acredito que boa parte das crianças que sonhavam com um futuro mais próspero viam no futebol a solução de todos os seus problemas. Não podendo realizar esse sonho, fui seguindo a via dos estudos, que embora mais difícil, também permitiu modificar a minha realidade.

Enquanto torcedor, optei por torcer pelo Palmeiras, a escolha se deu pela grande projeção que a equipe obteve no final dos anos 1990, enquanto muitos torcedores são influenciados pelos pais na escolha de seus times, o meu apenas me impôs algumas restrições, o Fluminense – que é o seu time de coração – e o Flamengo, seu maior rival. Para esses dois eu não poderia torcer. O fato é que ao longo da minha vida a paixão pelo futebol foi crescendo, paixão essa que me deixa noites em claro, seja pela euforia de uma vitória ou pela tristeza de uma derrota.

Como historiador, sempre me interessei pela temática futebolística, tendo iniciado as pesquisas ainda na graduação, que deram origem à monografia intitulada “Modernidade em campo: futebol, imprensa e sociedade (2002 – 2014)”², na qual tratei da cobertura jornalística nas copas do mundo. A mudança de objeto se deu já durante o mestrado, no qual as investigações passaram também para a esfera do torcedor, resultando na publicação, em conjunto com a professora Claudia Cristina da Silva Fontineles, do

¹ O “Piauízão vibrante”, como é popularmente conhecido, surgiu no bairro Buenos Aires, e este foi seu primeiro nome, quando criado em 15 de agosto de 1948. Logo mudou para Piauí Esporte Clube, por sugestão do comentarista Carlos Said, e filiou-se à Federação Piauiense de Desportos (hoje FFP), no final do ano 1950, oportunidade em que sagrou-se Campeão Piauiense de Futebol da 2ª Divisão, no ano de 1957, passando para a divisão principal no ano seguinte.

² CONRADO, Joaquim K. Breno. **Modernidade em campo: futebol, imprensa e sociedade (2002 – 2014)**. 2017. 78 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Piauí. 2017.

artigo “Torce-se como se vive: futebol, torcidas e identidades”³ no Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas. Assim, optei pelo estudo do futebol justamente por essa paixão que meu time de coração provoca. É algo que só entende quem sente.

Nelson Rodrigues⁴, um dos maiores cronistas esportivos do Brasil, interpretou o futebol como algo imponderável, a representação⁵ dos dramas e alegrias da vida. Para nós, o futebol se revelou tão enigmático quanto a própria ciência histórica, mas ao mesmo tempo um campo de estudo muito fecundo a partir do momento que entendemos nesse esporte um evento muito mais profundo que o simples ato de chutar uma bola, pois ele confere uma infinidade de sentidos para os seus mais variados participantes e legitima os sentimentos provocados em seus aficionados.

As pesquisas destinadas ao futebol abriram um campo que vem crescendo dentro das instituições de ensino pelo Brasil. Uma ciência social do futebol vem se desenvolvendo e ganhando diversas temáticas, seja na antropologia, na história ou na sociologia. A importância do estudo do futebol no Brasil encontra diversas justificativas, podemos citar o fato de este ser o esporte mais popular do planeta, sua articulação com o desenvolvimento capitalista no decorrer do século XX, sua utilização política no Brasil, fazendo do esporte símbolo de identidade nacional, por ter sido utilizado como parte de um processo civilizador e modernizador, projetando corpos padronizados através da prática esportiva. Permitiu ascensão de camadas populares, refletiu (e ainda reflete) os preconceitos de uma sociedade que durante muito tempo conviveu com a escravidão, serviu durante os anos mais opressores como escudo para críticas aos governos autoritários e foi vendido para o mundo como símbolo do brasileiro. Acrescento ainda que além desses fatores é necessário pensá-lo como parte rica para o entendimento de uma relação entre sociedade e cultura.

Para Roberto DaMatta, o futebol constitui um universo repleto de particularidades e que por isso ele deveria ser entendido dentro de contextos específicos em diferentes sociedades. Ao observar o conceito de esportes na sociedade inglesa, DaMatta observa que:

³ CONRADO, Joaquim K. Breno; FONTINELES, Cláudia Cristina Silva. Torce-se como se vive: futebol, torcidas e identidades. **Anais do Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas**. ISBN 978-85-509-0387-3. Disponível em: <<https://sinespp.ufpi.br/2018/anais.php>>.

⁴ Nelson Falcão Rodrigues (1912 - 1980) foi um escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro. É considerado o mais influente dramaturgo do Brasil.

⁵ Para Roger Chartier (1990) a representação possui uma dupla função: a distinção entre aquilo que representa e aquilo que é representado e a apresentação pública de algo ou alguém.

A tônica da conceituação do “esportivo” no universo social anglo-saxão é na competição, na técnica e na força, ficando a sorte em último lugar. Parece, pois, que, nos Estados Unidos e na Inglaterra, o domínio do esporte tem muito a ver com um realce no controle do físico e na coordenação de indivíduos para formar uma coletividade. Tudo, enfim, que conduz a uma luta pelo controle do mundo exterior ou do que vem de fora. Ao passo que, no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um **jogo**. É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino⁶.

Desse modo, o antropólogo Roberto DaMatta, acredita que o futebol brasileiro possui as suas particularidades, seria um esporte com aspectos quase místicos. Assim, é possível tomarmos o esporte bretão⁷ como sendo capaz de provocar uma série de representações do mundo social.

No Brasil criou-se o mito de que somos o país do futebol, os mais apaixonados, os mais entendidos, somos nós que possuímos um dom natural para a prática deste esporte – sobretudo se os pés que o praticam forem pretos e pobres – e justamente por isso, somos os maiores campeões dentre todas as nações. Esse mito deve-se muito à imprensa esportiva, grande responsável por afagos no ego futebolístico presente em boa parte dos brasileiros, mesmo que recentemente o espírito da autocrítica esteja pairando as redações dos jornais e a mística sobre o país do futebol esteja sendo questionada – boa parte disso se deve aos recentes fracassos do selecionado verde e amarelo.

Contudo, é inegável que o esporte bretão seja parte do nosso cotidiano, ao longo do século passado o futebol constituiu-se como uma instituição com grande reconhecimento na sociedade, hoje o futebol está em nossos lares, faz parte do currículo escolar, através da educação física, de um forma ou de outra esse esporte está presente em nosso dia a dia. Por estar diretamente relacionado com a coletividade, ao passo que esta se transforma, o futebol também se modifica, e essa é justamente a maior fonte de riqueza para o entendimento de uma sociedade, perceber as mudanças sociais tendo como principal fonte de análise o futebol e as suas expressões, que são capazes de manifestar paixões, valores, ideologia, cultura, contradições, manifestações populares, que são próprias de uma sociedade.

A partir dessa percepção não é possível entender o futebol como expressão de uma dada sociedade sem antes o historicizar, Franco Júnior é assertivo ao afirmar que “nenhum relato sobre o futebol é completo sem a história, mundial ou nacional, ou pelo

⁶ DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (et al.). **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 25.

⁷ O futebol é também chamado de esporte bretão dada a sua origem Bretanha.

menos a local”⁸. No Piauí, o futebol como prática profissional demora a consolidar-se, esbarrando muitas vezes na falta de organização dos campeonatos futebolísticos, na falta de estrutura dos clubes e no amadorismo dos que geriam o esporte, essas facetas acabam refletindo de certa forma o próprio processo de modernização da cidade de Teresina que se deu de forma similar.

Acelera-se assim o processo de deslocamento de parte da população da área urbanizada para fora do centro antigo e da ‘cidade-mãe’. As edificações invadiam territórios pouco ou nada preparados para recebê-las, uma vez que os bairros não dispunham de serviço de abastecimento d’água, o serviço de energia elétrica era precário e raras as ruas com calçamento. O aumento da população e a expansão da cidade provocaram o colapso dos sistemas de abastecimento de água e energia elétrica⁹.

Assim como o futebol a cidade passava por transformações importantes em meados dos anos 1950. É nesse período que surgem diversas instituições com a meta de colocar o Piauí no caminho do desenvolvimento, apontando para a necessidade da adequação ao momento histórico vivido pelo Brasil instaurado com o plano de metas do governo Juscelino Kubitschek.

Acompanhando a literatura sobre o futebol, tanto a sociológica e historiográfica, quanto a literária (romances e contos), percebe-se que sua organização, o aparecimento dos primeiros clubes, a formação das ligas, federações, bem como o aumento da demanda pela sua prática e fruição, acompanharam o crescente processo de urbanização¹⁰.

O futebol piauiense se transformava na medida em que o profissionalismo esportivo buscava uma consolidação, para tanto, as ligas de futebol¹¹ deram lugar ao torneio estadual organizado pela Federação Piauiense de Futebol como forma de organização de campeonato. A entidade responsável pelo futebol piauiense foi criada em 1941 e partir de então passou a ser a representante oficial do Piauí da Confederação Brasileira de Desportos – CBD. A criação do River no final dos anos 1940 dinamiza as relações futebolísticas ao passo que se inicia uma rivalidade natural, criada a partir da

⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 417.

⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n.53, p.195-214. 2007.

¹⁰ TOLEDO, Luís Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 135.

¹¹ Os campeonatos eram organizados pela Liga Piauiense de Esportes Terrestres. Uma ocorria em Teresina e outra em Parnaíba, excluindo a participação de clubes de outras partes do estado. Após a criação da Federação Piauiense de Futebol o campeonato passa a ser organizado por esta entidade, encerrando o modelo de disputa por ligas.

construção de uma identidade que se constrói contra o outro e para fazer face ao outro¹², tendo como rival o Flamengo do Piauí. Além da criação do River a criação de um estádio municipal em 1944, o Lindolfo Monteiro, para abrigar jogos de porte maiores revelam a adequação da cidade ao crescimento da popularização do futebol.

A consolidação do esporte jogado com os pés se deu entrelaçada ao contexto político ao longo do século XX. Futebol e política são domínios, que, no Brasil, seguem juntos num paralelismo certamente muito revelador. Se no plano nacional muitos governos marcados pelo autoritarismo e pelo populismo utilizaram a seleção nacional como forma de legitimar uma série de ações governamentais, nos cenários locais vemos a associação política aos clubes de futebol.

Essa relação se dá em virtude do futebol ter se associado ao cotidiano com a presença da figura clubística, dessa forma, muitos viram nos milhares de torcedores a possibilidade de utilizarem essa comunidade de aficionados como meio de obterem vantagens políticas, sobretudo eleitoreiras. Porém, longe de ser uma relação unilateral, imposta de cima para baixo, o que se observou foi muito mais uma relação de trocas, na qual os torcedores ao se associarem as relações políticas, esperavam ganhar algo em troca.

A proposta desse trabalho é analisar as relações entre o futebol, política e torcidas, dentro das estruturas nacional e local e entender de que forma dirigentes de clubes e torcedores se apropriaram do uso político do futebol. Não só no Brasil como em Teresina, o futebol refletiu as dinâmicas da sociedade e serviu como mecanismo de ascensão política e também de perpetuação do poder. Longe de estarem alheios à essa realidade, os torcedores se inserem dentro desse contexto, seja apoiando tais mecanismos, seja criticando a ordem estabelecida.

A partir dessas perspectivas algumas questões nortearam a pesquisa, dentre elas a fundação dos clubes de futebol na cidade de Teresina e a utilização destes como forma galgar postos públicos, além de identificar os torcedores no contexto histórico no qual estavam inseridos. Para tanto, foi necessário entender que a categoria de torcedores é ampla e heterogênea e que obedece às especificidades do tempo e do espaço, sendo assim, diferenciamos as categorias de torcedores e quais as posturas eram adotadas diante da participação política, seja nos clubes, seja na sociedade.

A escolha do recorte temporal se deu a partir do entendimento de que as bases sólidas para a pesquisa histórica se dão no tempo do agora, aquele que Walter Benjamin

¹² FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das letras, 2017, p. 147.

chama de “tempo da redenção”¹³. Assim, partimos da concepção de que a história não é um *continuum*, mas sim um eterno devir, e que são as inquietudes do presente que movem o conhecimento histórico. Os grandes eventos esportivos sediados recentemente no Brasil, trouxeram a público espúrias relações entre os mandatários de clubes e entidades esportivas com a política, essas alianças não passaram incólumes pelos torcedores e pela sociedade em geral, os quais passaram a se manifestar seja nas ruas ou nos estádios.

Foi nesse contexto que se deu a limitação do recorte temporal da pesquisa, para entender as mudanças do tempo presente, é necessário revelar aquilo que foi esquecido no passado, ou ainda, tirar do silêncio um passado que a história ainda não contou. Escolhemos a década de 1970 como ponto de partida de análise da pesquisa por entendermos que é nesse período que a política nacional e a política local se articulam por meio do futebol, em Teresina, o futebol refletiu a intensa disputa entre grupos políticos nesse período. Os anos 1980 marcam o final do grande impulso financeiro que o estado brasileiro dava ao futebol e também a abertura para o regime democrático, encerrando, portanto, um contexto muito particular na história do futebol do Brasil.

A relação com a política foi determinante para delimitação do recorte temporário, a escolha das décadas de 1970 e 1980, como fruto de interesse de uma pesquisa, se deu a partir do contato com a obra “O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí”¹⁴, de autoria da Professora Dra. Claudia Fontineles, apontou a possibilidade de aprofundar as relações entre futebol e política. Esse caminho acabou sendo trilhado por outros trabalhos do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, “No campo de jogo da memória: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina”¹⁵ e “Futebol piauiense: entre tramas e memórias”¹⁶, foram sem dúvidas fundamentais para essa pesquisa e serão importantíssimos para pesquisas futuras.

Os anos de 1970 e 1980 foram bastante oportunos para se pensar a pesquisa, dada a aproximação entre futebol e política, decidimos aumentar o leque de análise para os torcedores, entendendo-os como um elo entre essa ligação. Assim, surgiram algumas

¹³ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre a literatura e a história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 223.

¹⁴ FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015.

¹⁵ Essa dissertação intitulada **No campo de jogo da memória**: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina, foi defendida em 2016, pela aluna Mayra Izaura de Moura, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

¹⁶ A dissertação de Deusdete da Rocha Barros foi defendida em 2018, sob orientação da Profa. Dra. Claudia Cristina da Silva Fontineles. A pesquisa aborda a profissionalização do futebol piauiense entre as décadas de 1960 e 1970.

questões: como se deu a aproximação entre futebol e a política no Brasil? Qual a relação dos times de futebol na cidade de Teresina com a política local? Quais as formas de atuação dos torcedores dentro do cenário político nacional e local?

Para tentar responder essas questões, fizemos a análise de diversos autores que tratam sobre a temática futebolística, levando em consideração os aspectos sociais, políticos e cultural. Além disso, utilizamos os jornais teresinense como “O Dia” e o jornal “O Estado” em suas edições produzidas nos anos que englobam a pesquisa, eles estão disponíveis no Arquivo Público do Piauí e também no site Memórias do Jornalismo Piauiense. Além do acervo local, utilizamos também o caderno esportivo do “Jornal dos Sports”, disponível no site da Hemeroteca Digital. Nossa intenção foi perceber como se dava a abordagem da relação entre futebol e política, além de analisar os discursos que legitimaram essa associação tanto a nível federal quanto no cenário político da capital piauiense.

Ademais, é importante destacar também a construção de fontes orais, que foram concebidas e analisadas a partir do entendimento de que a história oral vai além de um aporte metodológico, remetendo a uma dimensão técnica e também teórica¹⁷, como nos ensina Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira. É importante ter em mente o conceito de memória coletiva de Maurice Halbachs¹⁸ no trato com as fontes orais, uma vez que ao narrarem suas memórias, os sujeitos também representam uma memória de um grupo ao qual pertencem. Dessa forma, optamos pela escolha não só de representantes das torcidas de dois clubes distintos, mas também de sujeitos que compõe estratos sociais distintos.

Pertencer a um grupo ajuda nas construções identitárias, segundo Michel Pollak a memória é um elemento constituinte da identidade¹⁹. À vista disto, entendemos que o ato de torcer está vinculado à uma memória coletiva que se tem sobre um time, para Mauricie Halbwachs “no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros que resultam de sua própria vida ou de relações com os grupos mais próximos”²⁰. Ao longo do texto veremos que conceitos de memória interligados à identidade coletiva são importantes fios

¹⁷ AMADO, Janaína; DE MORAES FERREIRA, Marieta. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, 2015.

¹⁸ HALLBACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

¹⁹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

²⁰ HALBWACHS, Mauricie. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p. 51.

condutores para se pensar sobre a adesão de membros para os grupos de torcidas organizadas bem como a própria criação de um sentimento por um clube.

Objetivando a multiplicidade de olhares possíveis, utilizamos também os dados eleitorais disponíveis no site do Tribunal Regional Eleitoral, os pronunciamentos oficiais da presidência, contidos no site da Biblioteca da Presidência da República e algumas edições da Revista Placar.

Optamos por dividir o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, partimos, inicialmente, para uma análise historiográfica sobre o tema, esmiuçando a constituição da temática futebolística enquanto um campo fecundo de análises. Na segunda parte do capítulo, discutimos a construção dos enlaces entre o futebol e a política na primeira metade do século XX.

No segundo capítulo, analisamos o futebol enquanto um dos símbolos da integração nacional no regime ditatorial, nosso objetivo num primeiro momento, foi percebermos a utilização política do maior esporte nacional, a partir da conquista da Copa do Mundo de 1970 como evento legitimador do regime ditatorial, da construção de diversos estádios de futebol e do aumento do número de participantes do campeonato brasileiro como política de integração nacional, e, por último, analisarmos a constituição dos times de futebol de Teresina e a sua relação umbilical com a política, que se tornou reflexo das disputas políticas durante a década de 1970.

No terceiro e último capítulo, trouxemos como foco o papel dos torcedores em todo esse cenário de disputas. Inicialmente diferenciamos as categorias de torcedores, quais as suas características e como esses agrupamentos de torcedores se inseriam no contexto político nacional. Em seguida analisamos as relações dos torcedores com os clubes e com a política local, buscando a partir dessas associações, entender as atuações das categorias de torcedores em diferentes espaços de atuação.

Agora, é chegada a hora do apito inicial. Bola rolando!

1. PENSAR O FUTEBOL: A “FUTEBOLOGIA”

No primeiro capítulo da dissertação de mestrado refletimos sobre a relação entre a temática futebolística e a História. Buscamos compreender as possibilidades deste campo historiográfico que vem construindo seu espaço no meio acadêmico com o aumento das publicações voltadas não só para o futebol, mas para o esporte como um todo.

Dessa forma, fizemos uma reflexão sobre essa recente aproximação a partir dos principais autores que deram sustentação para a pesquisa, discutindo conceitos fundamentais para o entendimento da teoria que adotamos, destacando que, por se tratar de um tema que está em ampliação na academia, em diversas disciplinas: História, Sociologia, Antropologia entre outras, os conceitos utilizados muitas vezes são novos, próprios da proposta desse estudo.

Nos debruçamos nesse primeiro momento sobre a literatura específica da temática, não abrindo mão dos trabalhos feitos em outras áreas das ciências humanas, como a antropologia e a sociologia, afinal, a interdisciplinaridade é imprescindível dentro da construção do texto histórico. Além disso, trouxemos para o leitor na segunda parte do capítulo a relação histórica constituída ao longo do tempo entre o futebol e a sociedade brasileira, enfatizando sua relação com o contexto político no período que esse esporte se consolidou como o esporte das multidões.

Assim, o capítulo foi dividido em duas partes: a primeira delas intitulada “Pensar o futebol: a *futebologia*”, buscou refletir sobre a recente aproximação entre História e futebol e qual a sua contribuição para a historiografia. A segunda parte denominada “Autoritarismo e populismo: a consolidação do esporte das multidões”.

Isto posto, no capítulo inicial propõe-se entender este campo de estudo enquanto novas possibilidades para a ciência histórica e também abordar o processo de consolidação do futebol enquanto a modalidade esportiva mais praticada no país, seus usos políticos, que tal qual a sociedade, foi modificado através do tempo.

1.1 Preleção: algumas palavras de aquecimento.

Aqueles que acreditam tudo saber devem saber pelo menos de uma coisa: eles não entenderam nada de futebol.

Éric Cantona²¹.

O futebol enquanto problema de estudo na área da História vem buscando cada vez mais ganhar o seu espaço, é um campo em constante desenvolvimento. Diante disso é importante destacar que as mudanças promovidas no campo historiográfico desde os *Annales*, legitimam as temáticas que ainda encontram entraves no debate acadêmico. A, dita, revolução francesa da historiografia promoveu uma série de contribuições para a escrita da história, inicialmente chamada de *Annales d'histoire économique et sociale*, ou a revista da “Escola dos Annales” como ficou conhecida, foi uma das responsáveis por redefinir os rumos da história, promovendo uma abordagem nova e interdisciplinar na França, a primeira edição da revista foi lançada em 15 de janeiro de 1929²².

Se, por um lado, os estudos ligados ao esporte ainda encontram certa resistência na historiografia brasileira, o mesmo não se pode dizer das ciências sociais como um todo, tendo em vista que os principais trabalhos estão inseridos nas outras áreas das ciências humanas. Dessa forma, a interdisciplinaridade promovida pelos *Annales* aborda o ponto em comum que a história possui com as demais ciências humanas: o homem social, sendo este “o objeto comum, em seu ser social e empírico que exige uma análise interdisciplinar”²³. Portanto, os trabalhos sobre futebol e seus diversos pontos de análise são, acima de tudo, trabalhos interdisciplinares, como deve ser a ciência histórica.

Assim como as transformações na cidade, os regimes políticos, as trajetórias de vida, os aspectos econômicos, o futebol e suas relações com a sociedade e a cultura despertaram para o historiador aquilo que José D’Assunção Barros chamou de “consciência de historicidade”²⁴. Aqui, o futebol é tomado como uma das dimensões das tantas experiências e aventuras urbanas que se sobrepõem e que enredam frações da vida de cada um de nós. Dessa maneira, o olhar atento do historiador do futebol poderá

²¹ Éric Daniel Pierre Cantona é um ex-futebolista francês, ficou famoso por suas atuações com a camisa do time inglês Manchester United e também por seu posicionamento político contundente fora dos gramados. Ficou marcado por ter dado uma “voadora” em um torcedor que incitava cantos fascistas. Sobre esse evento Cantona declarou que: “muitos jogadores sabem qual é a sensação de marcar ou gol mas poucos sabem como é bater em um fascista”.

²² BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

²³ REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 102.

²⁴ BARROS, José D’Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

perceber a partir de diversas linhas de pesquisa uma riqueza de detalhes para o entendimento de um conjunto de dimensões de um quadro de tensões sociais no tempo e no espaço.

O desafio lançado pelo século XXI aos historiadores, sobretudo no que diz respeito ao acesso às informações, faz com que o historiador ao mesmo tempo que busque novas alternativas para resolver as questões do presente seja também criterioso naquilo que deve analisar, dessa forma, a história estará em constante renovação.

Mais do que um discurso sobre o sentido da história, a prática histórica se quer doravante um diagnóstico, até mesmo um prognóstico sobre a história, mas não terapêutica (...) aparecia uma ‘história experimental’. E talvez, esta seja a definição da história problema dos *Annales*: uma história experimental.²⁵

Se para os *Annales* a renovação historiográfica do século XX deveria ser pautada em uma história experimental, hoje mais ainda este diagnóstico se faz verdadeiro, pois, se por um lado houve uma ampliação do arquivo do historiador, por outro aumentaram os problemas, surgiram novas lacunas e, portanto, novas formas de respondê-las. Dessa forma, “o historiador em seu presente reabre o seu passado e constrói os dados necessários a partir dos documentos, à prova de suas hipóteses, que responderiam aos problemas postos, ligados à sua experiência no presente”²⁶.

Ao longo do século XX, os trabalhos acadêmicos trataram o futebol como “ópio do povo”, dentre estes talvez o que mais mereça destaque seja o livro de Roberto Ramos (1982)²⁷. Essa visão sobre o futebol se deu a partir de um viés típico de autores marxistas que viam de forma cristalizada e até inocente – pois não levavam em conta o caráter dialético da história –, a utilização do futebol como um simples dispositivo de controle das massas, sendo o estado uma espécie de objeto manipulável por uma classe dominante supostamente homogênea, “tais apropriações mecanicistas do marxismo, designadas “vulgata”, aproximaram-no do estruturalismo, gerando uma tradição pouco dialética e histórica, porém amplamente disseminada no meio universitário”²⁸.

Para além dessa interpretação tivemos também algumas interpretações do Brasil a partir do futebol, destacamos Roberto DaMatta (1982)²⁹ e Mario Rodrigues Filho

²⁵ FERRO *apud* REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 103.

²⁶ FEBVRE *apud* REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 96.

²⁷ RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis, Vozes, 1984

²⁸ MENDONÇA, Sonia Regina; FONTES, Virgínia. História e teoria política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 58.

²⁹ DaMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

(1964)³⁰. As duas obras tomam o futebol como forma de interpretação da sociedade brasileira, Mario Filho utiliza o futebol para pensar a brasilidade e refletir sobre o país a partir do valor positivo da miscigenação e localizar o negro numa sociedade “harmônica” com possibilidade de ascensão – sendo o futebol como um meio³¹, enquanto DaMatta vê no futebol uma forma de entender os dramas de uma sociedade, os conflitos que marcam a vida cotidiana, nas suas palavras, o futebol é “drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas significativos da sociedade brasileira”³².

Entretanto, apesar de já existirem alguns trabalhos sobre a temática do esporte, é somente a partir dos anos 1990 que podemos observar uma maior sistematização e institucionalização dos estudos e pela configuração mais clara da História do Esporte como um campo de investigação³³.

“Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como o *International Journal of History of Sport*.³⁴

Tal profissionalização passa pelo aumento gradativo no número de publicações e eventos organizados em âmbito nacional que tratam da temática esportiva no campo da história. Para Victor Andrade de Melo, além das práticas outra questão fundamental é o que essas práticas representam, assim, os estudos deveriam levar em consideração o que as práticas esportivas representam para as pessoas (que gostam ou que não gostam de esporte), países, políticas, fãs, torcidas, associações, grupos, entidades, clubes, etc.³⁵

Entretanto, mesmo com o aumento das publicações envolvendo o esporte, mais especificamente o futebol, a figura do torcedor enquanto objeto central de observação, “é geralmente para discutir sua faceta mais desagradável, como a violência, o fanatismo, a tendência criminal de suas organizações grupais”³⁶. Ou ainda:

A figura do torcedor seria grosso modo relegada por parte significativa dos intelectuais e, por extensão, pelo senso comum no decorrer do

³⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

³¹ HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. **Esporte e sociedade**. ano 9, n 23, março 2014.

³² DaMATTA, op. Cit., p. 40.

³³ MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: panoramas e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.12, n. 22, 2010, pp. 11-35.

³⁴ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 78.

³⁵ MELO, Victor Andrade de. *et al.* **Pesquisa histórica e História do Esporte**. Editora: 7 letras; Coleção Visão de Campo, 2013, p.57.

³⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das letras, 2017, p. 416.

século XX à condição de tábula rasa, a uma derivação patológica das emoções oferecidas pela matriz aristotélica da catarse teatral, com o reabastecimento ilusório das energias despendidas na lida cotidiana e com o desvirtuamento dos sentidos concretos que ligam o ser humano à realidade³⁷.

Destoando dessa percepção de que os torcedores seriam alheios à realidade, apontamos a análise de autores como Luiz Henrique de Toledo, sociólogo e antropólogo que discute a formação das Torcidas Organizadas de Futebol (TOF's) no Brasil, sendo um dos pioneiros nos estudos sobre torcidas de futebol. Em sua principal obra, *Torcidas Organizadas de Futebol*³⁸, Toledo analisa o surgimento das TOF'S articulando ao contexto urbano da cidade de São Paulo, mais do que isso, seu texto contribuiu diretamente para o aumento de pesquisas numa área que até então carecia de publicações regulares, ampliando o horizonte para novos pesquisadores.

Da mesma forma, historiadores consagrados como Hilário Franco Júnior, conhecido por seus trabalhos sobre a Idade Média Ocidental, adentraram na temática futebolística. As duas principais obras do autor, *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura*³⁹ e *Dando tratos à bola*⁴⁰, nos foram de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa. A primeira, por tomar o futebol enquanto micro história do mundo contemporâneo, demonstrando que as análises sobre o tema não podem estar desassociadas de um contexto mais amplo. Além disso, aponta a importância das demais ciências humanas na interpretação deste objeto histórico, pois, segundo ele, o futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais da última década, sendo necessário, portanto, uma análise sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e linguística, representando o que ele chamou de “fenômeno cultural total”⁴¹.

De modo semelhante, a segunda obra segue a mesma lógica na qual o “historiador deveria procurar, nas partes, a presença do todo, esse ‘fato global’, que liga todas as partes em uma totalidade”⁴², Franco Júnior leva em conta as articulações entre o esporte bretão

³⁷ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro:7Letras, 2009, p. 89.

³⁸ TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

³⁹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴⁰ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁴¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

⁴² REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

e a sociedade global no qual ele está inserido. O produto desse trabalho surgiu em momento oportuno, entre a Copa do Mundo do Brasil em 2014 e as Olimpíadas realizadas também em solo nacional, no qual diversos estudos sobre a temática esportiva ganharam visibilidade no meio acadêmico.

Victor Andrade de Melo, buscando aproximar a História do Esporte dos debates teóricos e metodológicos da disciplina História, em seu livro *Pesquisa Histórica e História do Esporte*⁴³ apontou diversas dimensões para pensar o futebol enquanto objeto das ciências humanas, ajudando a delimitar nosso objeto – as torcidas de futebol em Teresina – naquilo que ele classificou como História do Esporte⁴⁴, entendendo este conceito como um grande campo que englobaria as histórias da Educação Física, da ginástica e do próprio fenômeno esportivo, entre outras, analisando separadamente os temas, mas sempre os entendendo tanto inseridos no contexto histórico em que são investigados, quanto na relação que estabelecem com outras práticas corporais do seu tempo⁴⁵.

Nesse sentido, buscando alargar o campo de entendimento sobre os torcedores, situamos nossa pesquisa sobre as torcidas de futebol em Teresina no domínio da História do esporte, dado que buscamos entender as relações estabelecidas por aqueles que torcem, seja entre si, numa relação de sociabilidade; seja com a cidade, entendendo a maneira pela qual estes torcedores vivenciavam a cidade e os espaços urbanos sobretudo nos dias de jogos; ou até mesmo no vínculo que esses torcedores estabeleceram com seus clubes de coração. Assim, nesta perspectiva acadêmica:

Os fatos e personagens do jogo não são objeto nem de análise em si mesmos, são indícios de fenômenos mais amplos e complexos. [...] Evidentemente, isso não significa desconsideração pelos gestos técnicos do jogo, pelos gols pelas vitórias, pelas conquistas, pelas personalidades que constroem e alimentam a condição de torcedor. [...] Ora, se historicamente foram as características do jogo-esporte futebol que criaram seu torcedor, foi este que possibilitou a expansão da modalidade e a posição que ela ocupa na sociedade contemporânea. E se aqui o estudioso do futebol depara-se com um objeto de estudo muito rico, encontra também um importante problema epistemológico e deontológico – o observador é igualmente torcedor.⁴⁶

⁴³ MELO, Victor Andrade de. MURAD, Mauricio. SANTOS, João Manuel C. Malaia. FORTES, Rafael. **Pesquisa histórica e História do Esporte** / Victor Andrade de Melo. Editora: 7 letras; Coleção Visão de Campo, 2013.

⁴⁴ Victor Andrade de Melo utiliza o termo História das Práticas Corporais Institucionalizadas para denominar o campo de investigação que se debruça sobre manifestações culturais como o esporte, mas para facilitar o entendimento e/ou em função de questões operacionais, o autor comumente utiliza (e propõe usar) como metonímia o termo História do Esporte.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das letras, 2017, p. 416.

Destarte, entendemos que as redes de torcedores que se formaram em Teresina apontam em sentido mais amplo as transformações pela qual a sociedade passou a partir da década de 1970, período no qual houve uma grande euforia – puxado pelo contexto nacional de ufanismo – pela participação de times de Teresina em certames de nível nacional, bem como a construção do estádio Albertão. Portanto, é importante frisar que o torcedor nesse contexto está entrelaçado numa rede de fenômenos sociais mais complexos que extrapolam o contexto local.

Essa relação entre contextos amplos e locais revela uma das potencialidades dos estudos sobre os esportes para a historiografia contemporânea. Uma das críticas feitas à última geração dos *Annales* – a qual a historiografia brasileira em linhas gerais tem inspiração – seria a “excessiva fragmentação” da história e conseqüentemente uma perda de uma visão holística sobre a história⁴⁷. Para tal problema os estudos sobre a História do esporte podem apontar formas de transcender os estudos exclusivamente locais, possibilitando vislumbrar um panorama nacional no qual a sociedade local está inserida.

As práticas corporais institucionalizadas têm sua configuração articulada com as dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas de um dado contexto (que deve ser entendido no tempo e no espaço). Fazem parte do patrimônio de um povo, da memória afetiva de indivíduos e grupos, sendo também importantes ferramentas na construção da ideia de nação e na formulação de identidades de classe, gênero, etnia, entre outras. No caso do Brasil, isso fica acentuado pela grande popularidade do futebol. Por essa conformação, são objetos cuja investigação pode contribuir para desvendar, de forma multifacetada, o cenário em que se inserem.⁴⁸

Portanto, pensar as expressões e as organizações de torcedores em Teresina nos anos 1970, por exemplo, é refletir também sobre o contexto político, social, econômico no qual aqueles torcedores estavam inseridos. Entendendo as torcidas como parte destas práticas corporais institucionalizadas, ou seja, inserida na História do esporte, podemos analisar a partir delas, diferentes formas de entender a sociedade como um todo.

Para entendermos melhor o que são essas organizações de torcedores é necessário nesse momento uma breve explanação sobre o conceito de torcer no contexto dos estudos dos esportes. Primeiro, é necessário ter em mente que a condição torcedora é volátil, marcada por permanências e rupturas, “é antes de tudo vivenciar uma interação que

⁴⁷ REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

⁴⁸ MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: panoramas e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.12, n. 22, 2010, pp. 11-35.

parece menos dependente das determinações últimas que divisam classificações seguras e preestabelecidas”⁴⁹.

Torcer é fustigar a esfera segura da individualidade e, nessa medida, seria como que experimentar extensões, torções e projeções do “eu” na esfera pública, ou, aproximando-nos de conceituações como as de Gell, tornar-se torcedor seria como que “distribuir a pessoa” num universo integrado por outros milhares de indivíduos, coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol: camisetas dos times queridos, bolas, troféus, chaveiros e essa infinidade de souvenirs avidamente disponibilizados pela e para a vontade torcedora expressam algo muito maior do que a mera compulsão consumista, pois há algo de nós nesses objetos, há algo dos objetos agenciados em nós⁵⁰

Nesse sentido, o conceito de torcer acaba se aproximando bastante do conceito de sociabilidades. Para Georg Simmel a sociabilidade seria algo próprio da dinâmica essencial da realidade social, algo puro que não se delimita ou se relaciona a interesses materiais, mas sim algo espontâneo do indivíduo⁵¹. Se a interpretação de Simmel é pautada em uma outra sociedade de um outro tempo histórico, é importante destacar sua importância para se entender as sociabilidades como passível de análise histórica. Assim, os torcedores estabelecem relações de sociabilidade à medida que possuem aptidão para viver em grupos e para consolidá-los mediante a constituição de associações voluntárias, de maneira que a sociabilidade – assim como as associações de torcedores – faça parte de uma ação recíproca, é o encontro de indivíduos que se relacionam sem propósitos materiais, mas mediado pelo bem comum – no caso, os times de futebol.

No campo futebolístico, a relação intrínseca entre futebol, sociedade e cultura, faz com que o futebol seja uma espécie de microcosmo da nossa sociedade, reproduzindo inclusive as desigualdades e as contradições socioculturais⁵² das sociedades. Assim, as modificações pelas quais passam os corpos sociais afetam diretamente o futebol e, conseqüentemente, os seus torcedores. Dessa forma, passo que o futebol se transforma ao longo do tempo, o ato de torcer que está vinculado ao futebol assume diferentes características.

Entendemos que o ato de torcer também está ligado à uma questão de identidades, de se sentir pertencente à algum clube e é notável que essa condição de torcedor sofreu

⁴⁹ TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

⁵² Para um maior entendimento sobre o tema ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

alterações significativas ao longo do tempo. A mais recente pesquisa do instituto Datafolha, divulgada em 13 de abril de 2018⁵³, sobre as torcidas de futebol no Brasil apontam resultados importantes para compreendermos estas mudanças pelas quais esse grupo de apaixonados pelo esporte bretão vêm passando.

Segundo o instituto de opinião, o desinteresse pelo futebol cresceu com relação ao último levantamento feito no ano de 2010, a pesquisa de 2018 aponta que 41% dos entrevistados possuem nenhum interesse por futebol, esse número era de 31% na pesquisa de 2010. Ainda segundo esse estudo, o percentual dos que têm grande interesse decresceu, passando de 32% para 26%.

Como já foi dito, a condição torcedora é volátil, marcada por permanências e rupturas. Está diretamente associada às transformações políticas, econômicas, sociais, culturais por quais as sociedades passam. A popularidade do futebol e a sua grande projeção econômica, o transformaram em espetáculo midiático e fizeram com que os principais campeonatos desse esporte atingissem uma condição de megaevento⁵⁴, exemplo disso é a Copa do Mundo, um dos maiores megaeventos esportivos do planeta. Tal fato faz com que o futebol transforme os seus torcedores, antes de tudo, em consumidores (ou espectadores?), prova disso é a criação em terras brasileiras do Estatuto de Defesa do Torcedor⁵⁵.

Esse estatuto versa sobre todos os esportes, tendo na prática futebolística e em seus respectivos torcedores, uma espécie de versão estendida do Código de Defesa do Consumidor que trata dos mais diversos aspectos da relação entre o torcedor e esporte, condição elucidada de forma nítida logo na apresentação do referido estatuto.

A paixão dos brasileiros por esportes, especialmente pelo futebol, manifesta-se na forma de grandiosos espetáculos nas arquibancadas de estádios e ginásios onde haja atletas e equipes defendendo o escudo de um clube ou ostentando o nome do país. Os torcedores são, em verdade, os maiores avalistas e, ao mesmo tempo, beneficiários do patrimônio cultural integrado pela organização desportiva brasileira. Diante disso, o Poder Legislativo vem oferecer à população aparato jurídico que reconheça o interesse social das atividades desportivas e assegure ao torcedor o máximo respeito de seus direitos humanos e de consumidor⁵⁶

⁵³ Flamengo e Corinthians seguem na liderança de torcidas. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/04/1964748-flamengo-e-corinthians-seguem-na-lideranca-de-torcidas.shtml>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

⁵⁴ Para uma análise mais detalhada sobre o assunto consultar MASCARENHAS, Gilmar. “Globalização e Espetáculo: o Brasil dos Megaeventos Esportivos”, in Mary Del Piori; V. Andrade de Melo (orgs.). História do Esporte no Brasil. São Paulo, Editora da Unesp, 2009.

⁵⁵ Lei número 10671 de 15 de maio de 2003.

⁵⁶ BRASIL. **Estatuto de defesa do torcedor**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013, p. 7. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/ESTATUTO_DO_TORCEDOR.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

O estatuto é, portanto, um aparato jurídico que deixa clara a condição consumidora do torcedor, garantindo a ele direitos e deveres, norteados por uma relação entre as entidades esportivas, os promotores de eventos e o público. Esta medida surge em 2003, exatamente quando há uma mudança no formato de disputa do principal campeonato de futebol no país, deixando de ser na forma eliminatória e passando a ser no modelo de pontos corridos, tal qual os principais campeonatos europeus. Esse formato beneficia quem detém os direitos de transmissões dos jogos dos principais times, visto que dessa maneira há uma maior quantidade de jogos ao longo do ano. Nesse cenário, proponho um exercício de reflexão ao leitor: o Estatuto nasce do compromisso firmado entre as vozes da sociedade e seus representantes – como o próprio documento afirma – ou de acordos políticos e econômicos que beneficiam mutuamente políticos e a grande mídia?

Se pudéssemos definir o ato de torcer em uma única palavra, certamente a escolhida seria: mutável. Ora, até mesmo no decorrer de uma partida a forma como se torce não é uniforme (de forma individual), nem homogênea (de forma coletiva), em certos momentos você vibra, xinga, fica quieto, reza, e literalmente, se contorce. Todas essas características são ditadas pelo andamento de uma partida, seja ela presenciada das arquibancadas, pelos televisores, rádios, etc. De forma semelhante é a identidade, ela é sobretudo, mutável. As identidades se apresentam mais como fluídas e não como essências fixas, cada vez mais se contesta a ideia de estruturas tradicionais para a sustentação de uma identidade, como classe, estado-nação.

As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições. Uma ilustração disso é o surgimento dos chamados “novos movimentos sociais”, os quais têm se concentrado em lutas em torno da identidade. Eles têm se caracterizado por efetuarem o apagamento das fronteiras entre o pessoal e o político[...]⁵⁷.

Assumimos diferentes papéis sociais, portanto, diferentes identidades, e somos marcados por uma mediação – em maior ou menor grau – dentro da esfera social. Somos pais, mães, professores, estudantes, negros, feministas, liberais, conservadores, torcedores, etc. Nos últimos anos, os estudos culturais acerca das identidades as colocaram uma perspectiva de crise, pois reafirmam que antigas estruturas não são mais

⁵⁷ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 33-34.

capazes de dar sustentação a noções essencialistas sobre a identidade, tendo em vista que as nossas identidades são construídas e moldadas ao longo do tempo.

Pensar identidade e história é algo cada vez mais necessário para entendermos o nosso tempo, pois “em uma civilização que elimina as diferenças, a história deve restituir o sentido perdido das particularidades”⁵⁸. As recentes transformações do final do século XX lançam novos desafios ao historiador, uma delas é a relação do homem com o tempo, conforme explicita François Furet

A história voltou a ser esse túnel no qual o homem entra na escuridão, sem saber aonde suas ações o conduzirão, incerto de seu destino, desprovido da segurança ilusória de uma ciência que ele faz. Privado de Deus, o indivíduo democrático vê tremor suas bases, no fim do século XX, a divindade história: angústia que ele vai ter de conjurar. A ameaça dessa incerteza se une, no seu espírito, o escândalo de um futuro fechado.⁵⁹

Dessa forma, a identidade seria uma espécie de luz para o homem, mesmo que essa identidade seja essencialmente volátil. Então, as identidades seriam uma forma de situar o homem novamente no tempo, ou pelo menos entender a sua história. Dessa maneira, uma perspectiva interessante para pensarmos a produção de identidades é através das torcidas para clubes de futebol. Assim como a identidade nasce da diferença para com um outro, a torcida também parte inicialmente de uma espécie de “não identificação” com o outro. Sou fluminense porque não sou flamenguista; sou palmeirense pois não sou corintiano (ou são paulino). Ninguém torce a favor de um time sem se contorcer por outros, essa seria justamente uma das faces da identidade, a produção das diferenças, conforme nos explica Toledo⁶⁰.

Se levarmos em consideração a noção de uma identidade nacional tendo como ponto de partida a concepção de que uma nação é uma *comunidade imaginada*⁶¹, podemos imaginar também um clube de futebol como uma nação, ou uma comunidade imaginada, levando em consideração as devidas proporções. Assim como uma nação um clube possui hino, bandeira, brasão, leis, presidentes, e sobretudo, um povo, que são os próprios torcedores – não por acaso as grandes torcidas do Brasil são comumente denominadas como nações.

⁵⁸ ARIÈS, Philippe. **O tempo da história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p. 255.

⁵⁹ FURET Apud. HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presenteísmo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2015, p. 22.

⁶⁰ TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010, p. 184.

⁶¹ Termo utilizado por Benedict Anderson (1983), para defender a ideia de que a identidade nacional é dependente da ideia que fazemos da nação. Para aprofundamento no assunto recomenda-se a leitura do livro *Comunidades imaginadas* do autor já citado.

No entanto, há alguns casos em que é possível perceber senão uma mudança de torcida, uma segunda torcida. Essa torcida adicional se dá por motivos diversos, dentre esses motivos é o capital simbólico⁶² um dos principais responsáveis por isso. Busca-se nos clubes de futebol uma representatividade pautada na competição, nada é mais importante para o torcedor do que o seu clube ser melhor que o outro – geralmente um arquirrival, pois a identidade clubística não é autossuficiente, dessa forma a tradição, os títulos, as vitórias sobre os rivais, o destaque na mídia se tornarão os capitais simbólicos de um clube da qual a sua torcida irá se apropriar. Dessa maneira aqueles torcedores de clubes que detém pouco capital simbólico buscarão numa outra agremiação essa representação de sucesso, mesmo sem abandonar o time de origem, é o que Toledo e Campos chamaram de bifiliação⁶³. Nesse caso, concordamos com Stuart Hall, quando este diz que “a identificação é, pois, um processo de articulação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção”⁶⁴, tendo em vista que não há um abandono completo de uma condição torcedora inicial. A bifiliação é um processo que desmonta as noções de identidade e de pertencimento clubístico baseados no exclusivismo, aquele que torce e se identifica com apenas um clube.

Os pesquisadores acompanharam partidas de futebol em Belém, Fortaleza, Natal, Salgueiro, Juazeiro, Lucas do Rio Verde, Joinville, Guaratinguetá, inúmeras cidades cujos clubes locais disputam menos partidas por ano, em campeonatos de menor valor simbólico e muito menor valor econômico. Foi, portanto, extremamente comum observarmos palmeirenses no Pará, são-paulinos em Alagoas, gremistas no Mato Grosso, flamenguistas no Rio Grande do Norte, vascaínos em Santa Catarina, e assim por diante⁶⁵.

Essa passagem revela a atuação do projeto *Brasil na arquibancada*⁶⁶, que constatou a presença de torcedores com bifiliação em diversos estados pelo Brasil. É perceptível que essa condição torcedora se dá afastada dos grandes centros futebolísticos – e portanto econômicos – e altera as sociabilidades torcedoras tradicionais, formando novas sociabilidades que surgem dessas novas formas de torcer que por sua vez se alteram

⁶² Para aprofundamento no tema ver: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Org.) Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

⁶³ CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, Brasil, n. 99, p. 123-138, nov. 2013. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307>>. Acesso em: 19 Nov. 2018.

⁶⁴ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 106.

⁶⁵ SOUZA, Bruno Jeuken; RAMALHO ANTÔNIO, Victor Sá. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, p. 1-19, jul. 2014. ISSN 1981-3341. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1445>>. Acesso em: 19 Nov. 2018.

⁶⁶ Projeto desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens) e financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP.

com o jogo das identidades, pois estas “estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”⁶⁷.

Por considerarmos muito subjetiva a diferenciação entre torcedores e espectadores, iremos fazer essa diferenciação a partir de pontos de vista distintos sobre a relação entre futebol e torcedores (sociedade) para as ciências humanas. Para tanto, será preciso entender um pouco sobre a produção acadêmica. A tradição marxista fez com que o futebol no Brasil fosse resumido a um dispositivo de controle e os torcedores entendidos como alienados, que buscam no esporte um refúgio para a vida sofrida a qual boa parte da classe trabalhadora está submetida. Fugindo dessa herança, Roberto DaMatta (1982)⁶⁸ e Mario Rodrigues Filho (1964)⁶⁹ perceberam no futebol um meio de reflexão para os complexos problemas da sociedade brasileira. Mario Filho, muito influenciado por Gilberto Freyre, pensava o futebol a partir do mito da democracia racial freyriano, no qual as relações entre negros e brancos no Brasil teriam sido cordiais⁷⁰, dessa maneira a miscigenação foi interpretada de forma romantizada e o futebol visto como um meio fácil de ascensão social⁷¹, enquanto DaMatta vê no futebol uma forma de compreender os papéis sociais, as alegrias e os dramas que marcam a vida, para ele, o futebol é uma maneira única de compreender o Brasil⁷².

Se DaMatta é assertivo – e precursor – ao fugir dos dois arquétipos de análises citados anteriormente, ele desliza ao enaltecer o futebol brasileiro, dando um caráter ufanista ao seu texto, principalmente ao falar do futebol propriamente jogado e do sentimento das pessoas para com a seleção nacional.

É sabido no Brasil que o futebol nativo tem jogo de cintura; ou seja malícia e malandragem, elementos **inexistentes** no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, **falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores** [Grifo nosso].⁷³

Tal visão hoje é passível de crítica, ou de uma nova avaliação. Há tempos o desenvolvimento futebolístico dos países europeus fez com a mística da habilidade inata

⁶⁷ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 108.

⁶⁸ DaMATTA, Roberto. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

⁶⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

⁷⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª Ed. São Paulo: Global, 2003.

⁷¹ HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. **Esporte e sociedade**. ano 9, n 23, março 2014.

⁷² DaMATTA, op. Cit., p. 40.

⁷³ IBDEM. p. 28, grifo nosso.

dos brasileiros caísse por terra. Além disso, o processo de urbanização, sobretudo nos grandes centros, fez com que os famosos terrões⁷⁴, grandes produtores do “típico” jogador brasileiro ao qual DaMatta se refere, dessem lugar às escolinhas de futebol, que priorizam outros requisitos de jogo, tal como a técnica, toque de bola, em suma, o jogo coletivo. Dessa mesma forma surge a visão sobre o torcedor – que mais nos interessa –, em “A bola corre mais que os homens”

Quando se trata de outros times, existe a distância que permite admirar, criticar ou aplaudir civilizadamente as boas jogadas. Quando, porém, é o “Brasil” que joga, não se pode permanecer indiferente. Há que se tomar partido e, evidentemente, torcer.⁷⁵

Se levarmos em consideração que torcer está associado à identidade e que esta última se constitui também na unidade física, no caso do corpo da pessoa, ou de fronteiras de pertencimento ao grupo e também na continuidade dentro do tempo⁷⁶, o ato de torcer está mais ligado ao clube (time) de futebol, do que propriamente à seleção brasileira, pois diferentemente dos clubes que estão presente cotidianamente na vida dos torcedores, e portanto estabelecendo uma relação de pertencimento através das fronteiras de pertencimento e da continuidade dentro do tempo, a seleção nacional disputa o seu principal torneio num intervalo de quatro em quatro anos, estabelecendo interrupções na continuidade torcedora. Além disso a produção de identidades (clubísticas) são fabricadas por meio da marcação da diferença⁷⁷, ou seja, quando você torce para um time você torce imediatamente contra outro, por isso as rivalidades clubísticas são bem mais acirradas dentro do cenário nacional. Através das análises chegamos à conclusão de que existem os torcedores/espectadores produzidos pelo discurso acadêmico que são aqueles na qual

A figura do torcedor seria grosso modo relegada por parte significativa dos intelectuais e, por extensão, pelo senso comum no decorrer do século XX à condição de tábula rasa, a uma derivação patológica das emoções oferecidas pela matriz aristotélica da catarse teatral, com o reabastecimento ilusório das energias despendidas na lida cotidiana e com o desvirtuamento dos sentidos concretos que ligam o ser humano à realidade⁷⁸.

⁷⁴ O termo terrão é inferido aos espaços destinados à prática de futebol, os quais não possuem grama, campos típicos da periferia.

⁷⁵ DaMATTa, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 113.

⁷⁶ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n.10, p. 200-215, 1992, p. 204.

⁷⁷ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org). 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 40.

⁷⁸ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 89.

É um outro tipo de torcedor/espectador produzido pela descontinuidade da produção de identidade clubística que é o que entendermos ser aquele que acompanha o selecionado nacional de quatro em quatro anos, estando estes mais ligados à condição do espetáculo, do futebol como megaevento.

Para o fã o que conta é sair da rotina, para o torcedor, porém, o jogo da seleção é um caso de honra e brio nacional. Uma Copa do Mundo para nós, brasileiros, não é apenas um torneio onde há dinheiro e manipulação marqueteira. É também o campo no qual o país vai decidir seu destino e reafirmar sua vocação para o fracasso ou para a glória⁷⁹.

Essa descrição ufanista é mais apropriada para um patriota do que para um torcedor propriamente dito. Em síntese, entendemos o torcedor como aquele que se identifica com um (ou mais) clube(s) de futebol e o torcedor/espectador aquele que acompanha a seleção nacional, que tem nessa “torcida” muito mais um patriotismo, símbolo de uma identidade nacional, do que uma identidade clubística de torcedor. Em uma situação hipotética, é provável que em um jogo entre o clube de coração e a seleção nacional, o torcedor prefira o seu time, pois a identidade com o clube nos parece mais duradoura do que uma identidade nacional, por ser ela uma identidade escolhida e não uma identidade forjada.

Segundo a lógica dos Estados nacionais modernos, via-se na identidade a delimitação da fronteira entre o “nós” e o “eles”, além disso, era a identidade nacional a responsável pela garantia e continuidade da nação. Logo, a cultura nacional era a responsável por fecundar uma sensação de pertencimento na qual identidade nacional permaneceria sólida. Dessa forma, a identidade era entendida como algo herdado, no entanto, Bauman (2005)⁸⁰ considera essa noção de identidade nacional fabricada, que é incubada e gestada em cada pessoa pelos aparelhos ideológicos de uma sociedade. A identidade clubística por sua vez, surge no ponto de intersecção entre sujeito e a comunidade nacional, o ato de torcer é um lugar de emergência de identidades.

A associação entre futebol e identidade nacional foi muito comum no Brasil ao longo do século XX, fazendo parte dos projetos nacionalistas de ditaduras populistas e militares, que viam na paixão pelo esporte um ponto em comum a ser explorado em nome de um projeto nação.

⁷⁹ DaMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 114.

⁸⁰ Zygmunt Bauman. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

1.2 Autoritarismo e populismo: a consolidação do esporte das multidões

A história do futebol brasileiro é marcada pelas várias apropriações que diferentes governos e governantes fizeram e ainda fazem do esporte bretão. Entendemos que a história desse futebol não pode ser resumida sob este ponto de vista, pois correríamos o risco de cair numa análise reducionista na qual o futebol seria visto apenas como um dispositivo de controle das massas ou um meio de alienação. Assim como qualquer outro objeto de estudo, o futebol apresenta diversos aspectos, políticos, sociológicos, antropológicos, psicológicos, linguísticos, etc., nesse momento é importante tecer algumas considerações sobre o momento político e os seus reflexos na sociedade piauiense durante os anos 1970. Para tanto, será necessário um breve recuo para entendermos um pouco mais sobre essa relação entre futebol e política no Brasil.

Determinados momentos da história são de grande valia para a interpretação do aspecto político. A historiografia sobre o futebol direciona boa parte dos seus estudos para momentos bem específicos, são eles o período conhecido como Era Vargas (1930-1945), o período da democracia populista (1946-1954) – sobretudo no segundo governo Vargas – e durante a ditadura militar do Brasil (1964-1985). Tais datações são importantes pois servem como balizas para o estudo histórico, segundo Alfredo Bosi, datas são pontas de *icebergs*. Para ele

O navegador que singra na imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grande distância. Sem essas balias naturais que cintilam até mesmo sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se despedace de encontro às massas submersas que não se veem?⁸¹

Assim, esses períodos históricos foram nitidamente momentos marcantes da relação futebol e política, dissociar a temática do seu contexto histórico seria deixar o barco da história à deriva num oceano de análises, incorrendo no risco de colidir com as armadilhas do tempo. Durante o Estado-novista, o ludopédio⁸² passava por um momento de transição entre o amadorismo e o profissionalismo. A nível nacional a Confederação Brasileira de Desportos – CBD, contrastava com sucesso que os clubes atingiam, sendo estes os primeiros a ganharem forte adesão das massas sobretudo nos principais centros econômicos do país. A profissionalização do esporte era passível de crítica no principal

⁸¹ BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAIS, Adauto. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 19.

⁸² Ludopédio é uma antiga designação para o futebol.

jornal esportivo da época, o *Jornal dos Sports*⁸³. Em edição de 1932 o jornal tecia a seguinte crítica sobre o profissionalismo na cidade do Rio de Janeiro.

[...] É justo concluir que – se os grandes clubes não se podem manter – por não disporem de “nota” para ocorrer os pagamentos inadiáveis e de honra, fechem as suas portas e deixem viver esportivamente, os pequenos clubes, porque estes atingem a sua verdadeira finalidade, propagando o esporte para o aperfeiçoamento da raça, praticando-o sem o intuito do lucro, da remuneração, da vantagem, mas só fim de elevar o esporte a culminâncias do passado quando não existiam ainda os estádios fiados, as pomposas apresentações a custa de dinheiro emprestado que se quer pagar imolando os verdadeiros centros de esportes numa profissionalização incompreensível que começa pela dissimulação do amadorismo e de eficiência esportiva à custa de caça aos jogadores que se sobressaem nos pequenos clubes⁸⁴.

No início dos anos 1930 o futebol era um ingrediente importante nos debates sobre a modernização do país, parte da sociedade defendia a relevância do esporte para a adestração e adequação dos corpos, sobretudo dos negros recém inseridos no mundo futebolístico, como fica claro na passagem acima na qual o futebol teria como função o “aperfeiçoamento da raça”. O jornal também tece importantes críticas sobre a finalidade da profissionalização do esporte, que segundo a visão do jornal naquele momento, estaria distorcendo a finalidade do esporte ao visar apenas o “lucro”.

O *Jornal dos Sports* foi um dos mais importantes jornais esportivos do Brasil, é importante ressaltar que houve uma mudança na linha editorial com a aquisição do periódico pelo jornalista Mario Filho⁸⁵ no ano de 1936, tendo em vista que o jornalista era um grande defensor do profissionalismo, dessa forma o *Jornal dos Sports* “contribuiu para a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões ao promover concurso entre os torcedores e estimular sua carnavalização, que desembocaria na criação de bandeiras, hinos, símbolos e grupos uniformizados”⁸⁶.

⁸³ Famoso por suas páginas em cor-de-rosa, o *Jornal dos Sports* fundado em 1931 pelo jornalista Argemirio Bulcão, teve sua publicação encerrada em 2010. O jornal tinha como finalidade fortalecer o jornalismo esportivo e teve como um de seus principais proprietários o jornalista Mário Filho a partir de 1936.

⁸⁴ “Mais pelo bom senso e pela lógica, menos pelos clubs, degrãos dos fundadores da Amea”. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1932.

⁸⁵ Mário Leite Rodrigues Filho, mais conhecido como Mário Filho (Recife, 3 de junho de 1908 — Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1966), foi um jornalista, cronista esportivo e escritor brasileiro. Era irmão do também jornalista e escritor Nelson Rodrigues. Mário Filho foi uma figura emblemática do cenário cultural carioca. O nome oficial do Maracanã, "Estádio Jornalista Mário Filho", foi dado em reconhecimento pelo seu apoio à construção da arena, e a expressão "Fla-Flu", que designa o clássico do futebol brasileiro entre Flamengo e Fluminense, é de sua autoria. Além disso, o primeiro desfile competitivo das escolas de samba do Carnaval do Rio de Janeiro foi organizado pelo seu jornal.

⁸⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 78.

É importante a breve reflexão sobre o Jornal dos Sports e do Jornalista Mario Filho dada as contribuições para a popularização do Esporte Bretão, pois, é nesse momento que as camadas subalternas passam a fazer parte do jogo político nacional, tendo em vista que:

A consolidação do regime autoritário realizou-se por meio de intensa propaganda, que procurava garantir o apoio das massas ao presidente e a difusão da ideologia trabalhista de conciliação das classes e de valorização da ordem, da disciplina e do nacionalismo⁸⁷

O regime varguista estabelece uma política de modernização do Estado e da sociedade através de uma política de modernização dos esportes em geral, tendo em vista a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) que tinha como prerrogativa o poder de fiscalizar, normatizar e organizar não só o futebol, mas todas as modalidades de esporte. Seguindo o modelo centralizador, o Estado passa a investir diretamente no futebol dando concretude ao projeto de modernização do país, a construção do estádio de futebol do Pacaembú em 1940, pode ser considerada um símbolo desse ideal de progresso. Além disso é perceptível o modelo centralizador pela “vinculação dos dirigentes às engrenagens do poder, o que deixaria marcas profundas no futebol brasileiro”⁸⁸. Para Bernardo Buarque de Hollanda

A homologia entre a centralização das instituições brasileiras após a Revolução de 30 e a articulação de uma “indústria cultural”, que também se expressava por meio da criação de “espetáculos esportivos”, mostrava-se coerente com o “espírito da época”, centralizador por excelência⁸⁹.

Ao longo da década de 1940, o futebol tornou-se um dos símbolos de identidade nacional. Impulsionado pela propaganda do Estado novo por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e também pela imprensa esportiva, o futebol torna-se um dos principais espetáculos popular do país, assim como o carnaval, que, não à toa, esteve sempre vinculado ao futebol. A imprensa futebolística agia como a narrativa da ordem por meio da qual os ideais estadonovistas eram divulgados de maneira simples e direta

⁸⁷ Ibid., p. 81.

⁸⁸ Ibid., p. 82.

⁸⁹ HOLLANDA, B. B. Bernardo. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports. In.: HOLLANDA, B. B. Bernardo; MELO, Vitor Andrade de. (Org.). **Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 82.

para a massa torcedora⁹⁰. Alinhado aos valores do regime, a criação de um campeonato nacional deveria representar a união do país sob a égide do futebol.

Tecnicamente esse certame representa a melhor oportunidade para um intercâmbio real e eficiente entre as mais distantes regiões do país e o qual se tornaria praticamente impossível se ficasse dependendo apenas das iniciativas dos clubes ou das próprias identidades regionais. Financeiramente, também o certame nacional, representa a reserva única na qual se apoia a Confederação para movimentar os desportos amadores, cuja sorte, sem o apoio eficiente, não seria sem dúvidas das melhores (...) Deve existir um compromisso tácito de colaboração entre todos dos quais depende o sucesso do empreendimento e, essa colaboração será realmente efetiva quando se evitar, sinceramente, a criação de “casos”, quando se combater com decisão os excessos de regionalismos, tão prejudiciais em todos os sentidos e quando o torcedor, seja ele carioca, paulista, ou fluminense, passar a olhar os quadros como irmãos em leal competição desportiva, e não como inimigos que se digladiam.⁹¹

As palavras de Mario Filho resumem a ideologia Varguista de integração nacional por meio de um campeonato nacional que unificasse as demais regiões. Entretanto, esse projeto teve fim ao término da Segunda Guerra Mundial em 1945, onde as contradições do governo Vargas ficaram ainda mais evidentes, pois, um governo forjado pela batuta autoritária de grande influência fascista lutando contra Estados Totalitários contrastava com sua própria lógica repressiva. Essas contradições permitiram que as oposições passassem a combater abertamente o Estado Novo, representantes da Oligarquia Mineira, integrantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), intelectuais, artistas e jornalistas endossavam as críticas ao regime varguista. Tais pressões significaram uma abertura política e o surgimento de partidos políticos como a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Findado o Estado Novo, no Brasil o futebol já estava consolidado enquanto o esporte das multidões, mas faltava demonstrar isso para o mundo de forma concreta: organizando um evento de grande porte. É bem verdade que essa intenção já existia desde a ditadura varguista, desde 1942 a CBD tentava sediar o torneio. A busca por demonstrar a nível mundial essa popularidade fez com que o Brasil se candidatasse novamente a sediar a maior competição esportiva de futebol, a Copa do Mundo. As últimas duas edições (1942 e 1946) não haviam ocorrido por conta da Segunda Guerra Mundial e ao fim do conflito a Europa tinha preocupações maiores que organizar uma competição

⁹⁰ PARDINI, M. N. Melina. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1930-1945)**. 2009 (Dissertação em História Social). Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 172.

⁹¹ **Jornal dos Sports**, 1 dezembro de 1943, p. 2.

esportiva, desse modo, o Brasil tornou-se o único candidato disposto a sediar o torneio e pôs fim ao período de 12 anos sem o maior evento de futebol (o último mundial havia sido em 1938, na França).

O projeto de realização da Copa do Mundo de 1950 refletia as características políticas do período, marcada por uma intensa bipolarização das ideias, sobretudo entre os representantes da UDN e do PSD. Até mesmo a construção do estádio do Maracanã – posteriormente chamado de Mário Filho – na cidade do Rio de Janeiro, gerou uma intensa disputa entre políticos da época. A ideia de construir o Estádio foi muito criticada por Carlos Lacerda⁹², para ele os gastos eram muito altos e o local da construção na área do Derby Club (local onde eram disputadas corridas de cavalo) iria gerar um novo problema, pois o Derby Club teria que ser reconstruído em outro lugar, dessa forma, o estádio deveria ser construído em Jacarepaguá. Segundo o historiador Hilário Franco Júnior a efervescência do período favorecia a bipolarização das ideias em qualquer instância.

As discussões sobre o local, sobre as características do projeto arquitetônico, sobre a jurisdição municipal ou federal e sobre a capacidade de público correspondiam ao clima acalorado da democracia populista, que debatia de forma maniqueísta: Marlene ou Emilinha Borba, Francisco Alves ou Orlando Silva, Última Hora ou Diários associados, Carlos Lacerda ou Adhemar de Barros, Ademir de Menezes ou Zizinho, Flamengo ou Fluminense, Corinthians ou Palmeiras, UDN ou PSD, nacionalistas ou entreguistas, Estados Unidos ou União Soviética.

O clima de “Fla x Flu”⁹³ destacado por Hilário Franco de forma caricata, ao apresentar rivalidades entre cantores favoritos, jornais, líderes políticos, era alimentado pela imprensa e dividia a opinião pública, tornando-a muitas vezes oposições inconciliáveis. Dessa forma, o futebol representava a sociedade da época, principalmente das grandes cidades brasileiras, marcadas pelo tom ávido, inquieto, crítico e instável. Um verdadeiro clima de rivalidade futebolístico tomava conta da esfera pública.

Imagem 1 – Vista aérea da construção do Maracanã.

⁹² Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914 –1977) foi um jornalista e político brasileiro. Foi membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1947), deputado federal (1955–60) e governador do estado da Guanabara (1960–65). Foi fundador (em 1949) e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa. Sua carreira política foi marcada por intensas disputas com Getúlio Vargas, sendo também personagem emblemático ao ter sido alvo de um atentado atribuído ao então presidente de Getúlio Vargas.

⁹³ Termo futebolístico que aponta rivalidade.



Fonte: Diário do Rio⁹⁴.

A inauguração do Maracanã ocorreu em junho de 1950 com as obras ainda inacabadas, o estádio foi considerado o maior do mundo da época, com capacidade para quase 200 mil pessoas. Por coincidência ou não, a candidatura de Vargas pelo PTB foi homologada no mesmo dia da inauguração, 16 de junho de 1950⁹⁵. Os primeiros a estrear o estádio foram os próprios operários que o construíram, mas, oficialmente a partida inaugural foi entre as seleções cariocas e paulistas, a seleção de São Paulo venceu pelo placar de 3 a 1. O primeiro gol do estádio foi marcado por Didi, atacante do Fluminense e também da seleção brasileira.

Imagem 2 – Manchete do jornal Correio da Manhã.

⁹⁴ **A história do Maracanã.** Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-maracana/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

⁹⁵ WISNIK. M. José. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 245.

Correio da Manhã

RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 17 DE JUNHO DE 1950

Cariocas e Paulistas hoje, á tarde, na inauguração do Estádio Municipal

Aguardado com interesse pelo público o encontro entre os tradicionais adversários do futebol brasileiro — Os quadros escalados e o juiz.



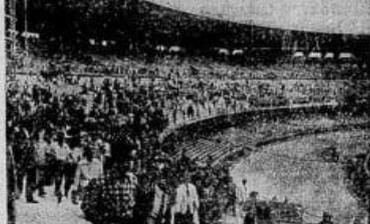
Duas fases da acção dos jogadores carioca, à esquerda, no Fluminense

DURANTE QUARENTA MINUTOS, EXERCITARAM-SE EM CONJUNTO OS JUGOSLAVOS

2 x 1, vantagem dos titulares — Treino de 8 x 11 jogadores — Pela manhã, já no Fluminense haviam praticado rigorosos individuais



O presidente da República, genêral Vargas, acompanhado da delegação da Espanha, em exploração do perfil do Maracanã de dentro do monumental arco



A primeira vista do estádio. Após a cerimônia inicial das autoridades, teve ocasião o público de tomar contato com o estádio, então oficialmente inaugurado

AMERICANOS E INGLESES BEM AO BRASIL

Um grupo de jogadores americanos e ingleses, que se encontram em visita ao Brasil, foram vistos ontem em um jogo de futebol no Fluminense.

ADIADA A RODADA DO VOLEI FEMININO

Atendendo a que na tarde de hoje as atrações dos desportistas metropolitanos estarão voltadas para as comemorações que serão efetuadas no Estádio Municipal, por ocasião das atividades de sua entrega ao povo do Distrito Federal, resolveram os dirigentes da Federação Metropolitana de Voleibol retardar por uma semana o início do retorno do III Torneio Feminino da Cidade de Rio de Janeiro.

AMANHÃ CHEGARÃO OS ESPANHÓIS

Mañana, 18 (D. P.) — Os jogadores espanhóis que representarão este país no Campeonato Mundial de Futebol, chegarão amanhã ao Rio de Janeiro.

UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

INAUGURADO OFICIALMENTE O ESTADIO MUNICIPAL

Presentes ao ato, o presidente da República, autoridades públicas e desportistas — Saudação do prefeito do Distrito Federal — Bênção do anfitrião pelo cardeal D. Jayme Câmara — Prosseguem os trabalhos visando os grossos retoques da construção

Fonte: Diário do Rio⁹⁶.

A inauguração do Maracanã era o “pontapé inicial” para a realização do torneio, o jornal chamava atenção para vinda de outras seleções como americanos, ingleses e também os espanhóis. A presença de autoridades não só da esfera política como também do meio religioso, como destaca a matéria, mostra algo muito comum no imaginário do torcedor brasileiro, a tríade: futebol, política e religião (se misturam).

A Copa de 1950 contou com a presença de 13 seleções nos gramados e de diversos políticos brasileiros nas tribunas, afinal, o ano era de eleições por todo o país e, “diante da certeza da vitória brasileira na Copa, os candidatos buscavam ampliar seu prestígio com o futebol. Procuravam mostrar-se ao lado das massas”⁹⁷.

A final disputada entre Brasil e Uruguai no estádio do Maracanã se deu após momentos de euforia generalizada nas arquibancadas. A vitória por 6 a 1 contra a seleção espanhola foi acompanhada de uma famosa marchinha carnavalesca do Rio de Janeiro, chamada “Touradas de Madri”.

⁹⁶ **A história do Maracanã.** Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-maracana/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

⁹⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 89.

Eu fui às touradas em Madri
 (Parará tchim bum bum bum
 Parará tchim bum bum)
 E quase não volto mais aqui-i-i
 Pra ver Peri-i-i
 Beijar Ceci
 (Parará tchim bum bum bum
 Parará tchim bum bum)
 Eu conheci uma espanhola
 Natural da Catalu-unha
 Que ria que eu tocasse castanhola
 E pegasse o touro à u-unha
 Caramba
 Caracoles
 Sou do samba
 Não me amoles
 Pro Brasil eu vou fugir
 Isso é conversa mole
 Para boi dormir
 (Parará tchim bum bum bum
 Parará tchim bum bum)⁹⁸

A marchinha embalada pela Charanga de Jaime de Carvalho⁹⁹, considerada a banda oficial da seleção brasileira cumpria a função de embalar a torcida numa só voz. Como já vimos, havia em curso um projeto de notabilizar para o mundo a imagem de um país cordial, moderno e receptivo, para tanto, a charanga de Jaime de Carvalho tinha também a função de auxiliar o trabalho do chefe de polícia na orientação do comportamento dos torcedores. Tal euforia se dava, portanto, sob o manto da civilidade.

A peleja final contra o Uruguai foi acompanhada por uma sensação de vitória por antecipação por parte dos políticos brasileiros como relata Wisnik.

No dia da partida, os jogadores brasileiros foram expostos aos discursos triunfalistas, às pérolas da retórica, às inconseqüências mais rasteiras e ao esquecimento dos limites, culminando numa primeira interrupção do almoço coletivo para ouvir, na sala de troféus de São Januário, o discurso auto propagandístico de Cristiano Machado, candidato à presidência, acompanhado de figurões da Confederação Brasileira de Desportos; como se não bastasse houve uma segunda interrupção para receber Adhemar de Barros e sua comitiva, que apoiava Getúlio, e, já em campo, deu-se o discurso do prefeito Ângelo Mendes de Moraes, um épico da impropriedade cívica e da parcialidade, como se tudo realizasse um resumo magnificado dos temas-chave da ironia machadiana: ideia fixa, obnubilação, onipotência imaginária e tomo no real¹⁰⁰.

⁹⁸ RIBEIRO, Alberto; BARRO, João de. *Apud* WISNIK, M. José. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 252-253.

⁹⁹ Era chefe de Torcida do Flamengo. Para mais informações sobre essa figura icônica do futebol carioca ver o livro *A Torcida brasileira* organizado por Bernardo Buarque de Hollanda [et al.].

¹⁰⁰ WISNIK, M. José. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 259.

Num esporte tão traiçoeiro quanto o futebol, vale a famosa máxima: “quanto mais alto se voa, maior é o tombo”. Se, por um lado, a euforia politiqueria tomava conta dos bastidores da final da Copa do Mundo, a imprensa esportiva num tom mais moderado alertava para os perigos da seleção uruguaia. José Lins do Rego¹⁰¹, famoso romancista, mantinha publicação no *Jornal dos Sports*, em crônica intitulada “Agora os mais duros” o cronista fazia o seguinte aviso:

Mais uma vez o Brasil ficou a dever uma imensa alegria dada aos rapazes do futebol. Mais uma vez os rapazes brasileiros, saídos das modestas camadas do povo encheram o peito de júbilo de milhões de brasileiros. Aí está o futebol dando à Nação, um contentamento soberbo. O país inteiro vibrou com a vitória sobre a “fúria” da Espanha. Amanhã teremos outra etapa, a mais difícil, a mais dura. Teremos amanhã os homens da camisa celeste. São adversários duríssimos, homens de cabelo na venta, gente disposta a tudo e já experimentada em vitórias internacionais. Rapazes da seleção, aos orientais, que são os mais perigosos¹⁰².

Não fossem as vitórias por um amplo placar contra Suécia e Espanha, a derrota para o tradicional escrete uruguaio poderia ser menos sofrida. Entretanto, a derrota da seleção brasileira ficou marcada na memória coletiva do país, lembrando que para Halbwachs “existem várias memórias coletivas”¹⁰³, assim, a Tragédia do Maracanã, ou o *Maracanazo* como ficou conhecido, foi anunciado da seguinte maneira por um dos principais jornais esportivos da época:

Imagem 3 – Mundo esportivo após a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950.

Sexta-feira, 21 de Julho de 1950

MUNDO ESPORTIVO

— 7 —

DRAMA, TRAGEDIA E RIDICULO!

Com a vitória do Uruguai, encerrou-se a disputa do IV Campeonato Mundial de Futebol. Virou-se a última página do vigoroso drama que se abriu a alma dos brasileiros e agora, passados os primeiros instantes de magua e decepção, podemos analisar. Frilamente, as causas que determinaram a dolorosa tragédia do futebol brasileiro. Não temos o triunfo uruguaio, que foi legítimo e indiscutível. Tão pouco movemos o desejo de ferir este ou aquele. Visamos, antes de tudo, apontar os erros que presidiram os preparativos e a orientação do nosso quadro, e nisso não fazemos mais do que repetir os gritos de alerta que, patriótica-

REDUZIDAS A PO' AS MAIS LIDIMAS ESPERANÇAS — FLAVIO COSTA, SINAL DOS TEMPOS — MAU CRITERIO NA CONVOCAÇÃO — MANIA DOS “MEDALHÕES” — INTERFERENCIA PERNICIOSA — VOLUPIA DE SUPERIORIDADE — INCOMPETENCIA — ASA NEGRA, MANDINGA E PE' DE COELHO — MAL NECESSARIO

maior dose de energia ao selecionado. Aliás, nesse ponto reside a grande diferença entre o Brasil e o Uruguai, porquanto os campeões harmonizaram bem o espírito novo e cheio de fibra de Gigghia, Julio Peres e Matias Gonzalez com a experiência de veteranos como Varela, Tejera e Maspoli. Nós preferimos uma seleção que alçuem no Rio, com muita propriedade, o batismo de “Scratch dos reus”

5 — TEMOSIA: Este é um

ESCREVEU
ODILON C. BRAZ

Impedindo a ação construtora de Bauer e Jair, Sim, todos viram, menos Flavio Costa, que nada fez para modificar a situação. Nem mesmo para ordenar maior cuidado na defesa, depois do gol de Friaça. Qualquer quadro, naquelas condições, não deixaria fugir o título. Nós deixamos. Porque somente Augusto e Juvenal tiveram noção do perigo. Todos os

palavra aos seus comandados no intervalo nem sequer instruiu os elementos da defesa para que empregassem a tática de homem a homem.

10 — A PERFIÇÃO E FELTIÇO: E' doloroso confessar, mas parecemos um povo tristemente atrasado. Parece inerte que ainda se acredite em superstição e feitiço, em pleno século XX. Tanto mais doloroso, porque gestos dessa natureza partem de dirigentes, os quais, em suas exortações, pedem aos craques e assistentes que adotem a mesma posição

¹⁰¹ José Lins do Rego (1901-1957) foi um escritor brasileiro considerado um dos principais romancistas regionalistas da literatura nacional. Durante muito tempo foi cronista esportivo do *Jornal dos Sports*.

¹⁰² DO REGO, L. José. Agora os mais duros. *Jornal dos sports*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1950, p. 5.

¹⁰³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003, p.105.

Fonte: Diário do Rio¹⁰⁴.

O título da manchete e as palavras que o seguem após o fracasso da equipe brasileira reflete a retomada de discursos racistas e reforça o complexo de inferioridade brasileiro, um sentimento que Nelson Rodrigues¹⁰⁵ imortalizou ao chamar de “complexo de vira-latas”, uma sensação marcada pela incapacidade quase que patológica de aceitar a própria potência. A derrota da nacionalidade no campo de jogo não barrou a vitória do nacionalismo nas urnas e Getúlio Vargas, pela primeira vez, tornou-se presidente da república pelas vias democráticas. O seu governo marcado por uma política nacionalista viu crescer a inflação e a insatisfação popular que o regime autoritário de outrora suprimiu. Pressionado por todos os lados, seu governo foi tomado por uma grave crise política que culminou com o seu suicídio do dia 24 de agosto de 1954.

Como pudemos constatar, esses períodos marcados por excessos centralizadores, personificados na imagem de um líder, tiveram reflexos também no futebol. Esse período nas arquibancadas das grandes praças esportivas do país (Rio de Janeiro e São Paulo) foi marcado pela carnavalização das torcidas, que assim como no cenário político, tinham em seus líderes verdadeiros porta-vozes da instituição torcedora. Para além da carnavalização das arquibancadas os comandantes das charangas representavam também uma preocupação com a disciplina, ou nas palavras acertadas de Toledo, o objetivo era formar “um núcleo civilizado no meio da massa”¹⁰⁶. Tal intenção disciplinadora se dava ainda mais necessária após a construção de grandes palcos esportivos, como o Maracanã no Rio de Janeiro e o Pacaembú na capital paulista. Esse modelo de torcida entrou em declínio a partir dos anos 1970, o panorama das arquibancadas se modificou razoavelmente em relação aos decênios anteriores. As charangas, apesar dos ares “oficiais”, não existiam mais como torcida organizada exclusiva, como a única representativa do clube entre os torcedores¹⁰⁷.

¹⁰⁴ **A história do Maracanã.** Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-maracana/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

¹⁰⁵ Nelson Falcão Rodrigues (1912 - 1980) foi um escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro. É considerado o mais influente dramaturgo do Brasil.

¹⁰⁶ TOLEDO, Luiz Henrique. “Torcer: a metafísica do homem comum”. In: **Revista de história**. São Paulo: n. 163, jul./dez. 2010.

¹⁰⁷ HOLLANDA, B. B. Bernardo. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, B. B. Bernardo [et al.]. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 107.

2. DUPLA DE ATAQUE: FUTEBOL E POLÍTICA

Nesse capítulo, buscamos entender as formas que o governo nacional utilizou o futebol enquanto um dos pilares do projeto de integração regional, durante o regime militar, sobretudo a partir dos anos 1970. Aqui analisamos de que forma o futebol se inseriu dentro da política local e também da nacional.

Para tanto, começamos por refletir a importância dada ao futebol como parte do projeto de integração nacional, através da construção de estádios e também da ampliação do campeonato nacional, para que dessa forma, times das mais diversas regiões do país participassem do maior evento esportivo do país.

O futebol piauiense, esteve relacionado desde os primórdios com a política local, isso se deve ao fato dos principais clubes da cidade de Teresina terem sua origem a partir de uma ligação com pessoas que estavam à frente da política local, ou que se utilizaram da popularidade alcançada à frente de clubes para se lançarem na política. Durante os anos 1970, a política acaba reverberando nas disputas dos clubes pelo campeonato piauiense, e principalmente, na busca de uma vaga para representar o Piauí no campeonato brasileiro de futebol.

Como metodologia, fizemos um diálogo entre a produção historiográfica sobre o tema, as atas de fundação dos times locais e os dados do Tribunal Regional Eleitoral. A intenção era identificar aqueles que fizeram parte da fundação dos clubes e apontar quem logrou êxito político através dos clubes.

2.1 O Brasil veste a camisa: o futebol dentro do projeto de integração nacional

Os militares que comandaram o país entre os anos de 1964 e 1985 herdaram diversas características da ditadura anterior (1930-1945), dentre elas a atribuição das práticas esportivas – na qual o futebol desempenhou função fundamental – ao papel centralizador do projeto governista. Entretanto, em termos de conquistas, o futebol brasileiro já havia se consolidado enquanto uma das principais seleções do mundo após as conquistas das copas de 1958 e 1962, sendo, portanto, um símbolo consolidado da cultura e da identidade do povo brasileiro. Tal simbolismo alcançou a sua máxima durante a Copa do Mundo de 1970 no México, onde o escrete brasileiro sagrou-se Tricampeão Mundial. O historiador Euclides de Freitas Couto em sua obra “Da ditadura à ditadura:

uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)”¹⁰⁸ explica que o Estado brasileiro utilizou o futebol como espaço de interlocução e manipulação política das massas, fazendo da popularidade do esporte um mecanismo de expressividade da cultura nacional.

O regime soube utilizar de forma bastante eficaz a imprensa como dispositivo de divulgação das conquistas esportivas visando conquistar o apoio da população ao governo, principalmente após a eleição do General Emílio Garrastazu Médici¹⁰⁹, realizada pelo colégio eleitoral. A relação entre o governo e o futebol ficaram mais íntimas durante o governo de Médici, que se valia da condição de torcedor para aproximar-se da população.

São facilmente encontráveis, a cada passo, em todas as versões da mídia, narrativas históricas sobre as copas do mundo, evocando heróis e vilões, sucessos e fracassos dos selecionados brasileiros [...] São incontáveis as propagandas que exaltam o sentimento nacional, colaborando na construção das representações coletivas sobre um Brasil mestiço, misturado, unificado pelo seu futebol, representado como único e peculiar¹¹⁰.

A propaganda embalou a seleção desde sua partida para o México. A canção “Pra Frente, Brasil”¹¹¹ era tocada nas rádios, nos programas de televisão, a música aclamava um sentimento de união do brasileiro, “parece que o Brasil deu a mão”. Mais uma vez sob o uso político o regime militar, através da propaganda, buscou solidificar a nacionalidade brasileira mediante as conquistas no plano esportivo. Se o futebol já era o principal instrumento da propaganda do governo militar a conquista do tricampeonato serviu para camuflar ainda mais as arbitrariedades do governo ditatorial. Para aqueles que não contestavam o governo a mensagem transmitida era outra totalmente diferente daquela repassada para os que questionavam o regime, pautada na violência. Os pronunciamentos governamentais objetivavam demonstrar ao povo um Brasil que, assim como no futebol, trilhava o caminho certo:

Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro.

¹⁰⁸ COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura**: uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978). Niterói: Editora da UFF, 2014.

¹⁰⁹ Emílio Garrastazu Médice (1905-1985) foi o terceiro presidente do Brasil no período ditatorial, ao longo do seu governo a ditadura atingiu seu pleno auge, sobretudo no que diz respeito à repressão, do uso sistemático da tortura e do assassinato.

¹¹⁰ GUEDES, Simoni Lahud. A dádiva e os diálogos identitários através das copas do mundo no Brasil. In: CAMPOS e ALFONSI (Organizadores). **Futebol objeto**. São Paulo: Leya, 2014, p. 59.

¹¹¹ A canção Pra frente Brasil foi composta por Miguel Gustavo e ganhou ritmo com o som da banda Os Incríveis.

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração do que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica.

Na vitória esportiva, a prevalência de princípios que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. É desse ciclo a nossa conquista, a vitória da unidade e da conquista de esforços. A vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e serenidade dos capacitados, da técnica, do preparo físico e da categoria. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva.

Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro!¹¹²

No pronunciamento, feito logo após a conquista do tricampeonato mundial, dia 21 de junho de 1970, há uma busca tanto de aproximação com o povo, como de identificação, pois, era importante que cada brasileiro se visse representado na figura presidencial, imagem representada pela simplicidade do homem comum que, assim como o país, teria sua força proveniente da união. Para a pesquisadora Lívia Gonçalves Magalhães “o presidente enfatizava que a vitória era do povo de seu país, nem só dos jogadores nem era exatamente do regime; era o povo o responsável pelo êxito”¹¹³. A exaltação da coletividade até mesmo sobre o notável talento individual da seleção dava o tom de que a “conquista era também dos líderes, a partir do momento em que eles também eram parte do povo, e, não apenas criavam um canal de identidade com as massas, como também canalizavam para si a vitória esportiva”¹¹⁴.

Imagem 4 – Médici levanta a taça da Copa de 1970.

¹¹² BRASIL. Secretaria de Administração. Diretoria da Administração de pessoas. Coordenação Geral de Documentação e Informação. Coordenação de Biblioteca. **Valor do homem brasileiro**. 1970, p. 82-84. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/16/view>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

¹¹³ MAGALHÃES, Gonçalves Lívia. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 2013. Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói. p. 158.

¹¹⁴ Idem, p. 158.



Fonte: Arquivo Nacional¹¹⁵.

Como retrata a imagem, Médici associou sua estampa ao escrete nacional ao evocar o patriotismo de torcer pela seleção. A autopromoção de Médici através dos pronunciamentos refletia também as “benesses do governo”, antes mesmo da conquista do tricampeonato mundial o regime cuidou para que a futura conquista pudesse ser assistida pelo povo, através das transmissões feitas por televisores. Dessa forma, o governo destacava a assistência governamental nos mais diversos aspectos da vida cotidiana, “solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu governo se empenhou para que trouxéssemos o México à plateia de todos os lares do Brasil”¹¹⁶.

O discurso de união passava também por outras instâncias futebolísticas que ultrapassavam as quatro linhas sendo elas a criação da Loteria Esportiva¹¹⁷, em 1970, a reformulação do campeonato nacional de futebol e a construção de diversos estádios de futebol por boa parte do país. Tais projetos seguiam o modelo nacional de integração,

¹¹⁵ BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Arquivo Nacional. Memórias Reveladas. **Imagens e documentos do período de 64 a 85**. Disponível em: <<http://www.memoriasreveladas.gov.br/index.php/galeria-de-imagens-2/12-imagens-e-documentos-do-periodo-de-64-a-85/detail/355-imagens-e-documentos-do-periodo-de-64-a-85>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

¹¹⁶ BRASIL. Secretaria de Administração. Diretoria da Administração de pessoas. Coordenação Geral de Documentação e Informação. Coordenação de Biblioteca. **Na praça do povo**. 1970, p. 21. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/03/view>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

¹¹⁷ Atualmente denominada Loteca, a antiga Loteria Esportiva, é uma modalidade de loteria brasileira, mantida pela Caixa Econômica Federal, com o objetivo de prognosticar resultados de partidas de futebol.

característica da excessiva centralização política que acabava por fortalecer o Poder Executivo.

A simbiose entre esporte e política é talvez mais bem ilustrada pela Loteria Esportiva. (...) Além de produzir recursos financeiros, a loteria contribuiu para uma desejada unificação do território nacional. (...) As regras do jogo obrigavam a inclusão de todas as regiões do país entre os 13 jogos, apesar do fato de que o melhor futebol sempre foi praticado no sul do país. (...) A promoção da loteria levou a uma mudança direta na estrutura do futebol brasileiro que também proporcionou unificação geográfica. O governo pediu que a CBD [Confederação Brasileira de Desportos] estabelecesse um campeonato nacional, para que pudesse haver loteria o ano inteiro¹¹⁸.

A criação da Loteria Esportiva estava diretamente ligada a uma reformulação no campeonato nacional de clubes, uma vez que as receitas angariadas com o jogo de apostas permitiram que a Confederação Brasileira de Desportos – atual CBF – alavancasse os seus cofres e passasse a investir em um novo torneio nacional. A taça Brasil¹¹⁹ deu lugar ao torneio Roberto Gomes Pedrosa¹²⁰, conhecido como Robertão, a partir de 1967, Internacional e Grêmio (RS), Atlético e Cruzeiro (MG) e Ferroviário (PR) foram convidados a se juntarem às equipes de São Paulo e do Rio de Janeiro¹²¹.

Dessa forma, o Robertão já demonstrava os indícios de uma tão sonhada competição que representasse os ideais de integração nacional já representados em outras políticas desenvolvimentistas como a construção da rodovia Transamazônica, a expansão da fronteira agrícola. É a partir desse projeto que se deu a criação de um novo campeonato nacional, o Campeonato Brasileiro, em 1971, que representava a concepção de que o país era indivisível e que era necessário a integração das regiões periféricas as demais áreas do país. Seguindo essa premissa o novo certame continha 20 clubes, dobrando a quantidade em 1973 e mantendo um incrível crescimento nos anos seguintes, chegando a atingir a surreal marca de 94 participantes em 1979. Podemos então concluir que a estratégia de ampliação do campeonato nacional se deu pela incorporação de novas áreas ao cenário futebolístico do país.

¹¹⁸ LEVER, Jantet *apud* GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: o Caso da Copa de 70. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 71.

¹¹⁹ Taça Brasil foi o nome oficial utilizado para designar os campeonatos nacionais realizados entre 1959 e 1968.

¹²⁰ O torneio Roberto Gomes Pedrosa foi resultado da ampliação do torneio Rio-São Paulo, com o convite a equipes de outros estados.

¹²¹ Para mais informações sobre a história dos campeonatos nacionais ver o livro **Dossiê – unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959**: o documento que resgatou a história do futebol brasileiro. Dos autores José Carlos Peres e Odir Cunha.

No Piauí, os ideais de progresso presentes no discurso oficial do governo federal se faziam presentes na gestão de Alberto Tavares Silva¹²² então governador do estado. Ligado à ala militar, o seu primeiro governo (1971-1975) foi marcado pela realização de diversas obras de grande porte, tal qual as realizadas em âmbito federal. A historiadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles destaca que suas ações estavam em “consoante com a arte de inscrever imagens na memória coletiva piauiense”¹²³, sendo uma das formas de “durar na memória e na história do Piauí”.

São recorrentes os destaques atribuídos às iniciativas associadas à infraestrutura do Estado, a exemplo da construção de estradas vicinais e asfaltadas, como a Transpiauí; a construção de e implantação do terminal de petróleo em Teresina [...] a construção de hospitais, inaugurando cerca de 600 novos leitos, destacando-se a reforma e ampliação do Hospital Getúlio Vargas, assim como de outros hospitais como o do Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, o de Parnaíba e o de Floriano, bem como na contratação e construção da maternidade pré-fabricada de Teresina, Dona Evangelina Rosa [...] assim como construções de várias obras como a do Instituto de Educação Antonino Freire, do Palácio da Justiça, do Zoobotânico de Teresina, da penitenciária agroindustrial de Teresina, do Monumento Heróis do Jenipapo na cidade de Campo Maior, além da reforma de muitos prédios públicos, como o Palácio de Karnak, o Teatro 4 de Setembro e o Hotel do Piauí. Entre as principais obras da década de 1970 constam também o estádio de futebol Albertão, a Universidade Federal do Piauí, a construção do prédio da CEPISA e do palácio do Tribunal de Justiça¹²⁴.

Obras de grande porte marcaram a gestão e estão diretamente ligadas ao ideal desenvolvimentista e modernizador, destas obras a que mais nos interessa é a construção do estádio de futebol Albertão, pois este representa bem uma política de integração nacional que se fez presente em boa parte do país, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. A construção não só do estádio da capital piauiense, mas de diversos estádios pelo país faz parte da proposta de expansão do campeonato nacional, onde temos de um lado a capitalização da promoção de um campeonato nacional por meio dos meios de comunicação e do outro a ação da loteria esportiva, ambos atuando em conjunto para a realização de um certame em nível nacional. Tal associação funcionava da seguinte forma, os meios de comunicação como a Revista Placar¹²⁵ acompanhavam a todos os

¹²² Alberto Tavares Silva foi engenheiro e político brasileiro. Durante o período ditatorial foi governador do Estado do Piauí pela União Democrática Nacional (UDN) entre 1971 e 1975. Foi senador, deputado federal e estadual, além de prefeito da cidade de Parnaíba – PI.

¹²³ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 154.

¹²⁴ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 154.

¹²⁵ Placar é uma revista brasileira especializada em esporte. Lançada em 1970 pela Editora Abril

jogos da loteca e ajudavam com palpites, enquanto a televisão passava a veicular os gols da rodada, merecendo destaque o quadro “zebrinha”, exibido no fantástico, na Rede Globo de Televisão.

Imagem 5 – Dicas de resultados na Revista Placar.

BOLA TESTE 345

INFORMES ESPECIAIS

1 **PERU E BRASIL**
Cáli, Colômbia (d)

Para sorte nossa, o Peru joga no ponto passado: só a discricão de falsas certidões de idade impede que Chumpitaz, Menéndez e acompanhantes sejam mais que exemplos de longevidade. Há os craques — como Sotil — vindos de fora. Há a positiva lembrança das lições de Didi. E só.

O Brasil tem a firmeza de Leão, a aplicaçõ de Zé Maria, passes de Rivelino, classe de Paulo César, valentia de Roberto. E, principalmente, necessidade de vencer. Como cansou de vencer, mesmo sem overlapping. Este deve ser guardado para confrontos mais sérios. Para o de agora, basta a inocência.

4 **ATLÉTICO E COLORADO**
Couto Pereira (d)

Com a entrada de Cabral ao lado de Bira Lopes e com a deslocaçõ de Katinha para sua antiga posiçõ, o Atlético mostrou maior movimentaçõ. No Atle-Tiba criou muitas oportunidades de gol. Não as aproveitou. Mas o aplauso da torcida mostra que o time cresceu.

O Colorado, domingo passado, jogou muito mal. Vai enfrentar o Atlético com uma única esperança: a de que se confirme a tradiçõ de equilíbrio no clássico. É bom ficar atento ao seu desempenho, no meio da semana, frente ao Londrina. Mas, em funçõ do que vêm jogando os dois times, não há dúvida de que o Atlético merece maior confiança.

7 **VILA NOVA E ATLÉTICO**
Nova Lima (d)

O Galo vai a Nova Lima sem sete titulares, e terá de agüentar tremenda pressõ, do Vila e sua torcida. Explica-se a disposiçõ belicosa: no primeiro turno, no Mineirão, os torcedores do Vila Nova, além de verem seu time goleado por 5 a 1, agüentaram pedradas e desaforos.

Isso pode influir muito. Time por time, o Galo é o mesmo que goleou o Vila, pois já estava bem desfalcado. O Vila Nova também é o mesmo, só que, em seu campo, cresce. E não respeita nada — talvez nem mesmo a sua má fase atual.

Se o Atlético é, apesar de tudo, favorito, bom mesmo é contar com a possibilidade de uma zebra.

8 **BOTAFOGO E TREZE**
João Pessoa (d)

O Botafogo venceu o Auto e ganhou motivaçõ. Agora, anuncia com alegria o lançamento de Zé Carlos, emprestado pelo São Paulo, e o retorno de Fantik.

O Treze perdeu para o Campinense. E passou a dividir a liderançã do

11 **COMERCIAL E SÃO PAULO**
Rib. Preto (d)

Primeiro turno abaixo da crítica. Depois — tendo chamado Alfreidinho de volta —, o Comercial melhorou. Empatou com o Guarani em Campinas, com a Santista em Santos. E prepara-se para fazer, em Ribeirão, o São Paulo suar frio.

Murici será operado, Chicão e Teodoro dificilmente ganharão condiçõ de jogo. Terto, sem fôlego, deve continuar de fora. Com Muller na direita e Viana no meio — ajudando e aprendendo com Pedro Rocha —, não se tem um time ideal. Mas rápido e, por isso, perigoso.

Jogo difícil, sujeito a surpresas — mas, de qualquer modo, melhor para o São Paulo.

Fonte: Revista Placar, 1977.¹²⁶

A ediçõ da Revista Placar, como de costume, trazia aos apostadores diversos palpites sobre os jogos, apontando as equipes com mais condições de obter êxito. Apesar de ser uma revista de circulaçõ nacional, os meios mais comuns de se informar sobre os jogos, sobretudo no Piauí, se dava por meio do rádio ou da televisão, o fato é que o alcance ao público era bastante eficaz e fez com que muitos governantes buscassem no futebol uma forma de passar para a populaçõ o sentimento de integraçõ tão apregoadado pelo discurso do Plano de Integraçõ Nacional¹²⁷, inserir o time no campeonato nacional significava integrar a comunidade, por mais que a cidade fosse pequena, não tivesse recursos financeiros e não fosse populosa, tentava-se criar o sentido que estava plenamente inserida através do futebol. É interessante destacar que tal participaçõ tinha como condiçõ necessária a construçõ ou ampliaçõ de estádios propícios para a prática

¹²⁶ Revista Placar n. 376. **Revista Placar**. São Paulo, n. 376, 1977-07-08. p. 58.

¹²⁷ Plano de Integraçõ Nacional (PIN), foi estabelecido em 16 de junho de 1970 através da assinatura do Decreto-Lei n° 1.106, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici. Tinha por objetivo implementar obras de infraestrutura econômica e social no Norte e no Nordeste do país.

futebolística e que acomodasse uma multidão de pessoas, é nesse contexto que surge a máxima “onde a Arena vai mal, mas um time no Nacional”.

Imagem 6 – Lista de estádios construídos ou reformados durante o regime militar.

Estádio	Cidade	Ano de Inauguração	Estádio	Cidade	Ano de Inauguração
Palma Travassos	Ribeirão Preto-SP	1964	Almeidão	João Pessoa-PB	1975
Mineirão	Belo Horizonte-MG	1965	Alfredo Jaconi	Caxias-RS	1975
Barão de Serra Negra	Piracicaba-SP	1965	Amigão	Campina Grande-PB	1975
Lomantão	Vitória da Conquista-BA	1966	Serra Dourada	Goânia-GO	1975
Abreuzão	Marília-SP	1967	Verdão	Cuiabá-MT	1976
Santa Cruz	Ribeirão Preto-SP	1968	Índio Condá	Chapecó-SC	1976
Rei Pelé	Maceió-AL	1968	Centenário	Caxias-RS	1976
Vila Euclides	São Bernardo-SP	1968	Estádio do Café	Londrina-PR	1976
Beira-Rio	Porto Alegre-RS	1969	Willie Davids	Maringá-PR	1976*
Batistão	Aracaju-SE	1969	JK	Itumbiara-GO	1976
Vermelhão da Serra	Passo Fundo-RS	1969	Bezerrão	Gama-DF	1977
Morumbi	São Paulo-SP	1970*	Décio Vitta	Americana-SP	1977
Colosso da Lagoa	Erechim-RS	1970	Limeirão	Limeira-SP	1977
Martins Pereira	São José dos Campos-SP	1970	Mangueirão	Belém-PA	1978
Lanchão	Franca-SP	1970	Walter Ribeiro	Sorocaba-SP	1978
Vivaldão	Manaus-AM	1970	Serejão	Taguatinga-DF	1978
Romeirão	Juazeiro do Norte-CE	1970	Pituaçu	Salvador-BA	1979
Moreirão	Campo Grande-MS	1971	Lacerdão	Caruaru-PE	1980
Presidente Médici	Itabaiana-SE	1971	Romildão	Mogi Mirim-SP	1981
Arruda	Recife-PE	1972	Moacyrão	Macaé-RJ	1982
Uberabão	Uberaba-MG	1972	Olimpico Regional	Cascavel-PR	1982
Machadão	Natal-RN	1972	Castelão	São Luís-MA	1982
Albertão	Teresina-PI	1973	Prudentão	Presidente Prudente-SP	1982
Castelão	Fortaleza-CE	1973	Ipatingão	Ipatinga-MG	1982
Jauzão	Jau-SP	1973	Parque do Sabiá	Uberlândia-MG	1982
Mané Garrincha	Brasília-DF	1974	Kleber Andrade	Cariacica-ES	1983

Fonte: Trivela¹²⁸.

A tabela acima mostra a construção e também a ampliação de estádios futebolísticos que foram inaugurados durante o governo ditatorial, boa parte foram construídos em regiões onde o futebol não estava em pleno desenvolvimento e que, contraditoriamente, possuíam capacidades enormes, tais construções revelam mais a necessidade de demonstrar a grandiosidade de um projeto político do que propriamente a capacidade esportiva das regiões nas quais eram construídos. Eram obras gigantescas para dar visibilidade, uma forma para o governo marcar presença, por esse motivo essas obras eram fiscalizadas de perto por membros da Confederação Brasileira de Desportos.

¹²⁸ Disponível em: <<https://trivela.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

O Sr. Abílio de Almeida, diretor da CBD, anunciou no Rio de Janeiro que no início da primeira quinzena de fevereiro iniciará viagem pelo Brasil, onde verificará as obras dos estádios em construção[...]. Logo depois que Abílio de Almeida visitar as obras do Albertão irá até Belém, onde visitará o Mangabeirão, estádio do Paissandu. Logo depois seguirá para o Paraná, onde conhecerá o Pinheirão e ainda vai até Goiás, onde iniciaram as obras de terraplanagem do estádio Caiadão¹²⁹.

Em comum esses locais visitados possuem o “ão”, o que demonstra a dimensão dos empreendimentos, muitos também faziam homenagem àqueles que estavam no poder, como o caso de Alberto Silva, no Piauí, e de Leonino Caiado¹³⁰, no estado de Goiás. Os ares de grandeza e modernidade que esses estádios simbolizavam embalavam as manchetes dos jornais que, em euforia, antecipavam um ano antes da inauguração, o que esse estádio representava: “Albertão, a obra do século”¹³¹.

Imagem 7 – Vista aérea da construção do estádio Albertão.



Fonte: Coordenação de Registro e Conservação – CRC¹³².

Em nível local a construção de uma grande praça de prática esportiva estava associada também a figura do progresso, “o estádio de futebol era mais um dos símbolos da prosperidade, pois junto a ele outros elementos poderiam ganhar visibilidade pública,

¹²⁹ **Jornal O Dia**. Teresina, 04 de janeiro de 1973, p. 7.

¹³⁰ Leonino Di Ramos Caiado é um político brasileiro. Foi prefeito de Goiânia e governador de Goiás durante entre os anos de 1971 e 1975, esteve ligado à ARENA em seus mandatos.

¹³¹ **Jornal O Dia**. Teresina, 22 de junho de 1972, p. 9.

¹³² **Estádio Governador Alberto Tavares Silva**. Disponível em: <<https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2017/02/01/estadio-governador-alberto-tavares-silva-albertao/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

como a eletricidade”¹³³, assim, o Albertão fez parte dos mais de trinta estádios de futebol inaugurados durante a década de 1970, mais do que simples construções, os espaços destinados para a prática futebolística tinham como plano de fundo o fortalecimento da Arena no interior do país.

O dirigente da CBD declarou que em Teresina manterá reuniões com o presidente da federação local e com os dirigentes dos clubes, para discutir assuntos diversos. Disse que isto tudo porque o Piauí estará, possivelmente, no nacional extra desse ano. Abílio de Almeida informou ainda que o Piauí tem uma promessa de João Havelange, para participar do campeonato nacional da divisão extra, e por isso também estará em Teresina, em fevereiro, verificando obras do estádio Albertão¹³⁴.

A construção do Albertão significava não só a participação de um representante piauiense no principal campeonato de futebol do país, mas também a concretização de planos políticos próprios das disputas políticas piauienses, para Alberto Silva, o estádio teresinense representava anseios pessoais com fins eleitoreiros.

No caso piauiense, essa representação se deu no cotidiano da população, tanto através do campo simbólico, quanto nos espaços físicos através da construção e da valorização dos vestígios materiais, associando representação e ação. A maior expressão disso foi a construção do principal e maior estádio de futebol do Estado, denominado de Estádio Governador Alberto Tavares Silva – o Albertão –, em homenagem explícita ao governador da época, em uma espécie de autoelogio, que ensejava a inscrição de si na memória e na história do Piauí como forma de combater os riscos do esquecimento¹³⁵.

A inauguração do estádio de futebol em 1973 se deu com a promessa da inserção de clubes piauienses no recém criado Campeonato Brasileiro. Com a perspectiva de que grandes times do Brasil viriam à Teresina, o grande palco futebolístico garantiria ao então mandatário uma repercussão de longas datas, tendo em vista que o palco da participação piauiense no certame levava o seu nome, ele estando ou não no poder. Essa continuação é possível porque o passado é continuamente reconstruído no presente.

Fizemos um estádio porque me procuraram e me disseram “Governador, o Piauí é o único Estado que não pertence, não participa do campeonato nacional”. Aí eu disse: “Por quê? É por que não tem

¹³³ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 167.

¹³⁴ **Jornal O Dia**. Teresina, 04 de janeiro de 1973, p. 7.

¹³⁵ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

estádio?”. E na época, do tri do Pelé, no auge com seus companheiros, Marco Antonio e toda aquela turma da seleção de 70, né, que era aquele hino, que empolgava todo mundo, o Piauí também tava empolgado, queria um estádio, e aí, muito bem, então vamos fazer um estádio. Comuniquei ao presidente Médici. Eu disse que queria um estádio e ele disse “Você tem dinheiro lá, então tá certo, então é com o senhor”, “E eu vou fazer um estádio, extremamente econômico, o senhor vai ver”. Aí nós começamos a trabalhar no estádio, a trabalhar nas bases, no campo de futebol, etc..., e eu tava convencido que a CBD, naquele tempo o João Havelange era o dirigente, ele não nos daria a autorização pro Piauí entrar no campeonato nacional. Um dia, lembro bem a data, 21 de abril, o João Havelange ligou pra mim e disse: “Governador, nós fizemos um estudo aqui, o Piauí vai entrar no campeonato nacional”. Eu disse: “Não me diga!”. Aí eu disse ao João Havelange: “Quando é que vai ser o primeiro jogo?”, “Dia 26 de agosto”. Eu disse: “Faltam menos de 180 dias e o que é que eu preciso fazer?”, “Só o estádio”, eu digo: “De quanto?”, “No mínimo de 40.000 lugares.”¹³⁶

Em entrevista concedida recentemente à Deusdete da Rocha Barros, autor de um relevante e pioneiro estudo sobre a profissionalização do futebol no Piauí¹³⁷, Delson Castelo Branco – ex-presidente do River – expõe sua visão sobre a representatividade do estádio Albertão para a sociedade piauiense:

Hoje ele é considerado, assim, um elefante branco. Porque tá abandonado, o público não condiz com a grandiosidade do estádio. Mas se houvesse uma melhora ainda hoje nesse sentido, o público voltaria a lotar. Eu lembro que no Albertão, River e Flamengo, botaram quarenta mil, na decisão do campeonato de 77. Então... o governador Alberto Silva naquela época quis dar um choque no Piauí todo¹³⁸.

É sabido que o historiador trabalha com pistas, indícios e sintomas¹³⁹ e através desses rastros da memória narrados pelo entrevistado que podemos perceber as motivações do então governador, essa lembrança não é estritamente uma impressão individual do entrevistado, ela é uma lembrança reconhecida e reconstruída, dentro de uma mesma sociedade e de um mesmo grupo¹⁴⁰. O “choque” em todo o Piauí, pode ser apreendido quase que no sentido literal da palavra, afinal se deu no governo de Alberto Silva a ampliação da rede elétrica do estado, subsidiada pela construção da hidrelétrica

¹³⁶ SILVA, Alberto Tavares Apud FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

¹³⁷ BARROS, Deusdete da Rocha. **Futebol Piauiense: entre tramas e memórias** (décadas de 60 e 70). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

¹³⁸ BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.

¹³⁹ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁴⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p. 39.

de Boa Esperança. As grandes construções significavam “os ares desenvolvimentistas, propostos como insígnias dos governos autoritários do período, que atingiram e seduziram o Piauí da década de 1970 e reverberaram nas décadas seguintes”¹⁴¹.

Ainda sobre o Albertão, o ex-mandatário riverino complementa:

O Piauí era sempre humilhado, não tinha nada, era gozado. E ele construiu um grande estádio para o Piauí. Se representa ou não o efeito custo-benefício... É uma coisa que não representa muito, viu? Mas o Piauí se orgulhou durante muito tempo do nosso estádio¹⁴².

A busca por melhorar a imagem do estado que por muitos anos ocupou o posto de mais pobre da federação permeou as ações do então governador, que em consonância com o pensamento modernizador da época ajudou a implementar a primeira emissora de televisão do estado, um empreendimento do professor Valter Alencar¹⁴³. O slogan da TV clube¹⁴⁴ reflete bem a intenção do momento, criar “a boa imagem do Piauí”, no próprio cenário nacional os slogans eram utilizados em diversas campanhas, os mais conhecidos foram: “Ninguém segura o Brasil” (resultante da conquista, pela seleção do Brasil, da Copa do Mundo de futebol em 1970), “Este é um país que vai pra frente”, e “O Brasil é feito por nós”¹⁴⁵.

Imagem 8 – Campanha publicitária sobre a construção do Albertão.

¹⁴¹ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

¹⁴² BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.

¹⁴³ Valter Alencar foi um homem de muitas atuações. Foi advogado, promotor público, chefe de polícia, secretário de segurança, chefe do Tribunal de Contas do Estado (TCE) e professor da Faculdade Piauiense de Direito. Além disso foi o fundador da primeira emissora de televisão do Piauí, a TV Clube.

¹⁴⁴ TV Clube é uma emissora de televisão brasileira sediada em Teresina, capital do estado do Piauí. Opera no canal 4 (26 UHF digital), e é afiliada à Rede Globo. Foi fundada no dia 3 de dezembro de 1972, pelo engenheiro e professor Valter Alencar, sendo a primeira emissora de TV do Piauí.

¹⁴⁵ FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 198.



Fonte: Acervo pessoal Severino Gomes de Oliveira Filho¹⁴⁶.

A propaganda política do regime valorizava os ideais de modernização e de progresso vivenciados no período, no Piauí os grandes feitos amplamente veiculados nos antigos e também nos novos meios de comunicação o tornaram conhecido como um dos principais administradores do seu tempo. Ademais, suas ações governamentais erigidas ainda nos anos 1970 funcionaram como verdadeiros palácios de memória e geraram aplausos e reconhecimento social¹⁴⁷.

Não só o governo federal utilizou o futebol como um meio de promoção das conquistas nacionais, no Piauí as tramas entre o futebol e a política seguiram a lógica do cenário nacional e produziram laços que se refletiram nos clubes de futebol local. As raízes dessa relação são anteriores ao período militar e estão refletidas nas origens dos principais times de Teresina, entretanto, assim como a nível nacional, esses enlaces ganharam contornos mais emocionantes durante o período ditatorial.

2.2 Dos clubes aos palanques: o uso político do futebol em Teresina

A associação entre futebol e política é ainda mais profunda do que o destacado até agora, vemos, por exemplo, que diversos ex-jogadores de futebol, aproveitando-se de

¹⁴⁶ BARROS, Deusdete da Rocha. **Futebol Piauiense**: entre tramas e memórias (décadas de 60 e 70). Dissertação (Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p. 103.

¹⁴⁷ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>>. Acesso em: 14 jul. 2020

popularidade, se aventuram no campo da carreira política. Mais comum ainda e contraditoriamente de menor conhecimento público é que diversos políticos iniciam a vida pública na direção de times de futebol, talvez o exemplo de maior “sucesso” seja o do ex-presidente Fernando Collor de Melo¹⁴⁸, eleito presidente da república em 1990 e renunciando, após escândalos de corrupção, em 1992. O ex-presidente havia sido presidente do Centro Sportivo Alagoano em 1982 e após passagem vitoriosa pelo clube de Alagoas construiu carreira política. Outro que utilizou a passagem em clubes de futebol como trampolim político foi Laudo Natel¹⁴⁹, ocupou as posições de diretor financeiro e presidente do São Paulo Futebol Clube, do qual é patrono graças a sua atuação na prospecção de recursos para viabilizar a construção do estádio do Morumbi, chegou a ser eleito vice-governador de São Paulo em 1962 e posteriormente foi elevado à condição de Governador, quando substituiu o então chefe do executivo do estado de São Paulo Ademar de Barros¹⁵⁰, cassado pelo regime militar.

Em Teresina, tal relação também se fez presente desde o surgimento dos clubes de futebol da capital, tendo como destaque o River Atlético Clube e o Esporte Clube Flamengo. Ambos trazem em suas fileiras de dirigentes nomes que se tornaram influentes no cenário político piauiense. É possível observar o uso político desses clubes tanto para a ascensão de uma carreira política quanto para a manutenção da popularidade, garantindo assim, a longevidade na vida pública.

Tomando o River como primeiro exemplo, podemos perceber a presença de figuras que tornar-se-iam importantes nas esferas de atuação pública, desde a sua fundação, como atesta a ata de sua fundação.

“Ao primeiro dia do mês de março de 1946, em uma das salas do Ginásio Leão XIII, à rua Senador Pacheco, nº 1.075, pelas 14 horas, em Teresina, reuniram-se diversos alunos do estabelecimento de ensino acima referido, a fim de tratar da fundação de uma sociedade desportiva que tomaria o nome de RIVER ATLÉTICO CLUBE, na qual seriam praticados, sobretudo futebol, voleibol e basquetebol. Assumindo a presidência dos trabalhos, o Professor Antilhon Ribeiro Soares falou sobre as finalidades da associação e terminou dizendo que naquele momento seria eleita a Diretoria. Distribuídas as chapas para a eleição da mesma, foram escolhidas Antônio Alcione de Barros para Secretário Geral, Carlos Said e Napoleão Guimarães para escrutinadores. O

¹⁴⁸ Como político, Fernando Collor de Melo foi prefeito de Maceió e Deputado Federal por Alagoas, durante o Regime Militar. Em 1986, foi eleito governador do seu estado Natal e, em 1990, Presidente da República.

¹⁴⁹ Laudo Natel, foi um político, empresário e dirigente esportivo brasileiro. Presidente do São Paulo Futebol Clube e Governador do estado de São Paulo em duas oportunidades.

¹⁵⁰ Ademar de Barros foi um influente político brasileiro, foi prefeito da cidade de São Paulo (1957–1961), interventor federal (1938–1941) e duas vezes governador de São Paulo (1947–1951 e 1963–1966). Concorreu à presidência da república do Brasil em 1955 e em 1960, conquistando, nas duas eleições, o terceiro lugar.

presidente constatou o seguinte resultado; Presidente – JOÃO SOARES DE OLIVEIRA; Vice-Presidente – RAIMUNDO NONATO DA COSTA; Secretário – ANTÔNIO ALCIONE DE BARROS; Tesoureiro – NAPOLEÃO GUIMARÃES; Diretor de Esportes – RAIMUNDO NONATO DA ROCHA NEIVA; Orador Oficial – CARLOS SAID; Presidente de Honra - ANTILHON RIBEIRO SOARES¹⁵¹.

Embora tenha sido fundado em 1946, a agremiação tricolor não teve atuação frequente nos anos seguintes, sendo necessária uma reorganização do River Atlético Clube, atestado por uma segunda ata, em 1948. Tais diferenças entre as atas, segundo aponta o historiador Deusdete da Rocha Barros, tratam na verdade de uma tentativa de participar imediatamente do campeonato piauiense de futebol, que, segundo o estatuto da Federação Piauiense de Futebol, dever-se-ia cumprir um prazo mínimo de dois anos de existência para que um clube fizesse parte desta entidade¹⁵². Assim, a segunda ata dizia:

“Ao primeiro dia do mês de março do ano de 1948, na sede do Partido Trabalhista Brasileiro, à rua Álvaro Mendes, nesta capital, reuniram-se os interessados na reorganização da sociedade, denominada River Atlético Clube. Estiveram presentes à reunião os senhores: Antilhon Ribeiro Soares, Afrânio Nunes, Aloísio da Silveira Soares, Afonso Mendes de Carvalho, Alcides Lebre, Bonifácio de Carvalho Abreu, Benjamin Monteiro do Rêgo Filho, Darcy Gadelha, Milton Gonçalves de Oliveira, Manoel Furtado, Matias de Melo Filho, João Antônio Leitão, Raimundo Portela Basílio, Raimundo Ribeiro Bona, Valter de Carvalho Abreu, José Cordeiro Neto, José Guilherme do Rego Monteiro, João Heluy, Aluísio Soares Ribeiro, Raimundo Dantas Avelino, Raimundo Rodrigues dos Santos e Antonio Freire. Foi, em seguida, deliberado eleger, por aclamação uma nova Diretoria, cujos nomes foram apresentados pelo Sr. Afrânio Nunes e com a responsabilidade de tratar inicialmente da elaboração dos Estatutos, para fins de filiação e a Federação Piauiense de Futebol. A Diretoria aclamada ficou assim constituída: Presidente de Honra – VALTER DE CARVALHO ABREU; Presidente – RAIMUNDO COSTA BASÍLIO DA SILVA, 1º Vice-Presidente – JOSÉ CORDEIRO NETO; 2º Vice-Presidente – JOÃO HELUY; 1º Tesoureiro – RAIMUNDO DANTAS AVELINO; 1º Orador – RAIMUNDO RODRIGUES DOS SANTOS; Diretor de Esportes – ADÃO VIEIRA DE CARVALHO”¹⁵³.

Ao analisar as fontes documentais é importante destacar que os documentos não são mananciais de verdades incontestáveis, é necessário perceber no documento não testemunhos neutros do passado, mas sim “reconhecer seus vieses, desconstruir seu

¹⁵¹ Ata de Fundação do River Atlético Clube. In: NUNES, José Alves Neto. **Fatos e fotos de um Campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 13.

¹⁵² BARROS, Deusdete da Rocha. **Futebol Piauiense: entre tramas e memórias (décadas de 60 e 70)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

¹⁵³ Ata de Reorganização do River Atlético Clube. In: NUNES, José Alves Neto. **Fatos e fotos de um Campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 13.

conteúdo e contextualizar suas visões”¹⁵⁴. É nesse sentido que alguns pontos da segunda ata merecem destaque. Primeiramente, o local de reunião, a sede do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), aponta para os enlaces entre a política e o clube, entretanto, não é possível afirmar que os integrantes do PTB faziam parte do grupo de associados do River, ainda mais pelo fato de que segundo Marylu Alves de Oliveira, o PTB naquele momento era muito pequeno e a sua penetração no Estado acontecia de forma pontual¹⁵⁵.

Entretanto, ao analisar os nomes listados na segunda ata podemos perceber que estes tiveram uma trajetória política conhecida no cenário local. Começando pelo professor Antilhon Ribeiro Soares que poucos anos depois da reorganização do River, mais precisamente nas eleições de 1954, foi eleito Vice-Prefeito de Teresina, segundo dados do Tribunal Regional Eleitoral¹⁵⁶, ligado mais simbolicamente ao clube, no mesmo ano o presidente do River, Raimundo Portela Basílio disputou uma vaga na câmara municipal, porém, os dados obtidos não apontam se houve êxito.

Dos nomes presentes na segunda ata, talvez o mais relevante para o entendimento dessa associação entre futebol e política seja o de Afrânio Messias Alves Nunes, sua atuação à frente do clube tricolor foi tão importante, que rendeu a ele o título de “eterno presidente”. Tal título se deve ao fato deste ter exercido por diversas vezes o cargo, eleito a primeira em 1954 e a última em 1994, Afrânio Nunes esteve na presidência do clube, entre idas e vindas, por inacreditáveis vinte anos¹⁵⁷, contabilizados a duras penas por este aprendiz de historiador. Neste período o senhor Afrânio Nunes, certamente munido da popularidade obtida pelo cargo ocupado no clube tricolor, se lançou na vida política, e enquanto filiado da ARENA, elegeu-se deputado Estadual e praticamente fez morada na Assembleia Legislativa piauiense entre os anos de 1966 a 1982, segundo os dados do Tribunal Regional Eleitoral¹⁵⁸.

A lista de presidentes de clube que ocuparam cargos no cenário político local é longa e reitera a associação política-esportiva, inclusive nomes que hoje ocupam os

¹⁵⁴ BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezy (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

¹⁵⁵ OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Da terra ao céu**: Culturas políticas e disputas entre o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964). Tese (Doutorado), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016.

¹⁵⁶ TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. Eleições 1954 - **Resultado por município para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador**. Disponível em: <<http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1945-a-1992>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

¹⁵⁷ NUNES, José Alves Neto. **Fatos e fotos de um Campeão**. Teresina: Grafiset, 2013.

¹⁵⁸ TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. **Eleições 1945 a 1994**. Disponível em: <<http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1945-a-1992>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

noticiários do país – nem sempre por bons serviços prestados a nação – como o do Senador Ciro Nogueira¹⁵⁹ também estiveram à frente do clube riverino.

De modo diferente ao seu principal rival, o River, deu-se a fundação do Esporte Clube Flamengo, no ano de 1937, num período marcado pelo amadorismo. Fundado “às pressas”, pelo então diretor de Viação e Obras públicas na então Interventoria do Piauí¹⁶⁰, o senhor Raimundo Melo de Arêa Leão. A fundação do clube rubro-negro piauiense está diretamente ligada à vida política piauiense, com raízes imperiais, tendo em vista que seu fundador é filho de Raimundo Arêa Leão¹⁶¹, que chegou a ocupar o posto de vice-presidente da Província do Piauí durante o período imperial. Sobre a criação do Flamengo do Piauí, o comentarista esportivo piauiense Carlos Said tece as seguintes considerações:

No amadorismo piauiense existia o Militar. Na época, 1935, formado por soldados que serviam no 25º B.C. o dono do time, Tenente Abelardo, austero na disciplina, montou um quadro onde os reservas poderiam – a qualquer instante – formar ao lado dos titulares. Colecionando títulos, o Militar ganhou fama no Norte e Nordeste brasileiros. No mesmo ano alguns militares, com a aquiescência do brioso oficial, resolveram fundar o Botafogo, que passou a usar três cores em sua bandeira e camisas: azul, vermelha e branco. O desportista Raimundo de Arêa Leão, diretor de Viação e Obras Públicas na Interventoria do Piauí, em face de Militar ceder os seus melhores jogadores para que o Botafogo continuasse a colher vitórias, reuniu um grupo de amigos, resolveram fundar um clube que se tornasse adversário do Botafogo. [...] No dia 08 de dezembro de 1937 nascia o Esporte Clube Flamengo, jogadores recrutados às pressas para enfrentar o Botafogo (armado com jogadores do Militar).¹⁶²

A fundação do Flamengo do Piauí se deu sob a tutela de uma família influente dentro do cenário local, e assim como o River, com o passar do tempo o clube também serviu como trampolim para uma vida política, tendo em vista que o seu fundador tornou-se Deputado Federal em 1945 e Senador em 1950, cargo que ocupou até o seu falecimento, em 1958¹⁶³. É importante destacar que o clube no final dos anos 1940 já se encontrava em crise, provavelmente fruto de disputas políticas internas, o que levou

¹⁵⁹ Ciro Nogueira Lima Filho (Teresina, 21 de novembro de 1968) é um advogado, empresário e político brasileiro. Até o ano de publicação dessa pesquisa exercia o seu segundo mandato de senador pelo Piauí e a presidência nacional do Partido Progressista (PP).

¹⁶⁰ Um dos principais mecanismos de centralização político-administrativa utilizados pelo Estado Novo foi o sistema de interventorias. Dentro desse sistema os Executivos estaduais passaram a ser chefiados por interventores diretamente subordinados a Vargas.

¹⁶¹ Foi vice-presidente da província do Piauí durante o final do Segundo Reinado. Senhor de Engenho e proprietário rural, era membro de uma das famílias mais tradicionais do Nordeste: os Arêa Leão.

¹⁶² SAID, Carlos *apud* PEREIRA, Dídimo de Castro. **Flamengo 40 anos**: saldo positivo. Dídimo de Castro. Teresina, julho de 1977. p. 5.

¹⁶³ TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. **Eleições 1945 a 1994**. Disponível em: <<http://www.tr3-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

inclusive ao afastamento do fundador Raimundo Arêa Leão, provavelmente entre os anos de 1946 e 1947, onde já se dedicará à vida pública.

Bastou o afastamento do presidente Raimundo Arêa Leão para que o flamengo declinasse administrativa e tecnicamente. Os antigos rubro-negros solidários com o benemérito rubro-negro, deixaram os principais postos da diretoria. O rubro-negro, sofrendo vexames dessa ordem e, internamente sacrificado por despesas oriundas de um “amadorismo marrom”, perdeu o campeonato de 1947. [...] O Flamengo conheceu dissabores. Sua diretoria fracassou na tentativa de reerguer a equipe que sofreu grandes goleadas, culminando, em 1952, por extinguir sua seção de futebol¹⁶⁴.

Não nos cabe aqui apontar os motivos da derrocada da equipe do Flamengo, mas sim apontar elementos da relação política e futebol entre os clubes e a administração local. Após um breve hiato, o clube retomou as atividades futebolísticas em 1959, porém convivia com fracassos esportivos e via o River despontar como principal agremiação piauiense ao colecionar uma série de títulos entre os anos de 1958 a 1963. A interrupção dos títulos riverinos se deu em face da conquista do título de 1964 pelo Flamengo, mesmo ano em que assumiu a presidência do clube rubro-negro o senhor Jesus Elias Tajra.

Jesus Elias Tajra esteve na presidência do Flamengo durante a conquista do Bicampeonato piauiense em 1964-1965 e em 1966 elegeu-se Deputado Federal pela ARENA, seguiu carreira política e ocupou o cargo de prefeito bem como o de Deputado Federal. Atualmente a família Tajra comanda dois grandes grupos televisivos no Piauí, a TV Cidade Verde¹⁶⁵ e a TV Antena 10¹⁶⁶. Sob o comando da família Tajra, o Flamengo nos anos seguintes alcançou o vice-campeonato em 1966, em 1968 e no ano subsequente, durante esse período houve uma hegemonia do Piauí Esporte Clube¹⁶⁷, que se sagrou tetracampeão na segunda metade dos anos 1960.

João Rodrigues de Azevedo Filho deu prosseguimento à tradição do vínculo que o esporte piauiense, sobretudo o esporte bretão, construiu de forma estreita com a política, o que ficou ainda mais evidente durante os anos ditatoriais. Essa intimidade se fez

¹⁶⁴ SAID, Carlos *apud* PEREIRA, Dídimo de Castro. **Flamengo 40 anos**: saldo positivo. Dídimo de Castro. Teresina, julho de 1977. p.7.

¹⁶⁵ A TV Cidade Verde é uma emissora de televisão brasileira e está sediada em Teresina, capital do Piauí, sua fundação se deu em 1986. Opera no canal 5 (28 UHF digital) e é afiliada ao SBT. A emissora faz parte do Grupo Cidade Verde que integra, ainda, o portal Cidadeverde.com, a Revista Cidade Verde, a Rádio Cidade Verde.

¹⁶⁶ TV Antena 10 é uma emissora de televisão brasileira com sede em Teresina, capital do estado do Piauí. Opera no canal 10 (34 UHF digital) e é afiliada a RecordTV. A emissora pertence a José Elias Tajra, presidente do Grupo JET, e irmão do advogado, jornalista e empresário Jesus Elias Tajra (que por sua vez é dono da TV Cidade Verde).

¹⁶⁷ Fundado em 1948, sob o nome de Buenos Aires Futebol Clube, em homenagem ao bairro da capital piauiense, o time foi rebatizado com o nome de Piauí Esporte Clube. Apenas em 1956 o time, de origem popular, filiou-se à Federação Piauiense de Desporto.

presente também em agremiações de maior renome no âmbito nacional, o que nos revela que tais práticas não eram comuns apenas dos palcos em que o futebol ainda buscava consolidação. Tais observações nos ajudam a “decifrar um espaço em branco”, ou pelo menos delimitar um âmbito de possibilidades no curso do processo de pesquisa¹⁶⁸. É a partir dessas ações mediadoras entre as questões locais e nacionais que notamos a inerência entre as relações de força e de poder que se construíram entre os clubes, a política, e por extensão, na sociedade.

Sob a presidência de João Rodrigues de Azevedo Filho, o Flamengo quebrou a hegemonia do Piauí Esporte Clube, ao conquistar o título na decisão de 1970 contra o próprio “Piauízão Vibrante”¹⁶⁹. Mais do que isso, no ano seguinte a equipe rubro-negra conquistou o bicampeonato. Com a popularidade em alta e prestigiado pelos títulos recentes, João Rodrigues Filho concorreu a vereança no ano seguinte e foi eleito com uma votação expressiva de mais de 2000 votos¹⁷⁰, sendo um dos sete vereadores eleitos pela sigla que comandava o regime militar, na eleição seguinte conseguiu o “bicampeonato” e foi reeleito vereador.

Os dois principais rivais do estado do Piauí, Flamengo e River, tiveram em sua trajetória a marca daquilo que a priori não parece ter nenhuma relação com o futebol: a política. Entretanto, como já demonstrado, sobretudo durante o regime militar, o futebol foi usado – talvez como nenhum outro fato social¹⁷¹ – como um dispositivo de aproximação entre a elite política e a sociedade, demonstrando que a política não só está presente dentro do nosso cotidiano como também pode geri-lo.

A prova disso está na atração cada vez maior que a política e as relações com o poder exercem sobre agrupamentos cuja finalidade primeira não era, contudo, política: associações de todos os tipos, organizações socioprofissionais, sindicatos e igrejas, que não podem ignorar a política¹⁷².

Cada vez mais a política institucional adentrou o campo futebolístico, e o contrário também, afinal é perceptível a capacidade que este esporte tem de mobilizar sentimentos coletivos, sejam eles regionais ou nacionais, não por coincidência os regimes autoritários,

¹⁶⁸ GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica e prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁶⁹ Nome popular atribuído ao Piauí Esporte Clube.

¹⁷⁰ TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. **Eleições 1945 a 1994**. Disponível em: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pi-resultado-eleicao-para-prefeito-vice-prefeito-vereador-1972/rybena_pdf?file=http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pi-resultado-eleicao-para-prefeito-vice-prefeito-vereador-1972/at_download/file>. Acesso em: 6 jun. 2020.

¹⁷¹ DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

¹⁷² RÉMOND, René. Uma história presente. In. RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 24.

em busca de legitimação, recorreram ao futebol como forma de aprovação popular, exemplos na história não faltam. Mussolini, por exemplo, soube aproveitar o bicampeonato mundial da Itália em 1934 e 1938 para propagar o seu regime ditatorial para o mundo, Hitler, Franco e Salazar seguiram os seus passos.

A Copa disputada na Itália em 1934 foi considerada um assunto de segurança nacional. Antes que, em 1936, o ideólogo do nazismo. Joseph Goebbels, tivesse definido o futebol como “utopia do povo”, Mussolini já sabia disso e empregou todos os meios, éticos ou não, para vencer a Copa [...] muito mais do que a bola, o que estava em jogo era a honra nacional. O general Franco, por sua vez, tinha dentre suas preocupações centrais cicatrizar as profundas feridas causadas pela guerra civil, e confiou ao futebol a função de “irmanar os diferentes povos da Espanha”. A nova Federação Espanhola de Futebol atribuiu a esse esporte uma função cívica no seio do Novo Estado¹⁷³.

No caso brasileiro, durante a ditadura militar, a conquista do tricampeonato foi utilizada amplamente como consequência de um suposto sucesso do regime, além disso o novo formato da principal competição nacional de clubes que saltou de 20 clubes em 1971 para 40 times em 1973, satisfazia as lideranças regionais, garantindo apoio ao projeto nacionalista. No Piauí, o governador Alberto Silva, colheu os ônus de tal política de integração, inaugurando obras e fortalecendo o futebol local, afinal, com a construção do Albertão o Piauí garantia pelo menos um participante no campeonato nacional de clubes. É nesse contexto que vemos não só a utilização por parte de dirigentes de clubes locais como meio de angariar popularidade e por conseguinte capital político como também as próprias instituições estatais percorrem o caminho inverso.

Um exemplo claro, é a fundação da Sociedade Esportiva Tiradentes no ano de 1959, inicialmente com a denominação de “CLUBE TIRADENTES DOS SUBTENTENTES E SARGENTOS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PIAUÍ”¹⁷⁴, não possuindo nenhum vínculo futebolístico. Apenas em 1966, essa sociedade passa a disputar competições esportivas amadoras representando a Polícia Militar do estado e apenas em 1972, passou a ser Sociedade Esportiva Tiradentes, disputando competições profissionais de futebol. A equipe do Tiradentes, time da polícia militar, foi o representante piauiense no Campeonato Nacional de 1973. A sua primeira participação foi conquistada depois de um triangular disputado juntamente com as equipes do River e do Flamengo-PI, sendo as participações seguintes alvo de polêmicas

¹⁷³ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 171.

¹⁷⁴ SOCIEDADE ESPORTIVA TIRADENTES. **Sociedade Esportiva Tiradentes**. Teresina, PI, 1975, p. 1.

envolvendo as diretorias dos clubes e governo do estado. O fato é que de 1973 até 1975, o Tiradentes foi o representante piauiense no certame nacional, encerrando sua participação justamente ao fim do governo Alberto Silva.

2.3 Um nó tático: a Sociedade Esportiva Tiradentes no jogo da política.

A política partidária contaminava também o meio futebolístico. Era tudo o que ocorria em Teresina. Qualquer eleição, qualquer grêmio associativo, Cabos e Soldados, tudo. Até miss Piauí tinha partido de um e doutro. Tudo entrava política, era muito forte naquele tempo¹⁷⁵.

No universo da história o termo político possui um caráter polissêmico, ou seja, ele possui diversos significados. A afirmação revela o sentido do político utilizado ao longo do texto, para nós, a política assume o sentido de poder, que segundo Pierre Bourdieu representa, um poder invisível o qual “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”¹⁷⁶. O clima descrito se refere ao cenário da sociedade teresinense durante os anos 1970, na qual havia uma intensa polarização entre dois grupos políticos, o de Alberto Silva e o de Petrônio Portella¹⁷⁷, embora rivalizassem em plano local ambos estavam ligados à Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Essas disputas representavam as divergências internas dentro do partido situacionista do regime militar, dividido em ARENA 1 e 2¹⁷⁸.

Os embates políticos ultrapassavam os bastidores e chegavam até o campo futebolístico e da sociedade como um todo como explicitado por Delson Castelo Branco. Alberto Silva por exemplo viu na equipe do Tiradentes uma maneira de ter seu nome ecoado no Brasil como um todo, visto que seu principal adversário político ocupava a cadeira de Presidente do Senado Federal, no governo Médici, o que demonstrava grande respaldo dentro da sociedade teresinense.

Em 1971, no primeiro ano do governo de Alberto Silva, Delson Castelo Branco e Sebastião Rocha Leal Júnior eram presidentes do River Atlético Clube e do Esporte Clube Flamengo, respectivamente. Segundo o mandatário riverino do período, ambos eram

¹⁷⁵ BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.

¹⁷⁶ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989, p. 7-8.

¹⁷⁷ Petrônio Portella Nunes foi um advogado e político. Teve uma carreira política com destaque no cenário nacional, ligado à ARENA, chegou a ocupar os postos de Ministro da Justiça e de presidente do Senado Federal, durante o regime militar. Foi também Governador do Piauí, Senador e Deputado Federal.

¹⁷⁸ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

aliados de Petrônio Portella¹⁷⁹. Uma das formas encontradas pelo então governador de se fazer presente no imaginário social da época era através de suas grandes obras. O Albertão, como um grande palco, deveria ter um representante a altura, e principalmente, um representante diretamente ligado ao seu governo, tendo em vista que os outros times da capital já representavam outros grupos políticos. Dessa forma, o Tiradentes passou a ser símbolo do seu governo naquele período.

Na quarta-feira seguinte, o jogo noturno, a iluminação do estádio era uma das melhores do Piauí, eu sempre faço, se é pouco deve ser bom e ser o melhor e pelo menor preço. Eu trouxe a Philips pra cá, e os refletores desse estádio foram todos ajustados de maneira que não dessem sombra, e aí veio o Cruzeiro, com o Tostão, com aquele time todinho do tri, e nesse dia foi outro delírio, porque empatamos de novo com o Cruzeiro. E aí o terceiro jogo foi em Porto Alegre, campeonato brasileiro, o Tiradentes jogou em Porto Alegre, e venceu o Internacional, aí o povo dançou no meio da rua, então estava consolidada a auto-estima piauiense, dos teresinenses¹⁸⁰.

Uma das estratégias utilizadas por Alberto Silva era de integrar todos os seus feitos. O jogo no período da noite só era possível por conta das melhorias na rede de energia, que havia sido ampliada por ele. Até mesmo as lâmpadas que seriam de uma empresa privada também eram entendidas como conquistas próprias, visto que foi ele quem trouxe. E o principal, um grande palco para receber grandes nomes do futebol brasileiro, mostrando que Teresina e, portanto, o Estado, estavam enfim, sendo reconhecidos nacionalmente.

É interessante perceber que a condição de autoestima passa por uma questão identitária, e é nesse sentido que percebemos a importância de um clube de futebol atrelado à imagem do governo como condutor de uma identificação, afinal, é apenas durante a gestão de Alberto Silva que o Tiradentes passa a disputar a competição estadual, mais precisamente no ano de 1972, anteriormente o representante da Polícia Militar do Piauí disputava competições de esporte amador.

No início de 1972 o Coronel Tupy Caldas, Comandante da Polícia Militar, anunciou que o Tiradentes iria disputar o Campeonato Piauiense de Futebol Profissional. Feitas modificações nos estatutos, o Clube Tiradentes passou a se chamar Sociedade Esportiva Tiradentes, tendo como integrantes do seu quadro social não apenas os Subtenentes

¹⁷⁹ BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.

¹⁸⁰ SILVA, Alberto Tavares Apud FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 183.

e Sargentos, mas também os Oficiais, Cabos e Soldados e Assemelhados¹⁸¹.

A ascensão do Amarelão da PM, como era popularmente conhecido, foi meteórica e já no seu primeiro ano conquistou o título de campeão piauiense, para tanto, o time recém formado teve que bater o então bicampeão piauiense, o Flamengo de Leal Rocha Júnior. Se no ano anterior a escolha de seu pai, Sebastião Rocha Leal para o cargo de vice-governador, representou uma derrota política para Alberto Silva, em 1972 a resposta havia sido no campo de jogo. A importância dessa vitória também se devia ao fato de que o campeão estadual daquele ano seria o representante piauiense no Campeonato Brasileiro do ano seguinte, o que não foi cumprido por pressões dos dirigentes rivais junto à Federação Piauiense. Segundo relata o presidente riverino da época, o acordo não havia sido cumprido “porque River e Flamengo endureceram lá dentro, endureceram, tinham mais torcida, eram mais tradicionais. Endureceram, houve essa reação¹⁸²”.

Em 1973, após as interferências extra campo, ficou decidido que a vaga seria decidida através da realização de um torneio seletivo entre os três principais times da capital, aqueles com grande peso político, uma vez que os demais times do estado não foram convidados para o torneio, o que demonstra o caráter político desse confronto. Mais uma vez o “Amarelão da PM” sagrou-se campeão e conquistou a vaga de representante piauiense no Campeonato Brasileiro daquele ano.

Para a nova empreitada, dessa vez em nível nacional, o Tiradentes reforçou o plantel e muitos jogadores com passagens por clubes de grande tradição no país desembarcaram em Teresina.

Imagem 9 – Jogadores do Tiradentes em 1973.

¹⁸¹ CASTRO, Dídimo. **Sociedade Esportiva Tiradentes**. Ano I, nº 1, janeiro de 1975, p. 2.

¹⁸² BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.



Fonte: Terceiro tempo¹⁸³.

Na imagem temos em pé Toinho, Murilo, Arthur, Célio Rodrigues, Eliezer e Tinteiro. Agachados: Néviton, Sima, Joel Maneca, Caio Cambalhota e Bira¹⁸⁴. Alguns jogadores merecem destaques, dentre eles José Jorge Fabiano¹⁸⁵ – mais conhecido como Tinteiro –, José Carlos da Silva Lemos¹⁸⁶ ou Caio Cambalhota, como era conhecido, e Simão Teles Bacelar¹⁸⁷. Os dois primeiros foram contratados junto ao Flamengo do Rio de Janeiro, enquanto Sima, era a grande sensação do futebol piauiense, tendo sido quatro vezes campeão piauiense pelo Piauí Esporte Clube¹⁸⁸, o grande time do futebol piauiense nos anos 1960.

O super time formado pelo Tiradentes levantou suspeitas de que o time da política militar era beneficiado pelo governo do estado.

¹⁸³ **SOCIEDADE ESPORTIVA TIRADENTES**. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/sociedade-esportiva-tiradentes>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ José Jorge Fabiano é um ex-futebolista brasileiro, atuou no Flamengo do Rio de Janeiro entre os anos de 1969 e 1972.

¹⁸⁶ José Carlos da Silva Lemos é um ex-futebolista brasileiro, irmão de grandes personalidades do esporte bretão como César Maluco. Caio Cambalhota, como era conhecido por suas comemorações, atuou em vários clubes pelo país, dentre os principais destacam-se o Botafogo e o Flamengo do Rio de Janeiro.

¹⁸⁷ Simão Teles Bacelar, conhecido como o “Pelé do Nordeste”, é o maior futebolista da história do Piauí, além de maior artilheiro da história do campeonato piauiense. Teve passagem pelos 4 clubes da capital: Piauí, Tiradentes, River e Flamengo.

¹⁸⁸ Piauí Esporte Clube é um clube piauiense fundado em 15 de agosto de 1948, na cidade de Teresina. Marcou época na década de 1960 ao conquistar, em sequência, 4 títulos estaduais. Além disso é do “Piauizão Vibrante” – como era conhecido – a condição de time piauiense com os melhores resultados em certames nacionais.

O Tiradentes era um clube oficial. Ele descontava compulsoriamente, no pé do talão de cheque de cada soldado, uma quantia. Havia muito soldado riverinos que encontrava comigo na rua “doutor, como é que pode, eu sou riverino, o cara desconta no meu contracheque”. Eu digo “se cale, é um momento, deixe e tal e tal”. Então era descontado uma quantia de todos os militares no pé do talão. E era dado uma ajuda MUITO grande, MUITO grande da polícia militar do Piauí através de verbas que vinham para manter o time. O time era EXCLUSIVAMENTE mantido pelo governo do estado. Tiradentes não tinha torcida, na ocasião, não tem nada. Hoje não tinha esse patrocínio de lotomania, não tem nada disso, não tem ajuda de/de CBF, de liga do nordeste, era oficialmente mantido pelo governo. É como eu lhe disse, grande parte do plantel morava no Luxor hotel, tudo pago pelo governo¹⁸⁹.

A acusação do ex-presidente do River de que a equipe do Tiradentes era o time oficial do governo de Alberto Silva é compartilhada por um outro representante do tricolor da capital.

O Tiradentes, que era o todo poderoso do Piauí. Tiradentes, naquela época, financiado pelo governo do Estado, tinha em suas fileiras: Toinho, que era goleiro e chegou até a ser convocado para a seleção brasileira, que hoje é o técnico do Tiradentes Feminino; tinha o Caio Cambalhota, tinha o Murilo que foi lateral direito do Flamengo e chegou a seleção brasileira também. Tinha o tinteiro... então era uma constelação de estrelas. E trouxe alguns jogadores do Ceará, como o Arthur que era ídolo no Ceará, trouxe o Diaz, zagueiro... foi um time feito pra ser campeão do Piauí e ficar entre os melhores no campeonato brasileiro daquela época¹⁹⁰.

As relações entre os clubes das capitais passaram a sofrer desgaste principalmente por conta das disputas pela participação no certame nacional. Um outro fato que marcou as rusgas entre as diretorias foi a polêmica participação do Tiradentes em 1974 no campeonato Brasileiro, uma vez que o campeão piauiense do ano anterior tinha sido o River, e segundo o acordo feito, o representante do Piauí seria o campeão estadual, o que não foi cumprido. Dessa forma, as suspeitas de que havia um beneficiamento ao time da Polícia Militar possuem fundamentos.

Um evento que evidencia essa querela envolvendo os clubes e a política local foi a indicação de Dirceu Mendes Arcoverde¹⁹¹, em 1975, pelo então governante do país Ernesto Geisel. A sucessão de Alberto Silva por um opositor, representante do grupo de Petrônio Portella – que logo viriam a se desentender – põe novos jogadores no campo de

¹⁸⁹ BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.

¹⁹⁰ HIDD, Marcos. [Entrevista concedida a] **Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

¹⁹¹ Dirceu Mendes Arcoverde (Amarante, 7 de setembro de 1925 — Brasília, 16 de março de 1979) foi um médico e político brasileiro que foi eleito governador do Piauí em 1974 após indicação do presidente Ernesto Geisel.

jogo da política e do futebol piauiense. Nos anos que seguem, após a mudança no comando da Polícia Militar, houve uma desestruturação da equipe de futebol dessa instituição, além da escolha de um novo time que representasse o governo do Estado.

No setor esportivo, para a formação de boa imagem junto aos desportistas, o Governo não pode fazer incursões com medo e desconfiança. A volta do Tiradentes, sob qualquer pretexto, será um desastre. O surgimento de um River forte com a direção atual é desaconselhável. A única opção será o Esporte Clube Flamengo, que passaria a ter apoio total do Governo e de grupos empresariais a ele ligados visando à arrecadação de recursos financeiros expressivos e indispensáveis para a formação de uma grande esquadra que possibilitasse a classificação no Campeonato Nacional. Não há outra maneira de esquecer o Tiradentes, mesmo que ele seja sepultado, em definitivo¹⁹²

O River acabou sendo preterido com relação ao Flamengo por ter novamente na presidência Afrânio Messias Alves Nunes, correligionário de Petrônio Portella, naquele momento, ex-aliado de Dirceu Arcoverde. Essa predileção está refletida em mais um momento caótico da história do futebol piauiense, quando em 1975 o River, mesmo tendo sido campeão naquele ano, não obteve a vaga garantida para participação do campeonato nacional de 1976, em seu lugar o Flamengo foi indicado pela Federação Piauiense como representante do estado do Piauí no nacional de 1976. Como protesto, o River não disputou a competição local nesse mesmo ano. Sobre esse momento o Jornal O Estado fez a seguinte publicação.

Durante os acontecimentos que envolvem o River Atlético Clube, ameaçando não entrar no Campeonato Piauiense caso tenha que disputar com o Tiradentes uma vaga para o Brasileirão de 76, um comentário é muito ouvido por parte de determinados setores do nosso futebol:

- O problema é o Afrânio. Ele é o que tá atrapalhando o River. Se ele sair, tudo dará certo¹⁹³.

É possível perceber, portanto, as interferências políticas no cenário futebolístico local, onde os grupos que estavam no poder interferiam de forma direta no futebol. A relação umbilical entre os clubes e a política no Piauí, fizeram a década de 1970, um momento ímpar da história do nosso futebol. Essas relações de poder, entretanto, não se resumiram ao alto “escalão do futebol”, havia também outros personagens nessa

¹⁹² SANTOS Apud FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

¹⁹³ **Jornal O Estado**. Teresina, 10 de fevereiro de 1976, p. 10.

atmosfera, é nesse contexto que aparece a figura do torcedor como um outro elemento dentro de campo.

3. TERRITÓRIOS DO TORCER

Como visto no capítulo anterior, a aproximação entre os clubes de futebol e a política tanto em nível local quanto na esfera nacional se deu através de uma relação de “bricolagem”¹⁹⁴ entre futebol e política, na qual muitas vezes os dirigentes personalizavam os clubes com a intenção de se promoverem politicamente.

Nesse capítulo, retomamos o debate acerca da participação dos torcedores, tendo como ênfase a formação das Torcidas Organizadas e a sua atuação no contexto ditatorial no qual os vínculos futebolísticos e políticos eram demasiadamente próximos. Buscamos aqui mais uma vez traçar um paralelo entre a atuação das torcidas no futebol e na sociedade Piauiense, tomando especialmente o caso da torcida do River Atlético Clube para perceber a dinâmica local bem como o surgimento e a participação das Torcidas Organizadas que surgiram em São Paulo e no Rio de Janeiro, os dois principais centros futebolísticos do país da época em questão.

Como o nome do capítulo sugere, tentamos evidenciar quais os espaços – físicos ou não – que esta parte tão importante do esporte bretão ocupou durante o período em questão. Entender as especificidades da atuação das torcidas e como estas se relacionavam tanto com os clubes quanto com o contexto político nos diferentes recortes espaciais é o que tentamos elucidar a seguir.

3.1 “Crer, torcer, distorcer”: um breve histórico sobre as categorias de torcedores

*Um das razões pela qual eu não vou mais ao estádio é essa, é que eu olho pra um lado, olho pro outro e não vejo mais nenhum dos meus amigos*¹⁹⁵.

Marcos Hidd

Como dito anteriormente, por se tratar de um conceito muito amplo, delimitamos para fins metodológicos as categorias de torcedores que serão discutidas mais a fundo ao longo desse estudo. Serão elas os *Torcedores-símbolo*, as *charangas*, *chefes de torcidas*, *Torcidas uniformizadas* e as *Torcidas Organizadas de Futebol*.

¹⁹⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁹⁵ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

No Brasil, o surgimento das categorias de torcedores está diretamente ligado ao processo de massificação do esporte, principalmente após os anos 1930, no qual o futebol acaba sendo incorporado ao ideal estado novista como forma de aproximação das camadas populares. O rádio nesse contexto cumpriu papel importante ao transmitir uma série de jogos pelo território nacional o que fez com que o esporte bretão se popularizasse de forma rápida¹⁹⁶. Assim, a popularização do futebol fez com que surgissem as primeiras ligas profissionais de futebol nos principais estados da federação à época, “em 1933 a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e a Liga Carioca assumem o regime profissional no futebol”¹⁹⁷. É a partir da profissionalização do futebol que surgem as primeiras categorias de torcedores.

No Brasil, sabe-se que existem grupos fiéis de torcedores desde os anos 40. Em 1942, um funcionário federal do Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, funda a famosa *Charanga*, uma banda musical que animava os jogos do time. O termo *charanga* é muito comum para nomear as pequenas bandas que frequentam os estádios do Rio de Janeiro e nos estados do nordeste do país. Naquela cidade este torcedor foi o primeiro a equipar os simpatizantes de um determinado clube com uniformes e música¹⁹⁸

Estes torcedores que fundaram charangas acabaram tornando-se uma espécie de patrimônio do clube, indo aos jogos no intuito de animar a torcida, desenvolvendo a primeira noção de organização na forma de torcer. Nas charangas os laços desenvolvidos podem ser entendidos como um “estilo de vida clubístico” dado que:

Esse denominado “estilo de vida clubístico”, por sua vez, abrange desde as denominadas ritualizações de caráter mais informal e acionadas de maneira esporádica e independentemente dos grandes ajuntamentos populacionais nos estádios (as reuniões de amigos em bares ou mesmo as reuniões entre famílias para assistirem partidas de futebol se constituem nos exemplos mais emblemáticos), quanto às institucionalizadas ritualizações coletivas que tem seu grande ápice nos dias de jogos e, dentre as quais, destaca-se o fenômeno das torcidas organizadas (TO's)¹⁹⁹.

¹⁹⁶ PARDINI, M. N. Melina. **A narrativa da ordem e a voz da multidão**: o futebol na imprensa durante o estado novo (1937-1945). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

¹⁹⁷ WITTER *apud* TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. p.19.

¹⁹⁸ TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. p.21.

¹⁹⁹ CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil - elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da Alesde**, v. 3, p. 39-51, 2013.

Assim, as charangas assumiam essa ritualização de caráter formal nos dias de jogos e muitas vezes acabavam fazendo parte não só do próprio clube, mas assumindo um status de referência na própria torcida e também na cidade. Muitas vezes o líder da charanga ou alguém ligado a ela acabava, devido à grande popularidade que obtiveram, sobretudo pela forma muitas vezes caricata que se apresentavam nos estádios, tornando-se torcedor-símbolo de uma dada torcida, assim, a figura do torcedor-símbolo está diretamente ligada às charangas.

No Piauí, a profissionalização do esporte bretão deu-se apenas na década de 1960, segundo afirma Deusdete Barros em sua dissertação de mestrado intitulada de *Futebol Piauiense: entre tramas e memórias*. Conforme o autor, o Piauí teria sido ainda o penúltimo estado da federação a adotar o profissionalismo, pois, apesar de já existirem clubes de futebol como o River Atlético Clube, Parnahyba Sport Club, Esporte Clube Flamengo, Piauí Esporte Clube, estes não se pautavam de forma profissional na maneira de relacionar-se com os jogadores, visto que não haviam contratos firmados entre as partes e que muitas vezes não havia sequer pagamento salarial dos jogadores²⁰⁰.

Dessa forma, a aparição dos principais torcedores-símbolos datam do início dos anos 1970, nomes como Luís Soares de Oliveira, popularmente apelidado de “Pintinho”²⁰¹ ou de Raimundo Félix do Nascimento, mais conhecido como “Tatuzinho”, eram estimados pelos torcedores do River e do Tiradentes, respectivamente. Geralmente, os torcedores-símbolo eram associados também à figura de chefes de torcida, por simbolizarem a expressão máxima da figura torcedora, representando numa só figura a exatidão da paixão do torcedor pelo clube de coração.

Imagem 10 – Torcedores com as faixas de campeão piauiense de 1973

²⁰⁰ BARROS, Deusdete da R. **Futebol Piauiense: entre tramas e memórias** (décadas de 60 e 70). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

²⁰¹ Durante a escrita dessa pesquisa recebemos a triste notícia de que senhor Luís Soares de Oliveira, o Pintinho, faleceu na madrugada do dia 09 de dezembro de 2019.



Fonte: Fatos e fotos de um campeão²⁰².

A imagem representa a comemoração do título piauiense de 1973, no qual o River sagrou-se campeão depois de uma disputa contra o time do Tiradentes e também o reconhecimento do famoso torcedor-símbolo “Pintinho”, à direita da imagem. Essa foto nos revela também a importância que esses torcedores possuíam no clube, uma vez que o então torcedor-símbolo chegou a ocupar durante anos o Conselho Deliberativo do tricolor mafrense²⁰³. A classe desses modelos de torcedores se diferenciavam bastante dos demais

A existência de torcedores-símbolos no Piauí reconhecidos pelo clube e pela imprensa local como verdadeiros representantes dos apaixonados pelos clubes de futebol se deu na passagem dos anos 1960 para 1970, esse fenômeno é um tanto quanto tardio quando comparado à emergência dessa mesma espécie de “embaixador” da torcida em Estados como São Paulo e Rio de Janeiro, que já eram consolidados como grandes centros futebolísticos, nestes, a presença dessas lideranças era comum desde o início dos anos 1950 e perduraram com grande prestígio no meio futebolístico pelo menos até o fim da década de 1960²⁰⁴. Apesar de serem processos com temporalidades distintas, eles possuíam características semelhantes como afirma Luiz Henrique de Toledo:

²⁰² NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 136.

²⁰³ Tricolor mafrense, Galo carijó, são nomes comumente utilizados para se referir ao River Atlético Clube.

²⁰⁴ TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. p 22.

Naquela época os agrupamentos de torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos. O único objetivo de cada um era torcer para o time, “não importando mais nada”²⁰⁵

A afirmação de Toledo se refere às características gerais desses líderes, tais atributos também são observadas no plano local, uma vez que estes torcedores-símbolo ou chefes de torcida detinham relações bem próximas com o clube como revela o seguinte relato de Marcos Antônio Hidd Santos, chefe de torcida do River durante os anos 1970. Aqui, vale destacar que o emprego da História Oral foi tomado como possibilidade de decifrar as memórias do outro, sabendo compreender suas expressões na abordagem histórica, sendo assim uma metodologia que necessita de um apoio teórico na sua utilização²⁰⁶. Marcos Hidd, que na ocasião da entrevista possuía 72 anos, é nascido em Teresina, teve contato com o River através de seu pai, que era sócio do clube, de família abastada, possuía nos anos 1970 algumas lojas de discos e também um armarinho.

Eu, essa altura, eu tinha acesso total, porque eu frequentava o River de manhã, de tarde e de noite. Eu era sócio do River, era amigo pessoal do Delson²⁰⁷, era amigo pessoal do Afrânio²⁰⁸, de frequentar a casa dele, de ser amigo dos filhos dele. Então, foi uma coisa que foi acontecendo devagar...²⁰⁹

As informações passadas pelo entrevistado nos revelam que o chefe de torcida não era um cargo ocupado por qualquer pessoa, é difícil imaginar que alguém das camadas populares tivesse “acesso total” às dependências do clube. Mais do que isso, as memórias do nosso entrevistado mostram também sua própria condição social privilegiada, dada a sua relação de proximidade com a elite dirigente do clube. Aqui, temos uma grande contribuição da História Oral, uma vez que nos permite entender a memória atrelada à construção de uma identidade²¹⁰, no caso, um pertencimento à pessoas que faziam parte de um mesmo grupo social. A partir do relato de Marcos Hidd também podemos perceber

²⁰⁵ Idem. p. 22.

²⁰⁶ ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

²⁰⁷ Delson Castelo Branco Rocha era médico e ocupou o cargo de presidente do River Atlético Clube entre os anos de 1970 a 1971.

²⁰⁸ Advogado e professor, assumiu a presidência do River Atlético Clube em 1954 como integrante de um triunvirato, retornando ao posto em quatro oportunidades (de 1958 a 1961; em 1963; de 1966 a 1967; e por fim entre 1972 e 1976) conquistando ao todo onze títulos estaduais. Membro da UDN, foi Secretário de Educação nos governos Chagas Rodrigues e Tibério Nunes elegendo-se deputado estadual pela ARENA em 1966, 1970, 1974 e 1978.

²⁰⁹ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

²¹⁰ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, B. CARLA. (Org). São Paulo: Contexto, 2015, p. 167

similaridades nas práticas que permeavam os bastidores destes torcedores-símbolos, descritas por Toledo. O chefe de torcida era alguém diretamente envolvido com aqueles que faziam parte da organização institucional do clube.

Apesar da intencionalidade da fala marcada sobretudo pelo uso do pronome “eu”, a fonte oral não perde a sua riqueza pois “permite o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências²¹¹”. Recorremos também às memórias do nosso entrevistado tendo em vista reforçar (ou enfraquecer) e também para complementar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação²¹². Assim, a partir do relato foi possível estabelecer relações e perceber as semelhanças entre as formas de organização dessas categorias de torcedores em diferentes espaços e recortes temporais distintos.

É importante destacar que ao tratar de memória o historiador deve assumir uma “atividade crítica, que reúne credulidade e ceticismo, ele deve ser um crédulo cético”²¹³, assim, seguindo os passos de Paul Ricoeur, procuramos distinguir o passado de eventos que nossa testemunha viu, dos fatos, estes últimos próprios daquilo que busca a história, estabelecendo, portanto, uma necessidade de relacionar a memória com a realidade ao buscar a uma “verdade” exterior²¹⁴. Logo, para fugir do erro de ser apenas um transcritor das falas procuramos uma relação entre “memória e história de forma pendular: um ir e vir incessante do interior ao exterior, do exterior ao interior”²¹⁵.

Dessa forma, outras fontes atestam para o espaço privilegiado que nosso entrevistado detinha entre os meios de comunicação e também no clube que representava, o River Atlético. Clube. Em oportunidade da decisão do campeonato piauiense de 1973 envolvendo os times do River e do Tiradentes, o jornal O Dia revela a participação do chefe de torcida e a sua atuação nos dias de jogos: “Marcos Hidd, chefe da torcida tricolor convida a todos os riverinos comparecerem a partir das 16h em sua residência. De lá irão fazendo um verdadeiro carnaval até chegar ao estádio Lindolfo Monteiro”²¹⁶. Aqui, por meio dos periódicos²¹⁷, nos é permitido inferir a liderança sobre os torcedores, ou pelo menos parte deles, bem como as sociabilidades que estes grupos desempenhavam em dias de jogos. A reunião na casa do chefe de torcida, que segundos nos relatou “era lá do lado

²¹¹ Idem, p. 165.

²¹² HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p. 29.

²¹³ REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 49.

²¹⁴ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

²¹⁵ REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 50.

²¹⁶ Arquivo Público do Estado do Piauí. **Jornal O Dia (PI)**, 16/17 ago 1973, p.11.

²¹⁷ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, B. CARLA. (Org). São Paulo: Contexto, 2015.

do Palácio de Karnak, na rua Paissandu, esquina com a rua 24 de janeiro”, relativamente próxima do estádio municipal Lindolfo Monteiro, localizado também no centro da cidade entre as ruas João Cabral e Clodoaldo Freitas. Essa proximidade favorecia o deslocamento feito a pé promovendo a festa dos torcedores pelas ruas da cidade.

A disputa da fase final do campeonato piauiense de futebol de 1973 decidida numa série de três partidas entre as equipes do River e do Tiradentes, a primeira teve vitória da equipe do Galo carijó pelo placar mínimo e a segunda vitória do Tiradentes por 2x1. A terceira e última peleja foi disputada até os últimos minutos e após o 0x0 mantido no placar, nas penalidades máximas o River sagrou-se campeão, conquistando o título estadual de 1973, algo que não conquistava havia dez anos.

A euforia prevista pelo jornal O Dia ganhou materialidade e a festa prometida pelo chefe de torcida ganhou a noite do dia 22 de agosto de 1973, conforme as palavras do então presidente da equipe Riverina, o senhor Afrânio Messias Alves Nunes²¹⁸, em entrevista concedida a José Alves Nunes Neto.

Teresina viveu sua grande noite. A maior festa que assisti. Fizemos um carnaval em agosto. Campo invadido, arrancaram as traves, tiraram as redes, a pé a torcida saiu em cortejo até a sede do clube. Saí do Lindolfo Monteiro misturado aos riverinos, ao chegar à Praça Rio Branco a multidão soltava foguetes²¹⁹

A fala do então presidente poderia apontar para uma supervalorização do feito, numa tentativa de tornar fato uma memória individual, entretanto, ao interpretarmos os periódicos, nos esforçamos para entender essas lembranças não como a de um indivíduo que as inventou, mas que as toma emprestado de seu ambiente²²⁰. Destarte, a edição do dia 21 de agosto de 1973 do jornal O Dia trazia estampado na capa do jornal a notícia: “RIVER O CAMPEÃO”²²¹, dando o maior destaque do dia para o feito da equipe tricolor. No caderno de esportes praticamente todo destinado para a conquista trazia em destaque a espera pela festa, 10 anos, além dos relatos da comemoração eufórica dos torcedores e também dos jogadores.

O River conquistou o Campeonato Piauiense, ontem à noite, no estádio Lindolfo Monteiro – que ficou sem trave – quando venceu o Tiradentes, por 3 a 2, nos pênaltis. Murilo, Sima e Joel perderam para o Tiradentes, fazendo Marino e Caio. No River, o campeão, Derivaldo marcou o

²¹⁸ Afrânio Messias Alves Nunes foi um político local, elegendendo-se deputado estadual pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) durante o regime ditatorial e presidente do River Atlético Clube em quatro oportunidades.

²¹⁹ NUNES, Afrânio. M. A. *apud* NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 117.

²²⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

²²¹ Arquivo Público do Estado do Piauí. **Jornal O Dia (PI)**, 23 ago 1973, p.1.

terceiro gol, o da vitória, e Botelho e Gerson também conseguiram marcar, antes. Paulo da Banana e Chumbinho perderam. A festa foi sensacional e todos os jogadores do tricolor ficaram com roupa íntima, apenas, depois da festa que começou às 24 horas e continua²²².

As fontes citadas antes de serem tomadas como a verdade tal qual ela foi, são na verdade um esforço para apresentar a atmosfera e a dimensão que o futebol local possuía na década de 1970 para o leitor menos familiarizado com o assunto e que toma como parâmetro o contexto atual em que está inserido. Dito isso, é importante ressaltar também que mesmo em momentos de conquistas os espaços destinados aos torcedores comuns eram basicamente as ruas, os bares e a sede social do clube, ao chefe de torcida, que tinha como característica a proximidade com aqueles que dirigiam os clubes, cabiam outras formas de sociabilidade.

Os torcedores-símbolos, portanto, assumiam uma característica particular em relação aos demais torcedores, uma relação de proximidade e também de poder. É provável que esta categoria de torcedores tivesse laços para além da relação torcedor-clube, a fala de nosso entrevistado aponta para as relações de amizade que este detinha com o então presidente do River, de “ser amigo e tudo”.

Imagem 11 – Membros da diretoria exibem a faixa de campeão piauiense de 1973.



Fonte: Fatos e fotos de um campeão²²³.

A fotografia em destaque remete ao ano de 1973, ano em que o River Atlético Clube foi campeão estadual e encerrou um jejum que já durava dez anos. Nela podemos

²²² Idem.

²²³ NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 116.

ver Camélia de Alencar Nunes, esposa do então presidente riverino Afrânio Nunes, o senhor Luís Soares de Oliveira, mais conhecido como pintinho – um dos símbolos da torcida tricolor –, além do nosso entrevistado Marcos Hidd ao lado de Afrânio Nunes, sua irmã Socorro Hidd, acompanhada de Adolfo Nunes²²⁴ e Ivanilde que infelizmente não encontramos informações.

A proximidade demonstrada na imagem nos esclarece que a condição de chefe de torcida passava por uma condição social diferenciada da grande maioria dos torcedores, nossa ideia é reforçada pelo fato de Marcos Hidd ter ocupado cargos na própria diretoria do River Atlético Clube, dentre eles o de vice-presidente, posto alcançado em 1984 ao lado do presidente Renato Berger, renunciando logo em seguida no ano de 1985, devido a problemas familiares²²⁵. Além dessa relação de proximidade entre as primeiras categorias de torcedores, sejam elas as charangas ou os torcedores-símbolo e chefes de torcida, uma outra característica importante destacada por aqueles que vivenciaram estas configurações de torcedores é a ausência de violência.

O caráter “pacífico” destas torcidas é sempre destacado, sobretudo, por aqueles que vivenciaram o período, na visão destes as tensões entre as torcidas é um processo recente e se afasta completamente do papel do torcedor. Nesse sentido, o jornalista Roberto Avallone, ao rememorar suas experiências em São Paulo faz o seguinte comentário:

(...) No começo dos anos 50, eu morava no bairro da Casa Verde, que não era um lugar sofisticado. Eu já era muito apaixonado pelo futebol. Nessa época, a cidade não tinha muitas opções de lazer. Muitas vezes a gente ia de caminhão para o estádio. Havia corintianos, são-paulinos, palmeirenses, até torcedores da Portuguesa de Desportos. Do Guarani eu não me lembro. O Santo estava começando. Não me lembro de uma briga sequer. Depois a gente veio num crescendo: cenas lamentáveis! E chegamos à conclusão também de que não é um fenômeno só brasileiro. A violência no futebol espalhou-se pelo mundo (...)²²⁶

A opinião do jornalista Roberto Avallone, ao se referir sobre as características dos torcedores em São Paulo elucida uma convivência pacífica entre as torcidas, o ponto de vista romantizado sobre a conduta dos torcedores e de que a violência no futebol é um fenômeno recente também é compartilhada pelo nosso entrevistado ao se referir sobre o futebol piauiense:

²²⁴ Adolfo Júnior de Alencar Nunes, filho de Afrânio Messias Alves Nunes e de Camélia de Alencar Nunes, foi deputado estadual do Piauí entre os anos de 1987 e 1999.

²²⁵ NETO, Op. Cit. p. 30.

²²⁶ AVALLONE, R. *apud* TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. p.23.

Então o futebol do Piauí era isso, era de um amadorismo, de provocações [...] Mas sem ofensas! Incrível... e isso fazia com que as torcidas se rivalizassem. Naquele tempo eu não me lembro de uma violência acontecida com algum torcedor do River ou do Flamengo, existia rivalidade mas não existia violência, existia sim o respeito²²⁷.

A ausência de violência nos relatos citados aponta mais para uma visão idealizada dos fatos do que para a própria realidade, uma vez que a violência nos estádios não está desprendida da realidade social, desse modo, a violência nos estádios é o reflexo da hostilidade nas próprias relações sociais. Durante a conquista do recém citado campeonato piauiense de 1973 a comemoração foi marcada por atos de violência, no episódio em questão, um torcedor riverino vandalizava um ponto comercial no centro de Teresina quando foi surpreendido por um vigia que efetuou alguns disparos e acabou acertando uma criança identificada como Carlos Lages Pires, um torcedor mirim da equipe campeã²²⁸. Segundo Toledo, as ações violentas entre torcedores já eram comuns nas praças esportivas desde os anos 30 e que o surgimento desses torcedores-símbolo ou chefes de torcidas estava ligado também à uma questão normativa e comportamental.

Ali, numa praça esportiva que reunia pela primeira vez no Brasil um contingente expressivo de torcedores (aproximadamente 60 mil indivíduos), verificaram-se os maiores cuidados com a intolerância e as brigas entre torcedores que, diga-se de passagem, já pipocavam desde a época do amadorismo anterior aos anos trinta. As notícias esportivas não cansavam de censurar os frequentes distúrbios e badernas promovidos por torcedores²²⁹.

Desse modo, o papel exercido pelos torcedores mais próximos da diretoria era de coibir condutas violentas ou de simbolizar o comportamento ideal no estádio, sendo esta prática marcada pela espontaneidade, pelo interesse de externar sua paixão pelo time de forma não-violenta. Em contrapartida, esses torcedores possuíam “acesso total ao local” como afirmou nosso entrevistado, espaços privilegiados que fugiam do domínio daquele torcedor comum. Dessa forma, tanto a imprensa quanto os dirigentes reforçavam e legitimavam a importância destes grupos.

A imprensa esportiva e os dirigentes dos clubes prestigiavam esses grupos de torcedores justamente por acreditarem que eles formavam um núcleo civilizado no meio da massa, com atribuições específicas para além do incentivo aos times, quais sejam o de coibir e fiscalizar outros torcedores, inibindo o mau comportamento generalizado. De fato, esses

²²⁷ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

²²⁸ NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 117.

²²⁹ TOLEDO, L. H. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.

grupos uniformizados respondiam aos interesses daqueles que dirigiam os espetáculos, os “cartolas” e à imprensa esportiva, e cumpriam, na visão de muitos, uma função normativa²³⁰.

Transportando o pensamento acima para o contexto em questão, a década de 1970, entendemos que a normatização das práticas era aspirada não só nos estádios, mas também no próprio cotidiano. Assim, a resolução dos conflitos ou das diferenças, a conduta “civilizada” nos estádios estaria ligada ao próprio desenvolvimento de uma sociedade sob uma perspectiva global, onde as condutas violentas tenderiam a diminuir, como apontaram Nobert Elias e Eric Dunning²³¹. De forma contraditória, o Estado Brasileiro na época (e ainda hoje, não?!) usava da força para todos aqueles que fossem contra o sistema.

Essas categorias de torcedores das quais discurremos ao longo deste capítulo, as que possuíam um chefe, um torcedor-símbolo ou um uniforme, possuem características muito próximas umas das outras, chegando muitas vezes a possuírem dentro de uma única torcida todos esses elementos. A proximidade com a elite dirigente dos clubes, as formas carnavalescas de representação – sobretudo pela participação das charangas em dias de jogos – e o padrão normativo que elas apregoam são comuns entre essas categorias de torcedores que surgiram nos grandes centros futebolísticos e que se tornaram comuns em várias regiões do país. Apesar de muitas vezes essas agremiações se apresentarem ou serem reconhecidas enquanto Torcidas Organizadas, elas não possuem o sentido histórico que o termo “Torcida Organizada” possui. Esse novo modelo de torcidas data do início dos anos 1970 e ao longo do tempo acabou adquirindo outros sentidos e novas nuances, tanto no que diz respeito nas suas práticas, quanto pelos sentidos atribuídos pela opinião pública. Luiz Henrique de Toledo ao tentar diferenciar esses modelos de torcidas faz a seguinte afirmação:

[...] preferem a denominação *Organizada* para destacar que existe uma dada organização para além da mera uniformização (uso de uma camisa comum) de seus sócios nas arquibancadas. [...] É preciso destacar ainda que este torcedor-símbolo era identificado como chefe e não como presidente da torcida. Hoje a designação chefe é recusada pelas maiores Torcidas Organizadas que possuem um organograma mais complexo estruturado em cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias²³².

²³⁰ Idem.

²³¹ ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel. 1985.

²³² TORO, Camilo A. O jornal *O gavião* e os sentidos de torcer. In: **Os gaviões da fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. HOLLANDA, Bernardo B. B; NEGREIROS, Plínio L. (Org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 126.

Dessa forma, o termo Uniformizada é anterior ao termo Organizada, possuindo inclusive significados diferentes. Enquanto a Torcida Uniformizada muitas vezes estava personificada na figura do chefe de torcida ou do torcedor-símbolo, estabelecendo a união entre torcedores e aqueles que comandavam o clube, a Torcida Organizada, por sua vez, assumia uma postura muitas vezes de oposição àqueles que ocupavam cargos nas diretorias, tomando diversos papéis, como, por exemplo, o de “fiscalizador, tanto dos temas financeiros, quanto dos esportivos, colocando-se como defensores das identidades dos clubes, como uma espécie de sentinelas da tradição e dos símbolos dos clubes”²³³. Em Teresina, segundo o chefe de torcida Marcos Hidd quando questionado sobre a uniformização de sua torcida respondeu:

Era a camisa do River! Aquela camisa branca com duas listras. Mas não era obrigatório isso, não era obrigatória porque primeiro porque estávamos começando. Nós não tínhamos sede, não tínhamos nada... só vontade. Não tínhamos experiência nisso. Porque a intenção não era fortalecer a torcida organizada. A intenção era juntar a torcida do River e fazer com que ela fosse jogar futebol²³⁴.

Aqui temos a total ausência de uma organização da torcida enquanto uma agremiação estruturada, além disso, o entrevistado corrobora com a nossa diferenciação na qual o grupo de torcedores comandado por eles não se configurava na qualidade de uma Torcida Organizada com as características já estabelecidas anteriormente. Ao continuar sua fala, Marcos Hidd, buscou se distanciar do que ele considera, nas entrelinhas, uma atribuição das Torcidas Organizadas atuais, tendo em vista que “o objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time e do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deveriam ser superados não na força, e sim nas festas das bandeiras, na animação”²³⁵.

As diferenças entre as torcidas uniformizadas que agregavam em torno de si chefes de torcidas e torcedores símbolos e as Torcidas Organizadas pode ser bem esclarecida através do surgimento da torcida Tricolor Independente do São Paulo, que teria nascido a partir de uma necessidade de fundar uma torcida que não estivesse ligada ao clube, como era a TUSP, Torcida Uniformizada do São Paulo. A disposição de se criar uma torcida à parte do São Paulo Futebol Clube deu origem ao nome da própria Torcida Organizada – Tricolor Independente²³⁶.

²³³ TORO, Op. Cit. p. 126.

²³⁴ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

²³⁵ AREOSA, João. **Placar**. n. 236, p. 1-48, set. 1974.

²³⁶ TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: São Paulo. Autores associados/Anpocs, 1996.

Estabelecida a partir de exemplos as diferentes categorias de torcedores, suas principais características e as suas diferenças entre si, bem como o desenvolvimento dessa temática enquanto objeto da História e a sua importância, cabe, agora, compreender de forma mais profunda o cenário piauiense no qual estas categorias de torcedores se desenvolveram, o contexto pelo qual passava o futebol piauiense, o desenvolvimento da imprensa esportiva e as manifestações dos torcedores dentro e fora dos estádios, sem deixar de lado a percepção entre as relações locais e o cenário nacional.

3.2 As torcidas e os clubes na cidade

Se engana quem acha que os torcedores de modo geral estão dissociados das demais esferas da sociedade, afinal, como tentamos demonstrar no capítulo anterior, as ligações entre futebol e política foram construídas ao longo de todo o século XX, logo, aqueles que são a parte principal do esporte – os torcedores – não estariam alheios aos eventos políticos do país. Na realidade, as arquibancadas Brasil afora se tornaram, assim como o futebol, espaços populares que representavam a diversidade do povo brasileiro, para aqueles que frequentaram estes espaços durante os anos 1970 e 1980, as gerais²³⁷, espaço financeiramente mais acessível destinado àqueles com menos recursos financeiros representavam o espaço mais democrático dos estádios.

A torcida hoje é realmente o único lugar, a única aglomeração de pessoas que você pode dizer que é socialista, que ela é totalmente [...] ela não liga pra sua condição social. E é uma coisa muito louca porque forma mesmo, principalmente os que vivem mais. A gente acaba conhecendo todas as classes sociais, convivendo com cada uma delas, com cada uma das pessoas. Mano, a maior riqueza da Gaviões que a gente fala é a diversidade e a diversidade ela ensina²³⁸.

A fala acima é de um dos integrantes da torcida organizada Gaviões da Fiel, ele destaca a variedade daqueles que compõem essas associações de torcedores que surgiram durante os anos 1970 nas mais diversas cidades do país, sobretudo naquelas que também eram grandes centros futebolísticos. Tais grupos de torcedores tomam para si esta representação de um espaço democrático, mesmo que estas tenham surgido num contexto não só de ausência de democracia, mas de repressão e violência contra quaisquer formas de liberdades individuais.

²³⁷ As gerais, como são conhecidas, são as arquibancada mais barata nos estádios, normalmente, o lugar de pior visualização para se assistir uma partida de futebol.

²³⁸ PULGUINHA. **Entrevista concedida à Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>>. Acesso em: 29 jun 2020.

Aquelas diferenças que a sociedade valoriza e o caralho, essas besteiras que a sociedade valoriza, porra, dentro da torcida é totalmente esmagado. Não tem espaço pra isso. Porra, vai ter espaço pra um cara que não gosta de nordestino? Velho, noventa por cento dos caras que são dessa torcida são filhos de nordestino, se não é filho é neto de nordestino. Vai ter espaço (pra quem não gosta de nordestino)?²³⁹

Assim como o primeiro relato, este segundo entrevistado enfatiza as características democráticas do grupo. É interessante notar que essa visão sobre a própria torcida revela mais sobre os significados atribuídos ao grupo de torcedores do que propriamente à eventos concretos. Nesse sentido, Janaína Amado faz a seguinte reflexão: “o vivido remete a ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória, esta por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência”²⁴⁰. A abordagem desses significados atribuídos a si mesmos com o passar do tempo é utilizada para a construção de uma identidade no presente e para a elaboração de um futuro.

Tais relatos são fruto de uma série de entrevistas produzidas pela Fundação Getúlio Vargas, em parceria com o museu do futebol e a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, tais entrevistas deram origem ao documentário Territórios do Torcer (2015) que serviu de inspiração para o nome do nosso capítulo. As fontes audiovisuais se tornaram um recurso necessário na atual conjuntura da escrita desse texto, entretanto, ao aprofundar o olhar sobre o uso dessas fontes, nos demos conta de que o historiador está rodeado por imagens e sons, e que isso acaba impactando em nossa própria formação cultural, o que por sua vez se reflete na escrita da história. Para Marcos Napolitano “cada vez mais, tudo é a dado a ver e ouvir, fatos importantes e banais, pessoas públicas influentes ou anônimas e comuns. Esse fenômeno já é secular e não pode passar despercebido pelos historiadores”²⁴¹.

Mais do que uma fonte audiovisual, o relato é ao mesmo tempo um testemunho oral e como tal, também deve ser entendido enquanto uma fonte oral, em que essa fonte é o material recolhido pelo historiador para as necessidades de sua pesquisa²⁴². Dessa forma, a fonte oral, obtida através de um recurso audiovisual, ofereceu a nós um olhar diferenciado e ajudou a ampliar o escopo documental na abordagem sobre a nossa

²³⁹ MINDUÍM. **Entrevista concedida à Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>>. Acesso em: 29 jun 2020.

²⁴⁰ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, 125-136, 1996.

²⁴¹ NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 235.

²⁴² VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.36.

temática. Entretanto, os relatos não são tomados como uma verdade em si, menos ainda que tais narrativas falem por si só, sendo portanto, representações do real. Nesse sentido, concordamos com Sandra Pesavento, quando esta nos lembra que “todo esforço para desvelar representações passadas é uma leitura entre as possíveis”²⁴³.

O surgimento das Torcidas Organizadas foi um evento que aconteceu nos maiores centros futebolísticos do Brasil a partir do final dos anos de 1960 e do início da década de 1970. As formas de torcer até então eram marcadas pelas charangas, um modelo de torcida carnalizada que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1940 e se tornou comum em boa parte do país, os líderes das charangas passaram a ser reconhecidos como verdadeiros chefes de torcidas e acabaram virando símbolos daquela massa de apaixonados.

O modo colaborativo entre esse modelo de torcida e os dirigentes dos clubes com o passar do tempo passou a incomodar outros torcedores, sobretudo os mais jovens, que assumiram uma postura crítica frente a esse modelo tradicional de torcida. Essa modificação na forma de torcer é marcada por novos significados e rumos, tendo nascido da “cisão na unidade da torcida e em seu princípio unitário constitutivo: *um* clube, *uma* torcida, *um* chefe”²⁴⁴.

Essa estrutura baseada em um princípio da unidade deu lugar a formação das Torcidas Organizadas, fundamentadas em uma coletividade mais autônoma, impessoal e emancipada de torcedores, tais princípios se formaram durante um período de florescimento dos movimentos populares durante os anos 1970. Assim, esse novo modelo de torcedores surgido nos grandes centros futebolísticos rompeu com as formas anteriores de torcer e apresentaram novas formas de se relacionarem entre si, com os dirigentes e com a imprensa.

Em Teresina, o advento do profissionalismo fez com que a imprensa esportiva se desenvolvesse, passando a ocupar lugar de destaque no rádio, através de programas como *Um Pregão na Chuteira*²⁴⁵; e nos meios impressos como no caso de O Jornal do Piauí²⁴⁶ ao dedicar espaço à coluna *Bate Bola*, assinada por Carlos Said²⁴⁷. Uma maior

²⁴³ PESAVENTO, Sandra. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. FGV/CPDOC, v. 8, n. 16, jul-dez, p. 279-290, 1995.

²⁴⁴ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de [et al.]. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letra, 2012, p. 110.

²⁴⁵ Programa de Deusdeth Nunes iniciado em 1963 na programação da Rádio Clube.

²⁴⁶ O Jornal do Piauí trazia em seus periódicos durante a década de 1970 discursos sobre a construção de um “novo Piauí” ressaltando os projetos de modernização empreendidos pelo governo estadual e municipal. Era localizada no primeiro andar do Edifício Freitas, na Rua Barroso, Centro de Teresina.

²⁴⁷ Carlos Said (Teresina, 14 de janeiro de 1931) é um ex-futebolista, advogado, radialista e jornalista brasileiro. Foi um dos fundadores do River Atlético Clube em 1946, time pelo qual também foi goleiro

estruturação dos times locais e a consolidação de um certame estadual que ocorria – e ainda ocorre – anualmente, fez com que o esporte assumisse um papel no cotidiano teresinense. A imprensa percebeu a amplitude dessa prática esportiva e acompanhou tal crescente, dessa forma as notícias sobre futebol ficaram cada vez mais valorizadas. Constituíam-se em matéria as mais variadas ocasiões: tanto nos momentos que antecediam às competições, para quais os periódicos contribuíam criando uma expectativa e ambiência, quanto no dia do evento, quando a convocação aumentava de intensidade, bem como nos dias seguintes, com a narração sobre o que ocorrera²⁴⁸.

As crônicas constituíam representações sobre o futebol, os cronistas eram os agentes da negociação entre os sentidos e os significados do esporte. Além do jornal impresso, os anos de 1960 viveram a fundação da Rádio Clube e da Rádio Pioneira, essas emissoras foram responsáveis por endossar o canto dentro do radiojornalismo esportivo, em suas programações diárias podemos destacar programas como: Um prego na Chuteira, A voz do Esporte e Tardes Esportivas²⁴⁹

Dessa forma, tanto a ação direta do estado quanto a formação de uma imprensa esportiva foram significantes para a emergência para torcidas de futebol em nível local. Foi durante os anos 1970 que houve uma presença vertiginosa dos torcedores nos estádios, é também nesse período que se intensifica a principal rivalidade no futebol piauiense, entre River A. Clube e o Esporte Clube Flamengo, o confronto entre os dois times ficou conhecido como “Rivengo”. Tal disputa foi amplamente incentivada pela imprensa esportiva local e pelos próprios dirigentes dos clubes.

Em um dos clássicos do Campeonato de 1973, os Presidentes Afrânio Nunes e Rodrigues Filho conseguiram que a Federação colocasse à venda ingressos tricolores para a torcida do River e ingressos rubronegros para a torcida do Flamengo [...] O Flamengo contestou a vitória riverina e logo depois foi o rubro-negro quem venceu o concurso instituído pela Revista Placar, ficando com o título de “Mais querido do Piauí”²⁵⁰.

A intervenção direta dos presidentes revela a intenção de fortalecer a rivalidade entre os clubes e, portanto, entre as torcidas. Dessa forma, as sociabilidades torcedoras da

sendo campeão piauiense nos anos de 1952, 1953 e 1954 e também foi o pioneiro da imprensa esportiva do Piauí.

²⁴⁸ MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. MELO, Victor Andrade de. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 25.

²⁴⁹ MOURA, Mayra Izaura. No campo de jogo da memória: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975). Dissertação (mestrado) – Universidade federal do Piauí. Teresina, 2016.

²⁵⁰ CASTRO, Dídimo. **River A. Clube**. Piauí: 1979, p. 61-62.

época eram também fruto da disputa entre as diretorias. Diferentemente de outros centros futebolísticos os anos 1970, nos quais já despontavam os primeiros grupos coletivos de torcedores organizados, no Piauí a figura do chefe de torcida ainda possuía bastante relevância.

Certamente pelo seu amor ao clube, a torcida rubro-negra fica desesperada nos momentos das derrotas. Imprensa, dirigente e juízes passam a ser vistos como verdadeiros inimigos da tradicional agremiação do futebol piauiense. Também não escolhe lugar para torcer. Em 1971 centenas de torcedores do Mengo foram ajudar o time numa decisão com o Sampaio dentro de São Luiz. Houve verdadeira batalha entre piauienses maranhenses e os rubro-negros não “abriram”. Agitaram suas bandeiras em pleno Estádio “Nhosinho Santos” e saíram com a classificação. O apoio da torcida do clube também ficou demonstrado no lançamento de títulos patrimoniais e hoje a sede social do Esporte Clube Flamengo está sendo ampliada para poder acomodar todos os rubro-negros. À frente da Torcida no Estádio, merece citação especial o Sargento Salim. Ninguém é mais rubro-negro do que ele. Em sua residência colocou uma placa com os seguintes dizeres “aqui mora um rubro-negro”²⁵¹

A participação desses torcedores símbolos marca a década de 1970 no plano local, além disso, podemos perceber também a estreita relação entre torcedores e clubes a partir de alterações físicas visando proporcionar uma melhor acomodação aos torcedores do Flamengo. Esses torcedores símbolos fazem parte de um universo mais amplo de torcedores, sendo eles juntamente com os chefes de torcidas e as charangas, um termo muito comum para denominar as pequenas bandas que frequentavam os estádios nos estados do nordeste do país²⁵², os principais modelos de torcidas no Piauí durante esse período.

Apesar de as rivalidades locais estarem em formação, era comum ainda que os torcedores de diferentes clubes esquecessem as rivalidades quando havia um único clube piauiense representando o estado no torneio nacional, foi o que aconteceu por exemplo, com o clube do Tiradentes. O primeiro time a representar o Piauí foi a Sociedade Esportiva Tiradentes, no ano de 1973. É importante ressaltar que essa agremiação está diretamente ligada à Polícia Militar do Piauí, não por acaso, durante o governo Alberto Silva o Tiradentes é o time que mais obteve sucesso a nível nacional, tendo representado o Piauí por três anos consecutivos (1973, 1974 e 1975). Inicialmente o título estadual garantiria a participação da equipe vencedora no certame nacional, no entanto, por ser um time recém-criado, houve alegação por parte dos times mais tradicionais do estado que o

²⁵¹ PEREIRA, Dídimo de Castro. **FLAMENGO**. Teresina, 1977, p. 4.

²⁵² TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: São Paulo. Autores associados/Anpocs, 1996, p. 21.

número de torcedores presentes no Albertão seria ínfimo, tendo em vista que o Tiradentes possuía uma torcida pequena. Dessa maneira uma nova competição foi realizada e novamente a equipe do Tiradentes se sagrou campeã. É a partir desse desfecho que temos a importante participação da imprensa, como veremos a seguir.

Nos resta agora conclamar a nossa torcida, com toda a sua pujança, a prestigiar o Campeonato Brasileiro, que se inicia domingo, comparecendo coesa os jogos desse certame, animando, motivando e estimulando a poderosa equipe da Sociedade Esportiva Tiradentes, digna representante do futebol piauiense no Nacional de Clubes²⁵³.

A convocação feita através do jornal O Estado revela que além dos agentes políticos tivemos também a imprensa como um importante meio desenvolvimentista do futebol a nível local. Por ter estimulado sobretudo a formação da rivalidade entre River e Flamengo, o surgimento de uma nova agremiação – o Tiradentes – faz com que a imprensa assuma um outro papel, o de canalizar as torcidas não para um time, e sim para o estado do Piauí. Tal missão obteve sucesso já que houve um grande público presente nos estádios no ano de 1973, ano da primeira participação do Tiradentes (e do Piauí) no Nacional de Clubes, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 1 – Campeonato Brasileiro 1973

Jogo	Campeonato	Data	Público pagante	Renda
Tiradentes x Fluminense	Brasileiro	26/08/1973	29.979	Cr\$ 169.830,00
Tiradentes x Cruzeiro	Brasileiro	29/08/1973	28.975	Cr\$ 102.188,00
Tiradentes x Fortaleza	Brasileiro	04/11/1973	21.267	Cr\$ 122.314,00
Tiradentes x Bahia	Brasileiro	25/11/1973	25.219	Cr\$ 143.154,00

Fonte – Memória do futebol piauiense²⁵⁴.

A festividade tomava conta da cidade durante os jogos, ao rememorar a disputa entre o Tiradentes e a equipe do Fortaleza, o chefe de torcida Marcos Hidd relata o

²⁵³ O Estado, 15 de maio de 1973, p.6.

²⁵⁴ OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes de. **Memória do futebol piauiense**. Vol.1. Teresina, 2014.

seguinte acontecimento envolvendo a torcida do Fortaleza e os teresinenses torcedores de clubes diversos que foram convocados para torcerem pelo representante piauiense no campeonato de 1973:

Rapaz, Teresina era uma coisa fabulosa! Eu me lembro que uma vez veio... quando o Tiradentes foi representar o Piauí o coronel Canuto de quem se tornou um grande amigo meu e de quem eu tenho saudades até hoje, porque ele já é falecido. O coronel me chamou e disse: “Marcos Hidd, eu queria a sua ajuda, o Tiradentes você sabe não tem torcida e eu queria que você congregasse a torcida do flamengo, do river, junto com a do Tiradentes pra nós fazermos uma boa campanha”. E eu consegui isso, o futebol daqui o Tiradentes jogando tava sempre lotado²⁵⁵.

É neste ambiente de uma aparente cultura de pacificidade e respeito entre as torcidas piauienses que se formam os primeiros agrupamentos de torcedores em Teresina. Segundo Marcos Hidd, a primeira torcida organizada seria pertencente ao time riverino tendo sido ele um dos fundadores desta torcida. É importante destacar que o termo utilizado por ele não é em nosso entendimento e no de outros autores utilizados nessa pesquisa uma Torcida Organizada de fato, entretanto, optamos por incorporar o termo utilizado pelo nosso entrevistado até mesmo para discutirmos um pouco mais sobre. Ao rememorar sobre a formação destas torcidas Marcos Hidd destaque a figura de diversas pessoas que no seu ponto de vista foram pioneiras:

Agora eu também não posso deixar de esquecer aqui nomes como: Pintinho, não posso esquecer nomes como Zé da Silva, que eram chefes de torcida. Não posso esquecer o nome da minha irmã Socorro Hidd que sempre teve comigo, a minha mãe que nós comprávamos peças e peças de “murin” eu acho que é “murin”, pano barato que tinha, preto vermelho e branco... e a mamãe contratava três, quatro costureiras pra fazer bandeirolas do River e distribuir com a torcida. O pessoal lá do... do supermercado... Lopes... Raul Lopes... tinha o Raulzinho, que tinha um supermercado lá no mercado velho, era quem juntava todo o pó de arroz e ia ensacando pra guardar pra gente e depois nós comprávamos saquinhos de 1kg e íamos ensacar, lacrar, pra depois distribuir com a torcida. E o Fernando Lopes que era meu amigo inseparável, nos deu uma ideia de fazermos o Clube do Galo, e nós fundamos o Clube do Galo. O Clube do Galo era uma torcida organizada. A primeira Torcida Organizada do Piauí chamava-se Clube do Galo (dito com ênfase). Ela é de 1973, 1974²⁵⁶.

²⁵⁵ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

²⁵⁶ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

Podemos perceber que em sua narrativa há um destaque para o papel desempenhado pelos chefes de torcidas do que propriamente para a torcida fundada por ele, ou seja, o modelo descrito por ele se aproxima mais das práticas desempenhadas pelos modelos de torcedores tais quais os chefes de torcida e todos os seus chefiados, do que propriamente ao arquétipo das Torcidas Organizadas que surgem nesse mesmo momento histórico em outros centros e que se consolidaram como referência de Torcidas Organizadas atuais. Outro fator que nos chamou atenção foi o fato de não encontrarmos outros registros que mencionassem o Clube do Galo como a primeira torcida organizada, posto atribuído pelos riverinos à torcida EMBRIAGALOS.

Imagem 12 – Membros da torcida “EMBRIAGALO” exibem faixa no Albertão.



Fonte: Fatos e fotos de um campeão.

Ao prosseguirmos com a entrevista, informamos que o livro de memórias do River Atlético Clube mencionava a torcida EMBRIAGALOS como a primeira torcida²⁵⁷, sobre tal fato ele afirmou:

EMBRIAGALOS foi bem depois. Eu fui vice-presidente do River na gestão do Renato, eu fui diretor do River em outras gestões... do Afrânio Nunes, entendeu?! E nós tínhamos o poleiro do galo, aquele terreno ali onde hoje é a sede social do River, ali pela Homero Castelo Branco, o Afrânio construiu o alojamento de jogadores. Eu comprava laranja,

²⁵⁷ NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 24.

comprava fruta, comprava verdura, às vezes era acordado 1h da noite pra ir solucionar problemas lá no River²⁵⁸.

Mais uma vez o entrevistado nos dá poucas pistas sobre a formação das torcidas, mas, revela novamente suas atribuições enquanto chefe de torcida e seus diversos papéis desempenhados no clube. Dentre outras funções, existia também a de organizar toda a festa nas arquibancadas nos dias de jogos, sendo segundo ele, inclusive o pioneiro em Teresina de algumas tradições dentro dos estádios.

Quem inventou o pó de arroz e papel picado em jogo de futebol fui eu. Eu entrava dentro do campo do Lindolfo Mondeiro e jogava as coisas pra torcida do River, que a torcida do River ficava do lado esquerdo da cabine do Lindolfo Monteiro e a torcida do Flamengo ficava do lado direito²⁵⁹.

Podemos perceber novamente o personalismo existente no papel do chefe de torcida, sendo ele o encarregado de distribuir os itens necessários para a festa, o que se assemelha com o papel desempenhado pelas lideranças que se destacaram no Brasil nos anos 1950, inclusive na utilização de inúmeros materiais semelhantes, como confetes, serpentinas, sirenes, fogos de artifício²⁶⁰.

Sobre as diferenças entre os espaços físicos destinados para as torcidas, era comum que torcidas rivais detivessem espaços específicos dentro dos estádios de futebol. Para além dessa demarcação territorial dentro dos estádios, Claudio Juremal Euclides de Sena, relata que existia uma diferença clara na composição entre os grupos de aficionados pelos clubes locais, especialmente entre os do River e os do Flamengo.

O senhor Juremal, como prefere ser chamado, possui 56 anos e é natural de Pedro II no Piauí. Veio para Teresina aos 10 anos de idade para dar continuidade aos estudos, chegou a ingressar no curso de História na Universidade Federal do Piauí, mas não deu prosseguimento à licenciatura. Embora não tenha seguido à docência, atuou como vendedor de livros didáticos durante boa parte da vida, função que dividia com o Flamengo Esporte Clube, que segundo ele, foi funcionário por 15 anos. Se disponibilizou a colaborar com a pesquisa e compartilhou algumas de suas memórias que serviram como ponte de análise entre as demais fontes históricas utilizadas nessa pesquisa. Torcedor do Flamengo do Piauí desde sempre, segundo nos relatou, ele foi um dos integrantes dos

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

²⁶⁰ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de [et al.]. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letra, 2012, p. 91.

principais grupos de torcedores da capital, a torcida rubro-negra FLAGIANT, que teria sido fundada por jovens torcedores, dentre eles José Airton, conhecido como Caloi, e também por Teodoro Ernesto de Carvalho Filho, no final dos anos 1970. Segundo o nosso entrevistado essa torcida teria dado lugar a torcida FLANÁTICOS que conforme o mesmo:

Foi fundada em 1985 e é tida como o maior movimento de torcidas do Flamengo do Piauí, pois reuniu todos os antigos e novos líderes de torcidas, de Servo de Deus Machado, passando por Petrônio Macário de Castro Filho; Jomali Lima Magalhães, os remanescentes da FLAGIANT, dentre eles eu²⁶¹.

O surgimento destas torcidas marca também o período de crescimento da rivalidade entre os clubes de maiores torcidas da capital. Se na primeira metade da década de 1970 houve um domínio da equipe do Tiradentes, a segunda metade da década foi marcada por uma intensa disputa entre River e Flamengo, os dois times passaram a se revezar enquanto campeões piauienses, tendo o rubro-negro levantado a taça de campeão de 1976 e 1979 e o tricolor fazendo a festa em 1977, 1978 e em 1980. Sobre a formação das rivalidades entre River e Flamengo Marcos Hidd faz o seguinte relato:

A convocação para os jogos era através da rádio pioneira, da rádio clube, da rádio difusora e da TV. Na televisão tinha um programa 7 horas da noite que era de esporte, eu acho que era dia de sábado esse programa. E aí era que eu combinava com o Rodrigues Filho, quando era um River e Flamengo, “Rodrigues eu vou lá te desafiar, vou dizer que você não é de nada, vou dizer que você é um presidente mequetrefe”. Era combinado! E ele ia lá e dizia que eu falava demais, que ele ia me dar uma pisa lá dentro do campo, que a resposta dele ia ser dentro do campo de futebol. Isso fazia crescer a rivalidade²⁶².

As provocações feitas tinham a intenção de atrair o público para comparecer ao estádio nos dias de jogos, dessa forma, esperava-se não só aumentar a rivalidade entre as torcidas como também gerar receitas para os clubes através da bilheteria. Os meios de comunicação davam destaque à figura dos torcedores e noticiavam as rivalidades entre as torcidas.

O clima de decisão já está contagiando a cidade desde sexta-feira e torcedores do River e do Flamengo já começam a discutir quem é o campeão. Pintinho, conhecido torcedor do River, afirmou ontem que a festa está pronta e que o Flamengo não vai ver nem a cor da bola. Pelo Flamengo, Servo de Deus respondeu a altura e também está contando

²⁶¹ SENA, Claudio Juremal Euclides. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

²⁶² SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

com o título. Torcedores mais novos e chefes de torcidas organizadas estão prometendo uma grande festa com suas torcidas Embriagalo e Flanáticos²⁶³.

Os jornais cumpriam um importante papel de evidenciar a rivalidade entre as torcidas para o público em geral, além dos meios de informação as próprias torcidas eram encarregadas de convocar o público para os estádios.

Muitas vezes a gente achava insuficiente as divulgações da TV e rádio, e ainda com o apoio da presidência, fazíamos passeatas, era uma trabalhadeira doida. A gente acordava cedo no domingo, se reunia na região daquele prédio redondo da CEPISA, de lá ia trio elétrico, as meninas com bandeiras, charangas, foguetes [...] a gente saía pelos principais bairros da cidade. Aquele torcedor que por acaso que não tivesse a oportunidade de saber que tinha um grande jogo, ele via aquele movimento, ele já se “embrasava” pra ir pro jogo, até o adversário, via aquele movimento, as vezes não tava bem informado... só em ver o movimento eles já sabiam disso. E o resultado de tarde tava lá, o estádio lotado²⁶⁴.

As bilheterias do período representam o papel decisivo das torcidas de convocarem o público em geral para comparecer aos estádios. Na decisão do campeonato piauiense de 1977, disputado entre Flamengo e River – considerado o “rivengo” do século – os números registrados apontam para mais de 40 mil pessoas presentes no Albertão e uma renda de 625 mil cruzeiros²⁶⁵.

É durante esse período de acirramento das rivalidades que os torcedores buscam marcas distintivas entre si e seus rivais, momento no qual as marcas de identificação, de visibilidade e de oposição entre as torcidas se consolidam. Os próprios espaços públicos da cidade passam a representar a diversidade e a heterogeneidade dos grupos de torcedores.

Antes existia a figura do chefe de torcida, dentre eles um dos mais antigos e mais conhecidos era o Salim²⁶⁶ Freire e o outro é o senhor Servo de Deus Machado, a torcida depois da FLAGIANT, a segunda, foi uma do River, inclusive a primeira rivalidade, o nome dela era Galo Jovem. Ela era formada mais por pessoas da elite ali do centro, porque

²⁶³ **Jornal O Dia**, 26 de outubro de 1986, p. 9.

²⁶⁴ SENA, Claudio Juremal Euclides. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

²⁶⁵ **Jornal O Dia**, 4 de outubro de 1977, p. 9

²⁶⁶ Salim Freire e Silva, já falecido, era chefe de torcida do flamengo e também presidente da Federação Umbandista do Piauí. Para mais informações sobre Salim, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado da Professora Ma. Sabrina Verônica Gonçalves Lima, intitulada **As faces da umbanda no Piauí: Política, festa e criminalidade (1960-1978)**, apresentada no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

naquela época a elite era no centro, daí a pouco é que o Jockey começou a ser povoado e começou a ter a migração da elite ali pro Jockey²⁶⁷.

As diferenciações sociais e a formação da rivalidade citadas por Juremal estão refletidas na própria cidade, como ressaltou em sua fala, havendo uma distinção entre os bairros da elite e os considerados mais populares, para ele, o Flamengo representava o povo comum da cidade. É bem verdade que a marca do futebol está impressa na paisagem física urbana, dessa forma, a partir da análise da mesma, podemos entender que “a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão”²⁶⁸. Para Ana Fani Carlos

A ideia de paisagem revela uma obra coletiva, que é a cidade produzida pela sociedade e, por isso, contemplando todas as dimensões humanas. Nessa direção a paisagem revela-se cheia de vida, ao mesmo tempo que expressão de sentimentos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo, impressas na paisagem, inscritas nas formas da cidade, reproduzem a condição da constituição da humanidade do homem, revelando uma construção histórica cheia de arte e lembranças, fáceis de serem identificadas no lugar por aqueles que nele vivem, na medida em que o lugar é o espaço da vida.²⁶⁹

A paisagem da cidade ao traduzir a sociedade nos permite entender também as associações que os torcedores faziam do espaço destinado aos seus clubes. Para seu Juremar o Flamengo era um clube popular e isso estava impregnado na paisagem física da cidade, pois a própria sede social do clube estava localizada em um bairro considerado periférico da cidade.

A primeira sede social do Flamengo data do início dos anos 1970 e estava localizada no bairro tabuleta, na avenida Barão de Gurgueia, zona sul da cidade. A primeira propriedade contava com piscina infantil e semiolímpica, quadras para o esporte amador e salões para festas, e também um campo de futebol.

Imagem 13 – Primeira sede social do Flamengo Esporte Clube.

²⁶⁷ SENA, Claudio Juremal Euclides. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

²⁶⁸ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo – Companhia da Letras, 1991, p. 14.

²⁶⁹ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33.



Fonte: globoesporte.com²⁷⁰

A primeira sede social do clube foi adquirida na gestão de João Rodrigues de Azevedo Filho²⁷¹, a partir da aquisição dessa propriedade a vida social do Flamengo passou a ter intensa movimentação, principalmente de pessoas interessadas em adquirir títulos patrimoniais do clube. Após a venda da primeira sede, uma nova foi adquirida²⁷² no início dos anos 1980, dessa vez no bairro Bela Vista também na zona sul. Esse bairro da cidade fica situado distante da região central de Teresina, considerada uma zona periférica.

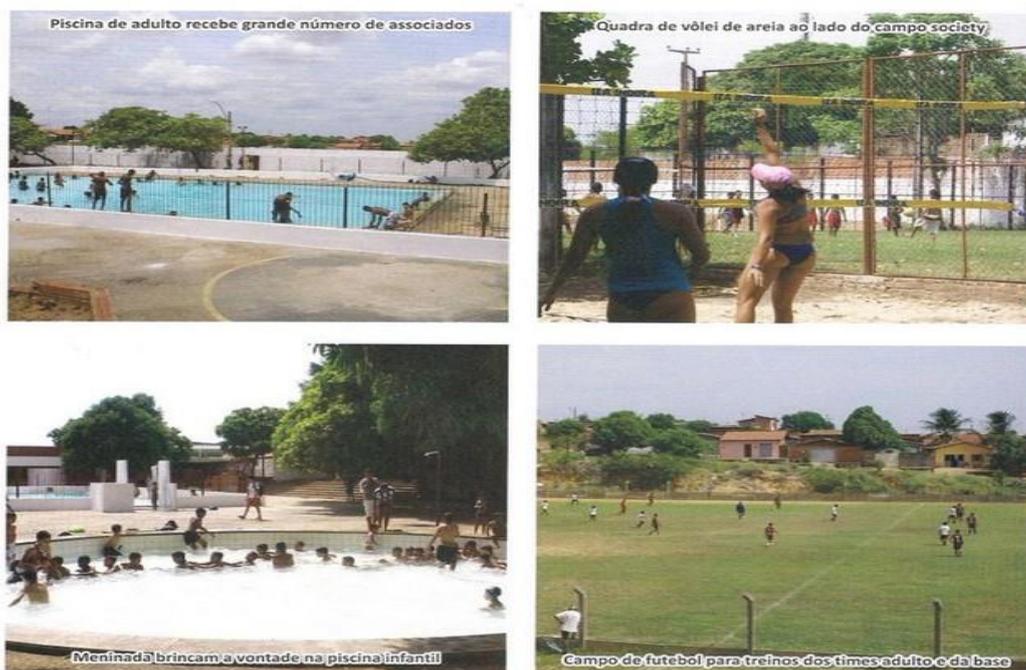
Imagem 14 – Espaços da sede social do Esporte Clube Flamengo no bairro Bela Vista.

²⁷⁰ **Flamengo-PI comemora bodas de diamante em seus 75 anos de história.** Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pi/futebol/times/flamengo-pi/noticia/2012/12/flamengo-pi-comemora-bodas-de-diamante-em-seus-75-anos-de-historia.html>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

²⁷¹ PEREIRA, Dídimo de Castro. **Flamengo 40 anos: saldo positivo.** Dídimo de Castro, Teresina, 1977, p. 84.

²⁷² A sede social do Flamengo do Piauí foi vendida em 2010 para saldar dívidas trabalhistas do clube. Essa venda é considerada polêmica e também suspeita.

SEDE SOCIAL DO ESPORTE CLUBE FLAMENGO



Localizada no Bairro Bela Vista, Km 6, zona sul de Teresina. Estruturada com campo oficial de treinos (podendo se transformar em um estádio), campo soçaito, piscina semiolímpica e infantil, quadra de vôlei de areia, poço tubular com caixa d'água de 5 mil litros, salão de festas, salas administrativas, sala de troféus, casa do atleta.

Fonte: globoesporte.com²⁷³

A sede social do clube era utilizada para eventos e também como local de lazer destinado aos associados do clube, além disso funcionava como centro de treinamentos e também abrigava a parte administrativa do Esporte Clube Flamengo.

Diferentemente do Flamengo do Piauí, a sede social do River Atlético Clube era localizada na zona leste da cidade, mais precisamente na avenida Homero Castelo Branco. A ocupação dessa região se deu após a construção das novas pontes sobre o Rio Poti, inicialmente esta área passou a abrigar habitações irregulares e precárias²⁷⁴. Segundo a historiadora Cláudia Fontineles, essa região se expandiu bastante durante os anos 1970, principalmente pelas obras públicas empreendidas pelo governo Alberto Silva, quanto pelo crescimento demográfico da capital, dessa forma, aquela área acabou se tornando uma área nobre, por conta da alta valorização imobiliária²⁷⁵.

²⁷³ **Após venda de patrimônio, casa de cartola vira "sede" do Flamengo-PI.** Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pi/futebol/times/flamengo-pi/noticia/2015/06/apos-venda-de-patrimonio-casa-de-cartola-vira-sede-do-flamengo-pi.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²⁷⁴ FONTILENES, Cláudia Cristina da Silva; NETO, Marcelo de Sousa. **Nasce um bairro, renasce a esperança:** história e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde. Teresina: EDUFPI, 2017

²⁷⁵ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica:** maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 261.

Assim, a localização da sede social do River se dava na zona na qual habitavam as pessoas com maior poder aquisitivo da cidade. Isso contribuiu para implementar uma imagem do clube enquanto representante das camadas mais abastadas da sociedade.

Imagem 15 – Diretoria do River e convidados em frente a nova sede social do clube.



Fonte: fatos e fotos de um campeão²⁷⁶.

A sede social do River foi inaugurada em 1968 e reuniu no ato de inauguração pessoas consideradas “importantes” da capital piauiense, tendo inclusive a o corte simbólico da fita sendo feito pelo então governador do Estado o Sr. Helvidio Nunes de Barros²⁷⁷, além disso um grande baile marcou a inauguração²⁷⁸.

Como já demonstrado, a fundação dos clubes está diretamente ligada a grupos do cenário político local, ou que se constituíram através do uso político do futebol, portanto, seus integrantes constituíam de fato as camadas mais abastadas da sociedade. A fundação das sedes sociais inclusive, aponta para o poderio econômico que esses clubes detiveram nesse período da história. Entretanto, caracterizar uma torcida como sendo da elite ou das massas, é uma tarefa impossível, por mais que muitos times no Brasil tenham surgido nos estratos sociais mais privilegiados, a popularização do esporte fez com que os torcedores não tivessem classe, nem cor, nem credo.

²⁷⁶ NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 91.

²⁷⁷ Helvídio Nunes de Barros foi um advogado e político brasileiro que governou o Piauí entre 1966 e 1970.

²⁷⁸ NETO, José A. N. **Fatos e fotos de um campeão**. Teresina: Grafiset, 2013, p. 91.

Já as organizações de torcedores chefiadas tanto por Marcos Hidd, quanto pelo senhor Juremal, apontam uma distinção econômica notável. A torcida liderada pelo riverino é proveniente de um movimento de dentro para fora do clube, ou seja, aquele que chefiava a torcida detinha antes da formação da torcida uma posição de destaque dentro do clube. Já os comandados pelo Sr. Juremal se aproximam de um movimento mais espontâneo, inicialmente sem uma ligação direta com a direção do Flamengo, entretanto, com a relevância obtida, o chefe de torcida rubro-negra adquiriu atribuições internas no clube.

3.3 “Esse jogo não é um a um”: as torcidas no jogo da política

Os enlacs entre a política e as torcidas brasileiras no período ditatorial (1964-1985) podem apontar novas perspectivas sobre as várias facetas do regime de exceção pelo qual o Brasil passou, a maneira diversa que agrupamentos de torcedores reagiram a essa momento da história certamente revela as formas de atuação do governo militar brasileiro.

Retomando esse contexto histórico, as vitórias da oposição durante a década de 1970, sobretudo nas eleições de 1974, fizeram com que o governo ditatorial reagisse e lançasse, em 1977, o chamado Pacote de Abril, um conjunto de emendas constitucionais que tinha como objetivo frear o crescimento da oposição, esse pacote decretou a restrição da propaganda eleitoral, o aumento do mandato presidencial de cinco para seis anos e também a eleição indireta de um terço dos senadores, para assim, garantir a maioria do congresso.

Como resposta ao retrocesso do processo de abertura “lenta, gradual e segura”, a passagem dos anos 1970 e 1980 marca o crescimento das manifestações contra o regime ditatorial. As respostas da sociedade vieram em forma de greve dos operários, como a dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo e também de outros setores, dentre eles os das torcidas de futebol. Um movimento que ganhou força dentro das manifestações populares, foi a campanha pela anistia dos presos políticos. Segundo o historiador Carlos Fico, o projeto de abertura política proposta pelo general Geisel²⁷⁹ tinha como objetivo garantir anistia para os torturadores.

Muitos analistas sustentam que o projeto inicial de Geisel foi modificado pela pressão da sociedade. A anistia e a reforma partidária

²⁷⁹ Ernesto Beckmann Geisel (3 de agosto de 1907 - 12 de setembro de 1996) foi um político e militar brasileiro, que entre 1974 e 1979 foi Presidente do Brasil, sendo o quarto na ditadura militar brasileira.

decorreram da necessidade que o governo teve de “negociar reformas e ampliar limites”. Entretanto, a dissolução dos partidos vinha sendo discutida por Geisel e Golbery desde pelo menos 1975, tanto quanto o fim do AI-5 e a anistia [...]. Ou seja, o projeto de Geisel estava delineado desde o início de seu governo e previa todas as etapas, sendo as mais importantes a autoanistia, o enfraquecimento do MDB com o fim do bipartidarismo e a escolha de novo presidente militar por via indireta²⁸⁰.

Percebendo a tentativa do governo ditatorial de preservar os agentes repressivos do estado das punições cabíveis após o final da ditadura, surgem os Comitês Brasileiros pela Anistia, os CBA's eram entidades que surgiram a partir de 1978, logo após o Pacote de Abril, em diversas cidades do Brasil.

O discurso mais radical dos CBAs, surgido contemporaneamente a outras manifestações contra a ditadura – como o movimento estudantil e, logo depois, o sindical –, rompia com a lógica da conciliação. Ao mesmo tempo que reivindicava anistia para os presos políticos (a maioria deles ligada aos grupos de esquerda armada), volta dos exilados, reintegração dos expurgados e dos alunos expulsos das universidades, aprofundava as denúncias dos crimes da ditadura, pedia punição dos responsáveis e demandava esclarecimentos sobre militantes mortos e desaparecidos. A abertura proposta pelo regime não era considerada justificativa para a concessão da anistia. Ao contrário, era denunciada e desmascarada²⁸¹.

Dessa forma, o país assistia a manifestações de rua, passeatas, reuniões em praças públicas e protestos promovidos pelas mais diferentes categorias e entidades, cada uma com sua agenda própria de reivindicações que extrapolavam o grito comum a favor da redemocratização. Dentre as entidades que se rebelam contra a tentativa de recusa por parte do governo Geisel em reconhecer a reivindicação da anistia estavam as torcidas organizadas. Merece destaque a atuação da torcida Gaviões da Fiel no movimento pela anistia, pois, em 1979, os atos pela liberdade dos presos e exilados chegavam aos estádios. Num jogo contra o Santos, torcedores do Corinthians abrem uma faixa pedindo anistia ampla, geral e irrestrita.

Imagem 16 – Protesto feito por integrantes da torcida corinthiana em 1979.

²⁸⁰ FICO, Carlos. Ditadura Militar: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista tempo e argumento**. Florianópolis, n. 20, 2017. p. 65-66.

²⁸¹ RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e seus significados ontem e hoje. In: MOTA, Rodrigo Patto Sá & REIS FILHO, Daniel Aarão (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 106.



Fonte: Nexo²⁸²

A manifestação retratada na imagem foi um exemplo claro de que o futebol é muito mais do que um jogo de bola e que os torcedores representam muito mais do que o simples apoio pelo clube time de coração, essa atitude representou uma manifestação pública singular em defesa dos presos e dos perseguidos políticos. Sobre o surgimento da torcida Gaviões da Fiel e sua aproximação com a política do período Chico Malfitani, um dos fundadores, revela como se deu a criação desse grupo:

Tava na direção do Corinthians um político chamado Wadih Helu, um político da Arena que apoiou a ditadura militar e tava a mais de dez anos no poder do Corinthians, e usava o Corinthians politicamente para se reeleger[...] e o time numa situação[...] numa época do Corinthians chamada “faz-me rir”. Eu não lembro quem foi que sugeriu: “então vamos botar Gaviões da Fiel”. Ô, legal porque o Gavião representa força, independência, que era o que a gente queria, ter uma torcida independente do clube, que ela fosse uma força fiscalizadora, já que a grandeza do Corinthians não é o clube, são os seus torcedores. O maior patrimônio é a sua torcida, caberia a ela, decidir o rumo do clube. E a gente sempre procurou participar de todos os mais importantes eventos políticos do Brasil. Desde a campanha das Diretas já, a campanha da anistia [...] sempre teve essa relação²⁸³

O surgimento das Torcidas Organizadas se insere no contexto político do país, a fundação do Gaviões da Fiel não é um fato isolado nem tampouco a abertura da faixa um

²⁸² **Como o futebol brasileiro encarou a ditadura.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/02/16/Como-o-futebol-brasileiro-encarou-a-ditadura>>. Acesso em: 01 jun. 2020

²⁸³ MALFITANI, Chico. **Entrevista concedida à Fundação Getúlio Vargas.** São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

protesto efêmero. Em suma, a abertura daquela faixa pode ter representado uma forma inicial que milhares de torcedores, pessoas comuns, tiveram com o movimento não só da anistia, mas de protesto à ditadura como um todo.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda destaca que a emergência das Torcidas Organizadas de Futebol atendeu as novas demandas de participação e de diferenciação por parte de contingentes urbanos em um domínio cada vez mais competitivo, massificado e mercantilizado²⁸⁴, essas torcidas muitas vezes surgiram do rompimento com o modelo de torcedor dos anos 1950 e 1960, como as charangas e os chefes de torcidas. Como já elucidado no primeiro capítulo deste trabalho, as charangas e os chefes de torcidas tinham como característica principal o apoio ao time pautado numa boa relação com a diretoria. Assim como a maior torcida organizada do Corinthians, outras se manifestavam contra a ordem instituída, ultrapassando assim as dimensões das arquibancadas.

Enquanto a Torcida Uniformizada do Palmeiras, a TUP, declarava greve contra o desgoverno instalado no Parque Antártica, a Torcida Jovem do Santos reclamava participação nas decisões tomadas em Vila Belmiro. Os Gaviões da Fiel por sua vez, distribuíam panfletos no centro da cidade, convocando os torcedores do Corinthians para o ato de contestação à “ditadura” vigente no Parque São Jorge²⁸⁵.

Tais reivindicações dos torcedores estão somadas as mudanças estruturais pelas quais o futebol passou durante os anos 1970 e 1980, essas torcidas eram em sua grande maioria formada por jovens, reclamavam para si o direito ao protesto e também de contestar as fases críticas das equipes. Essas novas formas no modo de torcer marcadas por uma busca de participação refletem os anseios de boa parte de uma geração que vivia sob a égide de um governo nacional autoritário. As exigências por maior participação nos clubes de futebol não se resumem aos torcedores, os jogadores também passaram a buscar um maior espaço de atuação, como exemplifica a reportagem da Revista Placar de 1981.

A histórica reunião foi realizada no bar da piscina do Fluminense, entre goles de cerveja e salgadinhos. Era véspera de carnaval e, após breves negociações, o vice-presidente Rafael de Almeida Magalhães e os representantes dos times de futebol – o lateral Rubens Gálaxe, o centroavante Cláudio Adão e o goleiro Paulo Goulart – chegaram a um acordo: a classificação na segunda fase da Taça de Ouro valerá a cada jogador um gordo prêmio de 120 mil cruzeiros. Mais do que isso: ficou estabelecido que, de agora em diante, os atletas terão voz ativa em todas

²⁸⁴ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

²⁸⁵ FLORENZANO, José Paulo. A democracia corinthiana e os Gaviões da Fiel. In. HOLLANDA, Bernardo Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (org's.). **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 95.

as decisões relativas à equipe. Em resumo, num fato inédito para um grande clube brasileiro, nada será feito lá dentro sem que eles sejam consultados, opinem e até votem²⁸⁶.

A reportagem da Revista Placar aponta dois fatores importantes, o primeiro é o pagamento de uma bonificação aos jogadores e o segundo – que merece mais destaque – a conquista da participação dos atletas nos aspectos que antes diziam respeito apenas aos dirigentes. Outro ponto importante desta reportagem é o seu título: “A abertura das Laranjeiras”²⁸⁷, no qual há uma clara referência ao embate político travado na sociedade brasileira pela abertura política do país. É importante elucidar que até mesmo a própria torcida esteve envolvida nesse processo, pois ainda segundo a reportagem “até mesmo as torcidas organizadas serão ouvidas pelo clube”²⁸⁸.

É importante destacar que as fontes não representam a “verdade nua e crua”, portanto, não se pode esperar que “uma coisa se comporte na realidade da mesma forma como ela se apresenta a quem a contempla”²⁸⁹. Dessa forma, ao buscarmos entender mais sobre as conquistas obtidas, pudemos perceber que ela representa ao mesmo tempo um processo vivenciado pelos jogadores que Bernardo Buarque de Hollanda aponta como sendo uma segunda fase do profissionalismo²⁹⁰, mas também como uma resposta político-partidária à sociedade, uma vez que o vice-presidente do Fluminense, o senhor Rafael de Almeida Magalhães, era ex-governador do Estado da Guanabara²⁹¹ e um dos dirigentes do PMDB no Rio de Janeiro²⁹², partido esse sucessor ao MDB e que fazia oposição ao governo ditatorial. Dessa forma, ao conceder uma maior participação aos jogadores a diretoria do Fluminense buscava ao mesmo tempo demonstrar um apreço pela democracia.

Nos principais centros futebolísticos o as torcidas organizadas que surgiram no período adotavam um tom crítico tanto para a diretoria dos clubes quanto para o cenário político da época, o que acaba inclusive se refletindo dentro dos clubes, como é o caso do Fluminense e também do Corinthians a partir do movimento que ficou conhecido como

²⁸⁶ **Revista Placar**, nº 565, 13 de março de 1981, p. 27.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 27.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 28.

²⁸⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 168.

²⁹⁰ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de [et al.]. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letra, 2012, p. 110.

²⁹¹ A Guanabara foi um estado do Brasil de 1960 a 1975, que existiu no território correspondente à atual localização do município do Rio de Janeiro. Em sua área, esteve situado o antigo Distrito Federal, antes da transferência da capital federal para Brasília.

²⁹² Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. **Rafael De Almeida Magalhães**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rafael-hermeto-de-almeida-magalhaes>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

Democracia Corinthiana, uma experiência de autonomia e de participação dos atletas nas tomadas de decisões do clube, que, na visão de José Paulo Florenzano, representou uma brecha antropológica no universo do futebol brasileiro, criando novas significações imaginárias sociais, descortinando outras possibilidades do ser atleta, ampliando os sentidos do jogar bola e tecendo as jogadas indefinidas do trabalho de reinventar a liberdade²⁹³.

No Piauí, as faces do autoritarismo no futebol se deram de maneira mais nítida no início dos anos 1970, sobretudo após o fortalecimento da equipe do Tiradentes, uma agremiação que era ligada ao comando da polícia militar do Piauí. Nas lembranças do senhor Marcos Hidd, um fato que exemplifica bem o futebol durante o período militar era a tentativa ganhar na “marra”.

Eu fui na televisão e fiz uma declaração que no grito e no apito ninguém ganharia do River, já uma decisão de campeonato. E um pessoal da imprensa foram ao coronel Canuto²⁹⁴, dizer pra ele que eu tinha declarado que o Tiradentes tinha comprado o juiz pra ser beneficiado no jogo. E quando o River entrou em campo nessa segunda partida, o Tiradentes não entrou. O coronel Canuto disse que o Tiradentes só entraria em campo se o “moleque” do Marcos Hidd fosse pedir desculpas a ele lá no meio do campo. Isso o Lindolfo Moteiro tinha lá no dia desse jogo umas 11 ou 12mil pessoas, a capacidade dele são 8 mil torcedores, mas nesse dia tinha entre 11 e 12 mil pessoas. Lotado! E eu fui pego de surpresa, aí eu mandei dizer para o coronel que o “moleque do Marcos Hidd”, tinha mandado dizer pra ele que não ia pedir desculpas a ele porque não devia a ele nenhum pedido de desculpas, e por causa disso não houve jogo e nós ganhamos o jogo por w.o. O Tiradentes não entrou em campo²⁹⁵.

O evento descrito pelo chefe de torcida remete a decisão do campeonato piauiense de 1973, disputado entre River e Tiradentes, tendo sido a equipe riverina a grande campeã. O motivo das tensões que envolveram essa decisão era o fato de que o campeão estadual daquele ano deveria ser o representante piauiense no campeonato nacional daquele ano. Embora o River tenha vencido o torneio, quem ficou com a vaga foi o representante da polícia militar após ter sido vencedor de um novo campeonato, um triangular envolvendo as equipes de River, Flamengo e o próprio Tiradentes.

²⁹³ FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de libertação no futebol brasileiro. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

²⁹⁴ Canuto Tupy Caldas foi comandante da Polícia Militar do Piauí durante o primeiro governo Alberto Silva e presidente da Sociedade Esportiva Tiradentes.

²⁹⁵ SANTOS, Marcos Antônio Hidd. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

Em Teresina, esse ato de rebeldia parece ter sido um fato isolado, inclusive no depoimento do representante da torcida riverina, ele e o coronel Canuto Tupy Caldas teriam se tornado bons amigos. A realidade é que os chefes de torcidas adotaram uma postura diferente em relação à política do período, quando comparado às torcidas organizadas já citadas anteriormente. Se, por um lado, os dirigentes utilizavam os clubes e os torcedores como forma de se lançarem a cargos públicos, por outro lado os torcedores buscavam também um papel dentro da política do clube.

Eu fui funcionário do Flamengo. Um dos melhores presidentes que teve, uma das filhas dele era aluna da minha irmã, que também era flamenguista e que ajudava a gente na torcida. Aí ele frequentava minha casa como se fosse um amigo normal mesmo. E essa amizade fez com que[...] foi quando começou essa transição pra essa sede que foi vendida na calada da noite, como você já deve ter ouvido falar, que venderam aquela sede que hoje tem o atacadão da zona sul. Ela foi fundada por ele, e ele precisava de uma pessoa de confiança[...] e eu tinha até um emprego de razoável pra bom na empresa que na época era grande, a SERVSAN, eu era encarregado dos almoxarifados. Deixei lá pra ir pro Flamengo [risos], e aí eu fiquei me dedicando até começo da década de 1990, minha vida foi só Flamengo²⁹⁶.

O presidente ao qual nosso entrevistado se refere é Avelino da Rocha Neiva, tendo exercido a presidência do Flamengo entre os anos de 1983 a 1988, a conquista do título de 1984 e posteriormente o tricampeonato piauiense entre os anos de 1986 a 1988 deram à Avelino Neiva muita notoriedade entre os torcedores rubro-negro. A fala do nosso entrevistado remete ao momento em que ingressou como funcionário do Flamengo Esporte Clube, assumindo diversas funções dentro da agremiação.

Eu fui tudo dentro do clube, do auxiliar de escritório ao gerente de sede, supervisor de futebol, tudo que você imaginar eu fazia. E eu conseguia virar era um ninja, eu mesmo estando no futebol eu ainda conhecia todos os sócios do Flamengo[...] e a maior parte do tempo dedicado ao futebol, que tomava muito tempo. E ainda sobrava tempo pras torcidas, mesmo nessa época²⁹⁷.

Como era comum no período, mesmo assumindo cargos administrativos dentro do clube, as torcidas ainda permaneciam ligadas a ele. Mais do que as atribuições comumente exercidas dentro de um clube, o Sr. Juremal nos revelou uma segunda função que para nós foi de muita importância para estabelecermos uma relação entre os torcedores e a política do período.

²⁹⁶ SENA, Claudio Juremal Euclides. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

²⁹⁷ SENA, Claudio Juremal Euclides. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

O Themístocles²⁹⁸, ele já era deputado e na época ele lutava pra uma das reeleições dele e ele também ajudava a torcida, e ele ajudava, eu juro pra você, tem político que você vê que te ajuda, mas com uma vontade de coisas escusas: “eu te ajudo, você me ajuda”. Mas ele ajudava porque ele gostava do Flamengo também. Aí eu dizia pra turma: “vamos ajudar esse homem aí porque ele estando lá é mais uma voz em favor do próprio Flamengo, dar um futuro melhor, uma coisa parecida²⁹⁹”.

Apesar de relatar que não havia intenção de ambas as partes, o que fica claro é o jogo de interesses tanto de um lado quanto do outro. Enquanto o então deputado atuava como uma espécie de patrocinador da torcida rubro-negra e esperava em troca o apoio nas eleições, os torcedores buscavam uma representatividade dentro da assembleia legislativa que defendesse os interesses do clube.

Como já explicitado no segundo capítulo desse trabalho, os presidentes dos clubes buscavam fazer de suas torcidas as bases de apoio para uma possível candidatura, foi o que tentou fazer Avelino Neiva, então presidente do Flamengo, porém, a candidatura do mandatário rubro-negro não foi bem sucedida.

E o presidente [Avelino Neiva] ele também tinha esse pensamento, só que eu disse pra ele: “você tem que usar o seu cargo porque a memória do brasileiro é curta, ou você usa com você dentro do clube ainda pra ser candidato, ou então você não vai conseguir”. Aí ele disse que assim não se sentia bem, aí ele foi fazer uma coisa que os políticos não fazem, dois anos depois é que ele tentou ser candidato. Mesmo com a ajuda da gente ele não conseguiu ser eleito³⁰⁰.

Na sua fala, o sr. Juremal se mostra bem ciente da utilização do clube como uma via para a vida pública, além do então presidente Avelino Neiva, nosso entrevistado enumera uma série de outros presidentes que empregaram táticas semelhantes.

No passado, teve o sr. Rodrigues Filho que foi presidente, foi através do conhecimento do trabalho dele a frente do Flamengo que ele foi vereador. O dr. Jesus Elias Tajra, os irmãos dele também conseguiram lograr êxito e notoriedade e tudo foi através do Flamengo. Mas fizeram a coisa certa, aproveitam a notoriedade na época certa mesmo³⁰¹.

Eis, portanto, uma das principais facetas dos grupos de torcedores que possuíam vínculos diretos com as diretorias dos clubes, a tentativa de buscar o melhor para o time, mesmo que isso significasse se deixar usar por fins políticos. Se de um lado as torcidas

²⁹⁸ Themistocles de Sampaio Pereira Filho é um advogado e político brasileiro. Atualmente exerce o oitavo mandato de deputado estadual pelo Piauí.

²⁹⁹ SENA, Claudio Juremal Euclides. **Entrevista concedida a Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ Idem.

organizadas que surgiram nos grandes centros futebolísticos durante os anos 1970, buscaram no conflito aberto contra as diretorias a forma de proteção aos seus clubes, os representantes das duas maiores torcidas teresinenses buscaram através da associação com os dirigentes uma forma de garantir os seus interesses. Os torcedores desse período pareciam pressentir os riscos que os aguardavam dos dois lados do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a transmissão de uma partida final, o narrador e os comentaristas tecem alguns comentários sobre o jogo disputado. Aqui nos cabe um papel parecido. A história do esporte é um campo de estudo que vem se consolidando nos meios acadêmicos, entretanto, ainda encontra algumas barreiras. Talvez os obstáculos sejam erguidos por aqueles que não veem no futebol uma representação legítima de manifestação do povo brasileiro.

Durante a curta jornada de pesquisador e professor, percebemos que boa parte do conhecimento é produzido para permanecer dentro dos muros das instituições de ensino e que algumas temáticas são privilegiadas em detrimento de outras. O futebol enquanto objeto de investigação da ciência histórica funciona como um drible desconcertante naqueles que aprisionam o conhecimento. Acreditamos que as barreiras da educação podem ser superadas por meio de uma temática tão próxima do dia a dia das pessoas como é o futebol.

Existem várias formas de se abordar o futebol, sobretudo quando se tem nessas possibilidades a aproximação com a política. Não enveredamos pelo caminho mais simples e tentador, no qual os agentes políticos do estado subverteram a maior paixão nacional aos seus interesses particulares e fizeram dos apaixonados pelo esporte uma verdadeira massa de alienados e manipulados pelo sistema. Longe disso, aqui tomamos o futebol e suas associações como uma espécie de espelho do Brasil, no qual reflete a sociedade em seus diferentes contextos históricos, percebemos, pois, que ele influenciou e foi influenciado ao longo do tempo.

Nesse sentido, também não podemos negar que o futebol foi utilizado como forma de associação com o povo. Assim como a imprensa, a religião e diversos outros mecanismos também foram ao longo da história, e isso se deve ao fato de que o futebol é um fenômeno político, assim como torcer também o é. Nossa proposta foi, portanto, estabelecer um panorama que permitisse ao leitor perceber como essa relação foi construída ao longo do tempo. Mais ainda, constatamos que as formas de torcer estão diretamente ligadas ao período histórico e também ao lugar, e que as transformações na cultura torcedora se deram em confluência com o tempo histórico de cada espaço, obedecendo especificidades e dinâmicas locais.

As relações entre futebol e política foram construídas ao longo do tempo, longe de se constituírem de forma mecânica, essas associações tiveram suas particularidades em contextos específicos. No período ditatorial, o governo federal deu grande

importância ao principal esporte nacional, sobretudo após a conquista da Copa do Mundo de 1970, sua principal estratégia era utilizar a seleção como um dos principais símbolos da identidade nacional e também de prosperidade daquele regime autoritário. Além disso, o futebol fez parte do projeto de integração nacional do país, a construção dos estádios por todas as regiões do Brasil estava ligada a jogos de interesse, clientelismos e dependência financeira e política de líderes locais com o governo nacional. Parte importante do Projeto de Integração Nacional, foi a inserção de diversos clubes de futebol em um novo modelo de campeonato nacional.

As associações entre a política e os clubes, foram estabelecidas através da dependência financeira, uma vez que numa época sem acordos milionários de marketing, transferências de jogadores por valores astronômicos e também os caríssimos direitos de transmissões, as receitas dos clubes dependiam das receitas nos estádios e, principalmente, dos repasses governamentais. Isso gerou uma intensa disputa entre os clubes locais, uma vez que eles possuíam representações no cenário político.

Em Teresina, a gestação dos principais clubes de futebol esteve no útero da política. A fundação do Flamengo Esporte Clube foi através do Senador Arêa Leão, alguém com profundas raízes na política do estado e de grande aporte financeiro. Também com ligações políticas, mas não tão diretas, se deu a fundação do River Atlético Clube. Com o passar do tempo, tanto River quanto Flamengo tiveram os membros das suas diretorias ocupando diversos cargos políticos no cenário local e também em nível nacional.

Esses enlaces ganharam novos contornos com a fundação da Sociedade Esportiva Tiradentes, que esteve diretamente ligada ao governo de Alberto Silva, no início dos anos 1970. A presença de um novo clube que rivalizasse com os principais clubes locais, refletia as novas e velhas disputas políticas que se configuravam no auge da ditadura militar. Inclusive, os clubes e o futebol como um todo se tornaram uma ponte direta de comunicação com o governo federal, principalmente pela inserção do Piauí na principal competição de clubes do Brasil, que só foi possível mediante a construção de um novo estádio de futebol na capital.

As categorias de torcedores tiveram suas características moldadas frente ao contexto em que estavam inseridos. Os torcedores símbolos, os chefes de torcidas e as charangas surgiram nos principais centros futebolísticos durante os anos 1950 e, para além de uma representação carnalizada da forma de torcer, esses grupos acabaram se tornando próximos e influentes dentro das diretorias dos clubes. Nas principais cidades do país esse modelo foi contestado a partir do surgimento das Torcidas Organizadas de

Futebol, que possuíam um caráter muito mais contestador para com as políticas adotadas pelos clubes. Esses modelos representaram também as manifestações que marcaram o período de abertura política, que adentrou os clubes e garantiu maior representatividade para os jogadores. Dessa forma, temos o futebol subvertendo a lógica repressora e antidemocrática que ainda vigorava no país.

Em Teresina, esses modelos de torcida ganharam destaque nos anos 1970 e 1980. O primeiro grupo de torcedores do River não se deu de forma espontânea e exterior ao clube, na verdade o chefe de torcida era membro da própria diretoria do clube, é um processo de dentro para fora. De forma diferente, constatamos que os agrupamentos de torcida do Flamengo em torno de uma liderança, se deram de forma espontânea. Porém, como era característico dessa cultura torcedora, os principais chefes de torcida foram conquistando espaços na diretoria do clube.

Como já dito, os torcedores não eram alheios aos interesses dos membros da diretoria e não só conheciam como incentivavam a ida desses representantes aos palanques e conseqüentemente aos cargos públicos. Os chefes de torcidas se tornavam vozes ativas frente aos demais torcedores e funcionavam como uma espécie de cabos eleitorais do presidente do clube. Esses torcedores tinham a esperança de que os dirigentes se tornassem voz ativa em defesa dos interesses não só dos seus times de coração, mas também do futebol piauiense como um todo.

Concluimos esse trabalho sem colocarmos um ponto final na discussão que nos propomos a realizar. Muito pelo contrário, acreditamos que diversas óticas de análises foram abertas e que elas merecem novas reflexões e novas revisões, dessa forma, muitos outros pontos devem e podem ser estudados a partir do presente estudo. Finalizamos portanto, com a esperança de termos dado um norte para um longo caminho que, certamente, será trilhado na busca por um melhor entendimento sobre a história do futebol em nosso Estado.

REFERÊNCIAS

A história do Maracanã. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-maracana/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, B. Carla. (Org). São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, 125-136, 1996.

AMADO, J; FERREIRA, M. de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, 2015.

Após venda de patrimônio, casa de cartola vira "sede" do Flamengo-PI. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pi/futebol/times/flamengo-pi/noticia/2015/06/apos-venda-de-patrimonio-casa-de-cartola-vira-sede-do-flamengo-pi.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ARIÈS, P. **O tempo da história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezy (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: contexto, 2015.

- BARROS, D. da R. **Futebol Piauiense: entre tramas e memórias** (décadas de 60 e 70). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.
- BARROS, J. D'A. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre a literatura e a história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAIS, A. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 19.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989, p. 7-8.
- BRASIL. **Estatuto de defesa do torcedor**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/ESTATUTO_DO_TORCEDOR.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- _____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Arquivo Nacional. Memórias Reveladas. **Imagens e documentos do período de 64 a 85**. Disponível em: <<http://www.memoriasreveladas.gov.br/index.php/galeria-de-imagens-2/12-imagens-e-documentos-do-periodo-de-64-a-85/detail/355-imagens-e-documentos-do-periodo-de-64-a-85>>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- BURKE, P. **A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- _____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. São Paulo – Companhia da Letras, 1991.
- CAMPOS, F. de; TOLEDO, L. H. de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, Brasil, n. 99, p. 123-138, nov. 2013. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307>>. Acesso em: 19 Nov. 2018.
- CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CASTRO, Dídimo. **Ríver A. Clube**. Piauí: 1979.
- _____. **Sociedade Esportiva Tiradentes**. Ano I, nº 1, janeiro de 1975, p. 2.
- CAVALCANTI, E. A.; SOUZA, J.; CAPRARO, A. M.. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil - elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da Alesde**, v. 3, p. 39-51, 2013.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC.

Rafael De Almeida Magalhães. Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rafael-hermeto-de-almeida-magalhaes>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

Como o futebol brasileiro encarou a ditadura. Disponível em:

<<https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/02/16/Como-o-futebol-brasileiro-encarou-a-ditadura>>. Acesso em: 01 jun. de 2020

COUTO, E. de F. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930 – 1978).** Niterói: Editora da UFF, 2014.

Da criação do Brasileirão aos elefantes brancos, como o futebol entrou no Plano de

Integração Nacional. Disponível em: <[https://trivela.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-](https://trivela.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elfantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/)

[elfantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/](https://trivela.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elfantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/)>. Acesso em: 18 mai. 2020.

DaMATTA, R. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (et al.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel. 1985.

Estádio Governador Alberto Tavares Silva. Disponível em:

<<https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2017/02/01/estadio-governador-alberto-tavares-silva-albertao/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FICO, C. Ditadura Militar: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista tempo e argumento.** Florianópolis, n. 20, 2017. p. 65-66.

_____. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In. FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs.). **O Brasil Republicano: O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Flamengo e Corinthians seguem na liderança de torcidas. Disponível em:

<<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/04/1964748-flamengo-e-corinthians-seguem-na-lideranca-de-torcidas.shtml>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

Flamengo-PI comemora bodas de diamante em seus 75 anos de história. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/pi/futebol/times/flamengo-pi/noticia/2012/12/flamengo-pi-comemora-bodas-de-diamante-em-seus-75-anos-de-historia.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FLORENZANO, J. P. A democracia corinthiana e os Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. de; NEGREIROS, P. L. (Org's.). **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

_____. **A democracia corinthiana: práticas de libertação no futebol brasileiro.** 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

FONTINELES, C. C. da S. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. **Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 428-441, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24744>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744>.

Acesso em: 14 jul. 2020.

_____. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí.** Teresina: EDUFPI, 2015.

FONTINELES, C. C. da S.; NETO, M. de S. **Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde.** Teresina: EDUFPI, 2017.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48ª Ed. São Paulo: Global, 2003.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo.** Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2015.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Relações de força: história, retórica e prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUEDES, S. L. A dádiva e os diálogos identitários através das copas do mundo no Brasil. In: CAMPOS e ALFONSI (Orgs.). **Futebol objeto.** São Paulo: Leya, 2014.

- GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: o Caso da Copa de 70**. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- HAAG, F. R. Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. **Esporte e sociedade**. Ano 9, n. 23, março 2014.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HOLLANDA, B. B. B. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, B. B. Bernardo [et al.]. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- _____. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports. In: HOLLANDA, B. B. B; MELO, V. A. de. (Org.). **Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- _____. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, B. C. (Org). São Paulo: Contexto, 2015.
- MAGALHÃES, G. L. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- MELO, V. A. de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B. B. de. MELO, V. A. de. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- MELO, V. A. de. *et al.* **Pesquisa histórica e História do Esporte**. Editora: 7 letras; Coleção Visão de Campo, 2013.
- MELO, V. A. de; FORTES, R. História do Esporte: panoramas e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.12, n. 22, 2010, pp. 11-35.
- MENDONÇA, S. R.; FONTES, V. História e teoria política. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- MOURA, M. I. **No campo de jogo da memória: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975)**. Dissertação (mestrado) – Universidade federal do Piauí. Teresina, 2016.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, F. A. do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n.53, p.195-214, 2007.

NUNES, J. A. N. **Fatos e fotos de um Campeão**. Teresina: Grafiset, 2013.

OLIVEIRA FILHO, S. G. de. **Memória do futebol piauiense**. Vol.1. Teresina, 2014.

OLIVEIRA, M. A. de. **Da terra ao céu: Culturas políticas e disputas entre o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964)**. Tese (Doutorado), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016.

PARDINI, M. N. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o estado novo (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, D. de C. **Flamengo 40 anos: saldo positivo**. Dídimo de Castro, Teresina, 1977.

PESAVENTO, S. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. FGV/CPDOC, v. 8, n. 16, jul-dez, p. 279-290, 1995.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n.10, p. 200-215, 1992.

RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis, Vozes, 1984.

REIS, J. C. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RÉMOND, R. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODEGHERO, C. S. A anistia de 1979 e seus significados ontem e hoje. In: MOTA, R. P. S.; REIS FILHO, D. A. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOCIEDADE ESPORTIVA TIRADENTES. Disponível em:
<<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/sociedade-esportiva-tiradentes>>.

Acesso em: 17 jul. 2020.

- SOCIEDADE ESPORTIVA TIRADENTES. **Sociedade Esportiva Tiradentes**. Teresina, PI, 1975.
- SOUZA, B. J.; RAMALHO ANTÔNIO, V. S. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, p. 1-19, jul. 2014. ISSN 1981-3341. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1445>>. Acesso em: 19 Nov. 2018.
- TOLEDO, L. H. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.
- _____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- TORO, Camilo A. O jornal *O gavião* e os sentidos de torcer. In: **Os gaviões da fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. HOLLANDA, B. B.; NEGREIROS, P. L. (Org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- VOLDMAN, D. Definições e usos. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- WISNIK, M. J. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, T. T. da (org). 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ENTREVISTAS

- BRANCO, Delson Castelo. [Entrevista concedida a] BARROS, D. R. **Arquivo pessoal** de Deusdete da Rocha Barros. Teresina, 19 de dezembro de 2017.
- MALFITANI, Chico. [Entrevista concedida] à **Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>>. Acesso: 29 de junho de 2020.
- MINDUÍM. [Entrevista concedida à] **Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>>. Acesso: 29 jun 2020.
- PULGUINHA. [Entrevista concedida à] **Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>>. Acesso: 29 jun 2020.

SANTOS, Marcos Antônio Hidd. [Entrevista concedida à] **Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 9 de junho de 2019.

SENA, Claudio Juremal Euclides. [Entrevista concedida à] **Joaquim Kayk Breno Conrado**. Teresina, 6 de julho de 2020.

JORNAIS E REVISTAS

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1932, p.4.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1 dezembro de 1943, p. 2.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1950, p. 5.

O Dia. Teresina, 22 de junho de 1972, p. 9.

O Dia. Teresina, 04 de janeiro de 1973, p. 7.

O Dia. Teresina, 4 de outubro de 1977, p. 9.

O Dia. Teresina, 16/17 de agosto de 1973, p.11.

O Dia. Teresina, 23 de agosto de 1973, p.1.

O Dia. Teresina, 26 de outubro de 1986, p. 9.

O Estado, 15 de maio de 1973, p.6.

O Estado. Teresina, 10 de fevereiro de 1976, p. 10.

Revista Placar. N. 236. São Paulo, 8 de setembro de 1974, p. 32.

Revista Placar. N. 376. São Paulo, 8 de julho de 1977, p. 58.

Revista Placar. N. 565. São Paulo, 13 de março de 1981, p. 27.

DOCUMENTOS

BRASIL. Secretaria de Administração. Diretoria da Administração de pessoas. Coordenação Geral de Documentação e Informação. Coordenação de Biblioteca. **Na praça do povo**. p. 21, 1970. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/03/view>>. Acesso em: 02 abr. 2020

_____. Secretaria de Administração. Diretoria da Administração de pessoas. Coordenação Geral de Documentação e Informação. Coordenação de Biblioteca. **Valor do homem brasileiro**. p. 82-84, 1970. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/16/view>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. **Eleições 1945 a 1994**. Disponível em: <<http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

_____. **Eleições 1954 - Resultado por município para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador**. Disponível em: <<http://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

_____. **Eleições 1972 – Resultado por município para Prefeito, Vice Prefeito e Vereador**. Disponível em: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pi-resultado-eleicao-para-prefeito-vice-prefeito-vereador-1972/rybena_pdf?file=http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pi-resultado-eleicao-para-prefeito-vice-prefeito-vereador-1972/at_download/file>. Acesso em: 6 jun. 2020.